Pág. 3: VINÍCIUS DE MORAES EM «ESTA ESTRANHA LISBOA» por Urbano Tavares Rodrigues

Diário de Lisboa

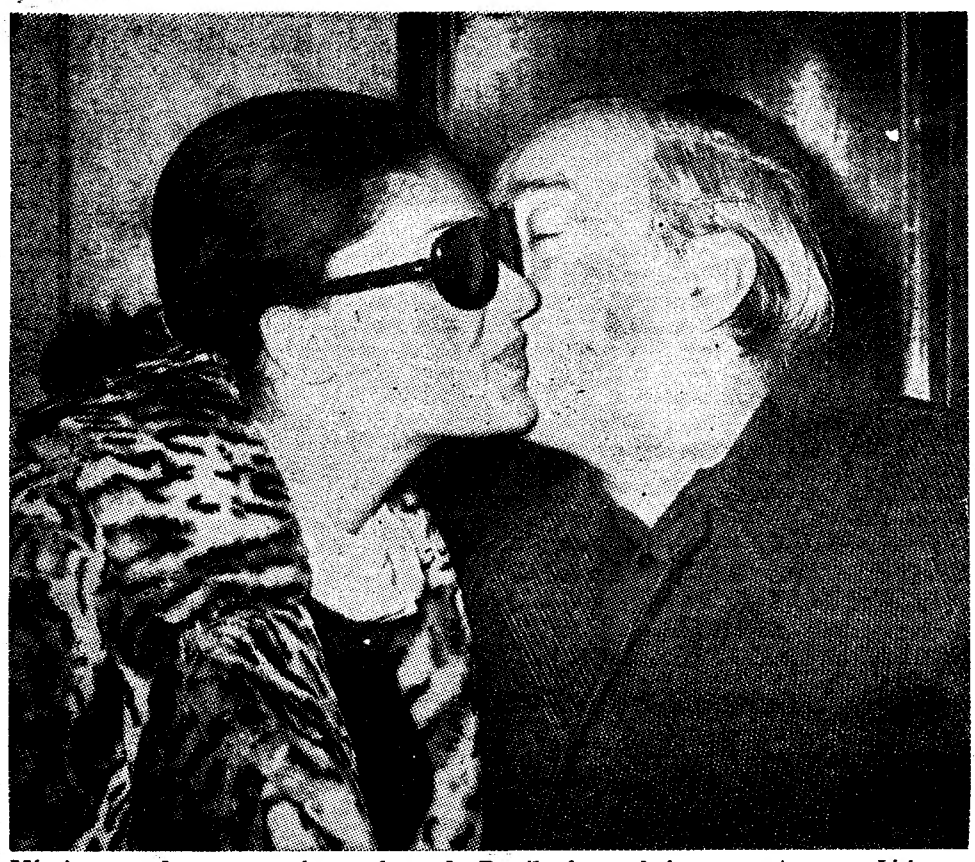
FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 12 DE DEZEMBRO DE 1968 N.º 16 517 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL

Concurso PHILIPS

TRIUNFO DA TECNICA



Márcia, uma das vozes mais populares do Brasil, chegou hoje para actuar em Lisboa. A' sua espera estava Vinicius — um longo beijo de boas-vindas (Ler na pág. 16)

OS E. U. A. RETIRAM DO MAR NEGRO OS SEUS NAVIOS

NAPOLES, 12 — (R.) — Os dois contratorpedeiros americanos que, na segunda-feira passada, entraram no Mar Negro apesar dos protestos soviéticos, estão agora a passar o Bósforo, de regresso ao Mediterrâneo — anunciou hoje nesta cidade um informador da Marinha norte-americana.

A semana passada os meios noticiosos soviéticos consideraram a viagem do «Dyess» e do «Turner» ao Mar Negro uma provocação.

O departamento da Defesa norte-americano afirmou, repetidas vezes, que os navios efectuavam uma viagem de rotina semelhante a outras feitas anteriormente ao Mar Negro sem quaisquer protestos soviéticos.

O departamento desmentiu também uma acusação russa de que a passagem no Bósforo era uma violação da convenção de Montreux sobre a tonelagem e poder de fogo de navios de guerra no Mar Negro.

O AUMENTO DOS PREÇOS DOS BILHETES DE «ELÉCTRICO»

Foram dados por findos os trabalhos da Comissão Arbitral de Tarifas nomeada para apreciar o novo pedido de aumentos dos bilhetes dos carros eléctricos, apresentado pela Carris. O acórdão da comissão será entregue ao Município para ulterior decisão deste.

Tudo leva a crer que a Carris poderá ver concretizado o seu pedido de aumento de 1$00 para 1$50 quando o percurso compreender mais que três zonas. Até este limite manter-se-ia a tarifa de 1$00.

EXAGERADAMENTE CONSERVADORES

— opinião do «New York Times» acerca de alguns ministros do Gabinete de Richard Nixon

Melvin Robert Laird, nomeado ontem secretário da Defesa pelo presidente-eleito dos Estados Unidos, Richard Nixon. Segundo o «New York Times», a nomeação de Laird «não pode ser recebida com entusiasmo»

NOVA YORK, 12 — (F. P.) — O «New York Times» publica na primeira página, comentários dos seus correspondentes em Washington, John Frankel e John Herbers, que acentuam a tendência «moderada» do Gabinete constituído por Richard Nixon, presidente-eleito dos Estados Unidos.

Mas, em artigo de fundo, o jornal critica severamente a escolha de certo ministros que tem por exageradamente conservadores.

«Um gabinete reflecte as qualidades pessoais e as tendências políticas do presidente que o constituiu» — escreve o fundista. «Como grupo, os ministros recrutados por Nixon são á imagem do seu chefe. Como ele, são inteligentes, conservadores, moderados, competentes e incolores... A sua unica uniformidade é deveras impressionante».

Falando a seguir dos prin-

(Continua na 12.ª página)

A 12.ª EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARTE CULINÁRIA (Francfort) DESCRITA por Maria de Lourdes Modesto

(Ler na 9.ª página)

O NATAL visto pelas crianças

Os melhores trabalhos plásticos serão expostos na «Dinastia»

Os melhores trabalhos plásticos apresentados a «O Natal visto pelas crianças» serão este ano expostos na maior galeria particular e casa de antiguidades de Lisboa, a «Dinastia», na Rua da Escola Politécnica. Esta é a boa notícia que hoje podemos dar aos nossos jovens amigos e concorrentes à décima primeira edição desta nossa já tradicional iniciativa.

A «Dinastia», pois, entre o Largo do Rato e a Rua Nova de São Mamede, será o local — com condições excepcionais para esse efeito, dado que se trata também da mais moderna e bem equipada galeria de Lisboa — onde os pequenos concorrentes poderão ter a alegria e a honra de ver expostos os seus trabalhos. E contamos que sejam expostos algumas centenas escolhidos entre os muitos milhares que já começaram a afluir ao nosso jornal, onde devem ser entregues.

Entretanto, uma vez mais

(Continua na 5.ª página)

HOJE 36 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

QUANTOS MILHÕES DE CONTOS ESTÃO DEPOSITADOS NA SUÍÇA?

— perguntou o deputado Cutileiro Ferreira na Assembleia Nacional

Ler na página central

A PROPOSTA DE LEI DE MEIOS PARA 1969 — III

Por GILBERTO RAMOS

TERMINADA A ANÁLISE da economia nacional, inicia o Relatório que precede a Proposta para a Lei de Meios para 1969 a apresentação de valores referentes à actividade financeira do Estado.

Em 1967 as receitas cobradas atingiram 23 460 milhares de contos, contra 19 736 milhares no ano anterior, ou seja mais 18,9%. Deste conjunto 19 896 milhares de contos corresponderam a receitas ordinárias e 3564 milhares a receitas extraordinárias.

No aumento das receitas a parte principal correspondeu às receitas ordinárias que aumentaram 2954 milhares de contos e dentro destas à plena aplicação do imposto de transacções, instituido em meados do ano anterior e que em 1967 atingiu 2218,3 milhares de contos.

Os impostos directos aumentaram 6,7%, o que denota abrandamento no seu ritmo de crescimento, apesar de se ter verificado alteração na taxa referente à contribuição predial rústica e a entrada em vigor de novas avaliações gerais e do cadastro geométrico da propriedade rústica. Em compensação, os impostos indirectos subiram 29,2%, devido, como referimos, à plena incidência de imposto de transacções

No seu conjunto, os impostos directos e indirectos com 68,2% das receitas ordinárias, continuam a fornecer a parte mais importante destas receitas.

Durante o primeiro semestre do corrente ano as receitas ordinárias aumentaram 9.4% passando de 9848 milhares de contos no mesmo período de 1967 para 10 770,4 milhares de contos. Esta quebra no ritmo de crescimento das receitas era previsível dado que, enquanto em 1967 o imposto de transacções dava origem a um grande acréscimo, dessas receitas em 1968 os agravamentos verificados na taxa da contribuição industrial, no pagamento de numerosos actos oficiais e no papel selado, não poderiam por si vir a originar acréscimo semelhante.

A diminuição no ritmo de aumento das receitas publicas virá dar origem a problemas, na medida em que como iremos ver, as despesas públicas mantém as taxas de crescimento e deverão mesmo agravá-las consideràvelmente dadas as decisões ultimamente tomadas ou anunciadas quanto a aumentos de vencimentos nas forças de segurança e no Exército e também em várias classes de funcionários civis e a outras despesas nos vários sectores da actividade pública.

Tornar-se-á necessária a criação de novos impostos ou o agravamento dos já existentes, para que não se tenha de recorrer fundamentalmente aos empréstimos, numa tentativa para evitar um ainda maior ritmo de crescimento nos encargos com a divida pública que absorvem já mais de 10% das receitas públicas.

Mas um agravamento continuo na tributação fiscal, na medida em que representa a absorção pelo Estado de percentagens crescentes do produto nacional, significará que a parte deixada em poder dos particulares para consumo e poupança diminuirá de modo correspondente. Sendo assim, não se poderá esperar um ritmo de investimento privado compatível com as necessidades da economia nacional. Se os investimentos públicos aumentassem o suficiente para suprir esta deficiência dos investimentos privados não viria a economia nacional a sofrer graves consequências, apenas se assistindo a uma transferência de importância do sector privado para o público. Mas a análise a que a seguir iremos proceder mostrará que assim não sucede, pois são as despesas não-reprodutivas que têm absorvido a quase totalidade dos acréscimos verificados.

Em 1967 as despesas públicas apresentaram a distribuição que se pode observar no quadro seguinte:

DESPESAS DA CONTA GERAL DO ESTADO
EM MILHARES DE CONTOS

	1960	%	*1965* total	%	*1966* total	%	*1967* total	%
Dívida Pública	852	7,5	1 818	10,1	2 038	10,4	2 561	11
Órgãos Superiores do Estado	125	1,1	1 064	0,6	110	0,6	113	0,5
Serviços de defesa e segurança	3 258	28,7	7 705	42.7	8 442	43	10 233	43,8
Serviços de administração civil:								
Funcionamento de serviços	3 200	28,2	4 026	22,2	4 395	22,4	4 932	21,1
Investimentos	3 950	34,5	4 403	24,4	4 641	23,6	5 522	23,6
Total	11 340		18 059		19 626		23 362	

A inclusão no quadro de valores respeitantes a anos anteriores permite-nos observar qual foi a evolução dos diversos sectores das despesas públicas e ficar com uma mais completa ideia sobre a influência que a evolução dos diversos tipos de despesa tem apresentado na vida económica nacional.

Os encargos com a divi-

(Continua na 4.ª página)

Brevemente

TUTTI MUNDI DRUGSTORE

Um drugstore moderno no centro de Lisboa moderna: 4000m2 de elegância e conforto. De todo o mundo para todo o mundo. Modelos de Paris, jóias, perfumes, discoteca, artesanato, um restaurante, snack-bar, milk bar, uma garagem privativa para os clientes, tudo o que há de mais elegante em pronto a vestir, para senhoras e homens, pastelaria húngara, francesa e portuguesa.

Tudo isto faz parte do drugstore TUTTI MUNDI - um centro onde há de tudo para todos, um centro onde se encontra o que há de melhor em todo o mundo a preços acessíveis. E tudo isto centralizado num só local, num ambiente requintado, para que se possa escolher, confortàvelmente, sem perda de tempo e sem cansaço. Tudo isto é o drugstore TUTTI MUNDI.

Drugstore TUTTI MUNDI - Avenida de Roma, 48.

Lisboa.

DE ONTEM PARA HOJE

O CLUBE DOS PUBLICITÁRIOS

Para a eleição dos corpos gerentes realizou-se a assembleia geral do Clube Português dos Publicitários. Assumiu a presidência da reunião o dr. Adelino Duarte Boiça e toda a assembleia aprovou um voto de louvor a Igrejas Caeiro, artista e organizador de raras qualidades, que permitiu que o clube se tornasse uma realidade actuante e uma brilhante colectividade. Depois as eleições deram o seguinte resultado: ASSEMBLEIA GERAL: dr Adelino Duarte Boiça, eng.º Fernando Alegria da Cunha, Tina Rodrigues e António Belo Coelho. DIRECÇÃO: Igrejas Caeiro, Fernando de Almeida, António Fernando Besselga Branco, António Nunes de Almeida, Vasco Lapa, Maria Helena Ferry de Oliveira, Vítor Meulha, Francisco de Oliveira Marques, José Carlos Rodrigues Pereira, Maria Eufémia Baudouin, António Jorge Borges e Gina Freitas. CONSELHO FISCAL: drs. Henry Moss, Pires Chaves e Manuel Alexandre de Melo Alvim. COMISSÕES: cultural, dr. Luís Sande Freire; profissional, Luís Lagrifa Neto Vasco; social, Fernando Mascarenhas; desportiva, Armando Carvalho; recreativa, Maria do Carmo da Cruz Ferreira; relações publicas, Maria João Rolo Duarte, e publiclube, Alvaro Belo Marques.

CONSELHO SUPREMO DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

Reuniu-se ontem, sob a presidência do general Costa Macedo, o Conselho Supremo da Cruz Vermelha Portuguesa, tendo decidido proclamar sócio honorário a sr.ª Georges Marquet. Ocupou-se depois da acção daquela benemérita instituição para o próximo ano, tendo sido aprovado o orçamento para 1969.

CONDECORAÇÃO

O secretário de Estado da Aeronáutica condecorou ontem o tenente-coronel piloto aviador eng.º Carlos Beja com a medalha de oiro dos Serviços Distintos. O brigadeiro Fernando de Oliveira fez o elogio do homenageado, salientando ter sido um dos primeiros portugueses a receber instrução de pilotagem no estrangeiro. Foi director do aeroporto de Lisboa, e não há muitos meses que construiu em Alverca a reprodução exacta do «Caudron-G3». acentuou ainda: «Quem se fez aviador e na Força Aérea fez carreira, a ela para sempre fica a pertencer».

A MORTE SOB RODAS

Tinha 69 anos o sr. Pedro da Silva Bareiros, natural da Terceira. No fatídico cruzamento de Massamá - Barcarena, na estrada de Sintra, colheu-o um automóvel. O pobre homem morava na Parada do Alto de S. João. Embriagava-se com frequência e ainda foi levado ao Hospital de S. José, mas ali chegou sem vida.

ARMAZÉM DESTRUÍDO PELO FOGO

Estalou um incêndio em Mira de Aire, num armazém de matérias - primas têxteis, propriedade do sr. José António Branco Garcia. Acorreram os bombeiros de Minde, de Porto de Mós, Alcanena e Torres Novas. O armazém ficou completamente destruído, tendo o fogo durado cinco horas e sendo difícil evitar a sua propagação a outros prédios vizinhos

À FACADA

Rixas antigas entre dois tractoristas de Foros da Craveira do Sul, perto de Pegões. Eram eles os srs. Gaudêncio Oliveira Moreira, de 24 anos, e Constantino Brito. Ontem, de novo se pegaram, numa violenta discussão e o segundo coseu o adversário com quatro facadas no peito e nas costas. Andavam ambos a trabalhar no lugar de Azervadinha, Coruche. O ferido veio em estado grave para o Hospital de S. José.

Esta estranha Lisboa

VINICIUS DE MORAES, A QUE DESTINO ASSISTES?...

por Urbano Tavares Rodrigues

HAVIA — claro que nestas funções há sempre de tudo — senhoras de chapéu de plumas e senhores no estilo mercadores da literatura e papagaios da anedota emoliente, e havia o Abelardo e a Heloísa, e uma leitaria celeste num vestido hippy, e a tranquilidade, a água das axilas, a face lunar da pitonisa, toda de negro, e uma condessa vestida de azul eléctrico, e fotógrafos aos montes, e até dois exemplares daquelas jovens figuras, «mininas de bicicleta/que fagueiras pedalais». Os croquetes a desaparecerem nas goelas letradas e sobre a mesa da pompa e do saber, onde é costume reinar friamente um cristal com água, dois copos de uisque puro, sucessivos, para o Vinícius.

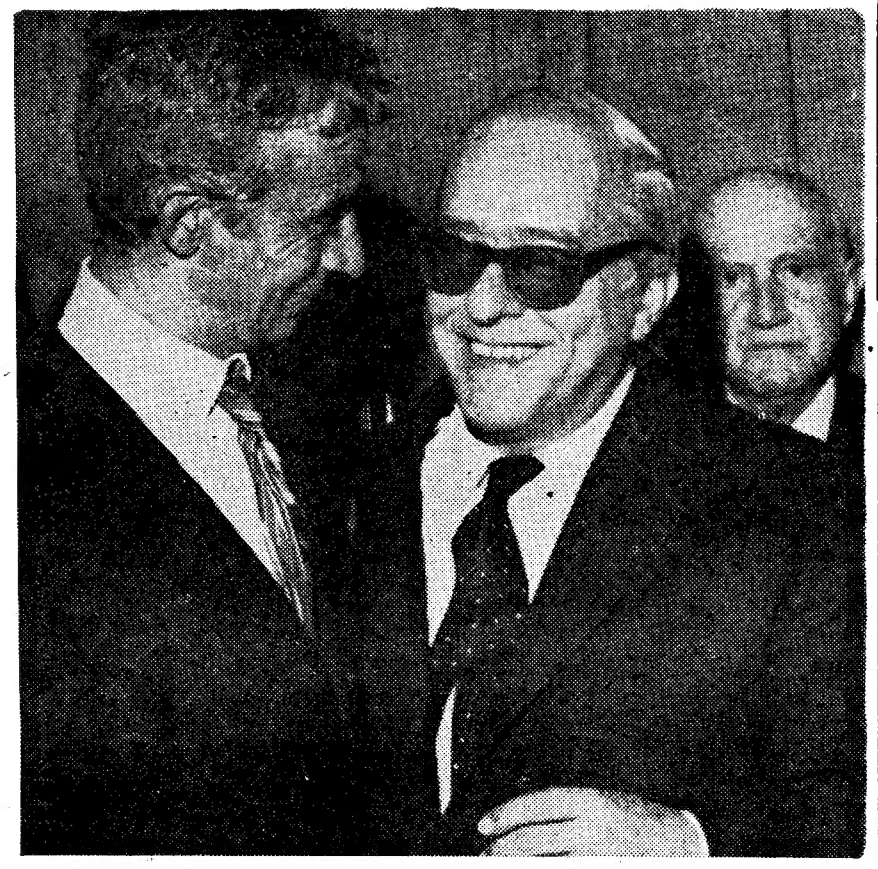
Ó meu poeta do «Operário em Construção» e da «Balada do Mangue» («Pobres flores gonocócicas/ que à noite despetalais/ as vossas pétalas tóxicas! Pobres de vós, pensas, murchas/ Orquídeas do despudor»), meu poeta da naturalidade e da fraternidade, eterno enamorado do amor, como gostei de te ouvir dizer «A Morte da Madrugada»! E como não gostei de ouvir-te contar que te ajoelhaste em Fátima (mas que ideia, Vinícius!), rezando sem saberes a que divindade. É certo que logo após me reconheci culpado do pecado de orgulho, do meu luxo da coerência (que várias vezes, ante a face da morte, me arredou dos lábios frios, já lá vão tantos anos!, a tentação de uma prece). Enfim, Vinícius amigo, talvez até dê certo contigo — ainda que a minha tradição liberal e jacobina mal o entenda — dobrares a última vaidade (a do teu perfil erguido em luz de futuro e de razão), tu, «grande angústia obscura em face da angústia», cantor da esperança desatinada, tu que já imploraste piedade para todos os humanos e sobretudo para as mulheres «que são crianças e são trágicas e são belas/ que caminham ao sopro dos ventos e que pecam», pois bem, Vinícius, até te concedo o direito de levares além do verosímil a tua curiosidade e vontade de tudo — de vires a Portugal, esqueceres-te de nós, os teus fiéis, e ires a Fátima pôr à prova a tua incredulidade. Múltiplo Vinícius, estranho, revolto, irreverente poeta do ardor constante, da fidelidade infinita enquanto dura.

Que viste, amigo, de Lisboa? Ah!, não, não mo repitas Já sei, duas boltes, uma delas pop. de arranjo oriental (tempo da religião erótica: não convivas senão com aqueles em quem possas tocar sem pejo, com quem possas orar, amar, conspirar ou planar...), três casas de fado,, e tão inautêntico!

Pois é, Vinícius, ainda quase não começaste a ver-nos. Ouviste, vá lá, a charla perfeita do David Mourão-Ferreira e deste-te conta de que ele é «um monstro de inteligência analítica».

Encontrei o teu olhar brilhante vid afirmava:

«Ulteriormente, ainda que de modo episódico, Vinícius soube ainda encaminhar os seus profundos anseios de justiça social pelas vias do poema «didáctico», nas proximidades ideológicas de Bertolt Brecht, tendo criado, neste domínio, algumas pequenas obras exemplares, como é o caso de «O Operário em Construção» — onde, a meu ver, aquilo que se perde em invenção propriamente poética, em sortilégio metafórico e em sugestão imaginística, se ganha, todavia, em eficácia comunicativa, no plano da «praxis», em desassombro de combatividade, e de denúncia, em directa generosidade humana; e em certas épocas como a nossa, vale bem a pena semelhante troca».



Vinicius de Moraes com Urbano Tavares Rodrigues

«Armistício» na Dinamarca

entre a extrema esquerda e os sociais-democratas

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

COPENHAGUE — *Dezembro* — O partido dinamarquês da extrema-esquerda S. F. (Socialista do Povo) acaba de realizar o seu sétimo congresso e de comemorar o seu décimo aniversário. Com efeito, foi em Dezembro de 1958 que Aksel Larsen, presidente do P. C. ortodoxo do seu país desde há vinte e sete anos, tomou oficialmente — em consequência do caso húngaro de Outubro de 1956 — a decisão de quebrar todos os laços com Moscovo e de fundar com um grupo importante dos seus amigos e antigos colaboradores um novo movimento marxista «independente de qualquer ligação estrangeira».

Ao apresentar o seu relatório geral no fim deste decénio, em que o partido S. F. se revelou dos mais viáveis (sobrepujou em especial, há meses, uma crise de autoridade que poderia ter-lhe sido fatal), Larsen, de setenta e um anos, anunciou que renunciava ás funções presidenciais, mas que não se retirava por isso da vida política. Continuando a ser o porta-voz dos onze deputados do seu grupo no Parlamento — de que é o decano, pela idade — pretende, como declarou, permanecer *muito combativo* e projecta consagrar-se ao programa do seu movimento e à reforma das respectivas estruturas.

O seu sucessor, Sigurt Oemann, também trânsfuga do Partido Comunista dinamarquês, é funcionário dos tribunais fiscais (Larsen também é de origem operária). Oemann ganhou por grande maioria sobre o seu único concorrente, um dirigente sindical. A Imprensa não deixou de fazer notar então o ponto fraco do S. F.: a sua falta de audiência real junto dos sindicatos. Os resultados do escrutínio parecem ser disso mais uma prova. Por mais resolutos que sejam os socialistas do povo, é-lhes difícil atingir o forte aparelho instalado pelos sociais-democratas nos sindicatos dominados por estes em mais de 90 por cento dos casos.

Outro assunto que se apresenta aos socialistas do povo: o futuro da sua colaboração com os sociais-democratas. Iniciada por táctica na legislatura anterior, não deu os resultados esperados e muitos militantes S. F. censuraram-na mais ou menos, não parecendo desejar vê-la prosseguir. Indubitávelmente deve esperar-se deste lado um certo endurecimento. Larsen explicara, em 1966, que concluía não uma aliança com os sociais-democratas, mas sim um armistício, conservando ao mesmo tempo a liberdade de pensamento e de acção. Quanto tempo poderá durar ainda este armistício?

ANGARIADOR/A DE PUBLICIDADE

Precisa-se para jornal diário. Resposta, indicando idade, habilitações, condições pretendidas e locais anteriores ou actuais de trabalho, a este jornal ao n.º 441.

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, CREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

RECTÂNGULOS DA VIDA

FÉRIAS DE NATAL

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Ia ele a passear na aldeia dos pais, em noite de férias de Natal, quando a avistou caminhando pelo céu fora num silêncio gelado e, claro, cheio de dignidade. Da esquerda para a direita como os ponteiros do relógio, não desenhando, porém, arco de círculo, pelo menos arco de círculo que se visse áquela distância.

Largou os companheiros, ambos ocupados com assuntos que muito os interessavam — o futebol de domingo e as raparigas de todos os dias —, e pôs-se a correr atrás dela. Ela era naquele instante, calculem, uma estrela. Para o salvar do ridículo total, direi que era um rapazinho modesto, simples caixeiro, e um tanto ou quanto irreflectido, por isso o chamar-lhe estrela e aquele correr por uma rampa acima, rampa essa que ia dar a uma espécie de miradouro. Ei-lo pois encarrapitado numa pedra, a olhar de olhos arregalados para a sua estrela quase a esconder-se num novelo de nuvens esbranquiçadas. E pronto, bolas, a ter-se escondido.

«O que foi que te deu?» perguntaram os outros quando chegaram junto dele.

«Era uma estrela a correr pelo céu fora, pá. Enfim, a andar. Enfim a...»

Já hesitava, pois claro, quando um deles, com muito melhor memória ou mais sabedoria, desatou a rir como um perdido, disse-lhe que as estrelas eram astros quietos, então não se lembrava das constelações?

Claro. Quietos. A escola. A professora. As constelações, pois. A Ursa Maior, a Ursa Menor, a Cassiopeia, a... «Seria um satélite?»

«Mais que certo» assegurou o terceiro. Nem podia ser outra coisa. Há montes deles. Basta olhar com atenção. Nunca olhaste com atenção para o céu, pá?»

Os outros dois tinham nascido e vivido ali, no campo, não sabiam como as luzes dos anúncios devoram todas as estrelas do céu, tiram brilho á própria Lua. Não sabiam como ele que Lisboa é uma cidade vazia de estrelas e que ás vezes, o que se lhe afigurava uma estrela era a luzinha que um operário nocturno acendera bem no alto do último andaime de um arranha-céus em construção. Não sabiam que para os citadinos como ele, as estrelas podiam ser coisas de livros e de férias. Coisas capazes de tudo, mesmo de correr assim pelo céu fora.

ora diga-nos...

—Costumas armar Presépio ?

Nossa Senhora (primeiro as senhoras...), São José e o Menino. E outras figurinhas. Os Reis Magos. Uma estrela... Que lindo!

● *Disse-nos, um tanto agastado, Joaquim Carlos Pereira de Sousa, de 9 anos, 3.ª classe:*

—Sempre fiz Presépio. Mas este ano...

—Este ano...?

—Este ano a minha mãe não quer que eu o faça. Olhe veja lá o senhor!

● *Carlos Alberto da Silva Avelãs (2.ª classe) disse assim:*

—Faço Presépio todos os anos. E depois os meninos amigos vêm ver o Presépio. E eu estou sempre ao pé do Presépio. E depois desfaço o Presépio e guardo os bonequinhos. É sempre muito bonito ter um Presépio em casa.

● *Maria da Nazaré Rodrigues Pereira França, 1.º ano, deu-nos estas palavrinhas:*

—Este ano, pela primeira vez, vou fazer o Presépio.

—Contente?

—Muito contente!

A PROPOSTA DE LEI DE MEIOS

(Continuação da 2.ª página)

da pública que em 1960 eram de 852 milhares de contos e representava 7,5% das despesas totais, subiram para 2 561 milhares de contos em 1967, a que corresponderam 11%. Os serviços de defesa e segurança passaram de 3 258 milhares de contos, 28,7%, em 1960 para 10 233 milhares de contos e 43,8%. No seu conjunto as despesas com a defesa e segurança e com os encargos com a dívida pública representaram em 1967, 54,8% das despesas totais. Este dado, por si só, mostra bem como as despesas militares têm limitado fortemente a actividade estatal pois além de obrigar a um dispêndio de mais de 40% das despesas orçamentais originam grandes acréscimos na dívida pública e, por consequência, nos seus encargos.

Quanto às despesas civis verifica-se que o funcionamento dos serviços passou de 3 200 milhares de contos e 28,2% em 1960 para 4 932 milhares e 21,1% em 1967, enquanto os investimentos públicos que tinham absorvido 3 950 milhares de contos, ou seja 34,5%, em 1960 se situaram em 5 522 milhares de contos, 23,6% em 1967.

Segundo se indica no Relatório «Durante o 1.º semestre de 1968 o montante global das despesas orçamentais autorizadas elevou-se a cerca de 9 800 milhões de escudos, o que corresponde a um aumento de 15,2 por cento, idêntico ao observado no período homólogo da gerência anterior».

E indica que «Prosseguiu a cadência rápida neste período a elevação de despesas com os serviços de defesa e segurança (24,5 por cento), que influiu decisivamente no acréscimo global verificado». Efectivamente corresponderam-lhe 940,8 milhares de contos de aumento num acréscimo global de 1 292,2 milhares, passando de 45,1% das despesas totais no primeiro semestre de 1967 para 48,8% em 1968.

As despesas de investimento cresceram apenas 11 milhares de contos, pelo que a sua percentagem baixou de 19,2% para 16,8%.

Do conjunto de valores que apresentamos e das comparações que fizemos podem inferir-se determinadas conclusões que permitam ter uma ideia geral sobre a actividade financeira do Estado.

Nos últimos sete anos verbas cada vez mais volumosas têm sido destinadas para fins de defesa e segurança, o que obrigou a uma limitação das despesas com os serviços de administração civil. No entanto esta contenção das despesas civis não foi suficiente para manter os acréscimos das despesas públicas em níveis moderados pelo que se têm verificado acentuados agravamentos nas taxas dos impostos existentes, na determinação da matéria colectável e no custo dos serviços oficiais e a criação de novos impostos.

Mas a necessidade de não agravar a pressão fiscal, pelas consequências que podem resultar na aplicação das poupanças pelos particulares e a resistência de alguns dos sectores que viriam a ser afectados por esse agravamento, levaram a recorrer também com muito maior intensidade aos empréstimos internos e externos. Se o recurso aos empréstimos facilitou nos primeiros anos a solução do problema da obtenção de receitas, o aumento dos encargos com a dívida pública que se tem verificado veio criar um problema suplementar na medida em que não tendo as verbas obtidas pelos empréstimos vindo acrescer as verbas gastas em investimentos não puderam dar origem a novas actividades, de cujos futuros rendimentos pudessem surgir os valores necessários para pagar os respectivos encargos.

Feita a análise de Relatório que antecede a Proposta para a Lei de Meios para 1969 uma pergunta se põe e cujo interesse é evidente. Será a política financeira oficial que se apresenta nesta Proposta a continuição, sem alterações significativas, da anterior orientação ou poder-se-ão antever modificações mais ou menos profundas? É o que tentaremos mostrar em próximo artigo.

GILBERTO RAMOS

OS TELEFONES AUTOMÁTICOS EM CORUCHE

CORUCHE, 12 — É amanhã, às 0 horas, que os telefones desta vila passam a funcionar automàticamente.

De tarde, com a presença de entidades oficiais e ligadas à Administração-Geral dos C. T. T., etc., proceder-se-á à anunciada cerimónia inaugural desse serviço de comunicações telefónicas.

O cortejo de oferendas

O cortejo de oferendas que desfilou, conforme noticiámos, no domingo, teve resultado sensivelmente superior ao dos anos anteriores, pois rendeu, em dinheiro e em géneros, para cima de 230 contos.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreu em combate, em Angola, o soldado do recrutamento provincial, 103/67, Bernardo Miguel, natural de Quioama, e filho do sr. Miguel Sambula e da sr.ª D. Lemba Sole Sambula.

Colhida pelo comboio

Ao princípio da manhã de hoje foi colhida por um comboio na estação de Campolide, tendo sofrido esmagamento dos dois pés, Maria dos Prazeres Lopes Serra, de 35 anos, casada, doméstica, residente numa barraca da Travessa do Tarujo.

Foi internada no Hospital de S. José.

EXCLUSIVO DOPERFILME

ROMA

(ADULTOS)

2.ª SEMANA

NENHUM OBJECTIVO ERA DEMASIADO PERIGOSO PARA ELES!

SUPERTECHNISCOPE TECHNICOLOR

DAS ARDENAS AO INFERNO

CURD JURGENS · DANIELA BIANCHI · FREDERICK STAFFORD · ADOLFO CELI

Alfredo Capitani

Vencedor dos CONCURSOS MUNDIAIS de «cocktails» de BERLIM E MADRID. Barman do «LIDO» (Veneza) «REIS» (FUNCHAL) e de outros grandes HOTEIS EUROPEUS.

Aficma:

GIN JOCKEY

LICORES MUNDIAL, LDA.

RUA DO SÉCULO, 9 — LISBOA

FILMES CASTELLO LOPES apresenta

UMA EXPLOSÃO DE ACÇÃO!

KEN CLARK

HELGA LINÉ · MITSOUKO

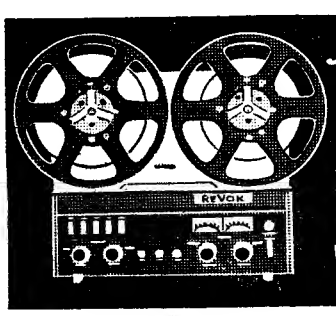
A MORTE ESPERA EM ATENAS

Realização de TERENCE HATHAWAY Maiores de 17 anos

AMANHÃ ESTREIA

CONDES

Esta imagem pertence a mais um filme português, cuja estreia está anunciada para o próximo mês. O filme intitula-se «O homem de quem se fala» e foi realizado por Henrique Campos. Na lista de intérpretes figuram. Fernanda Borsatti, Camilo de Oliveira (ambos aparecem na imagem reproduzida), Linda Silva, Alina Vaz, Leonor Poeira, Luís Cerqueira, Ruy Furtado, Luís Tito, Luís Horta, além do estreante Carvalhinho



Novo! REVOX A 77

O GRAVADOR DE CARACTERISTICAS INULTRAPASSÁVEIS PARA ESTUDIOS E CADEIAS DE ALTA-FIDELIDADE.

Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDUSTRIA S.A.R.L.

NO NORTE: VADECA — PORTO

UMA CARAVANA PARA TODAS AS ESTAÇÕES !

NA

MARCAMPO

AGORA MAIORES FACILIDADES

BLUEBIRD — ECCLES — SPRITE

Avenida Almirante Gago Coutinho, 56-D—LISBOA

TELEFONE 72 67 76

O NATAL visto pelas crianças

(Continuação da 1.ª página)

queremos sublinhar que o importante é concorrer, e o espírito competitivo, a existir, terá de ser no melhor dos sentidos. O que importa, repetimos e realçamos, é estar presente, é mostrar que se está vivo — tal como nos Jogos Olímpicos, entendidos em toda a sua pureza. E, não se esqueça, o prazo para a entrega dos trabalhos literários e artísticos termina no próximo domingo.

● Mais prémios

A já extensa lista de prémios a distribuir, e que temos revelado nas sucessivas edições do nosso jornal, queremos hoje acrescentar mais três. Assim, a Casa A. Ferreira, Lda., da Rua da Junqueira, 233, especializada em tintas, colas e lacres, oferece três prémios de 500$00 cada um, aos autores dos melhores trabalhos plásticos feitos com guache, aguarela, ou utilizando o processo das colagens.

Por outro lado, a firma C. Dreidel oferece 60 pares de peúgas para rapaz e rapariga, e a Companhia Industrial de Portugal e Colónias oferece 300 caixas de Figo-Bar.

ATENÇÃO: TERMINA NO PRÓXIMO DOMINGO O PRAZO PARA A ENTREGA DOS TRABALHOS LITERÁRIOS E ARTÍSTICOS

FINALMENTE VOCÊ PODERÁ OUVIR AO VIVO

VINICIUS BADEN MARCIA

MAIORES DE 12 ANOS

SHOW - RECITAL

ÀS 21.45 HORAS

APENAS 4 DIAS EM LISBOA

AMANHÃ, ESTREIA DE GALA

TEATRO VILLARET

BILHETES À VENDA ● TELEF. 538586

os artistas Baden e Marcia viajaram para Portugal pela TAP

Evolução favorável do estado de saúde de Aida Baptista

Evolui normalmente o estado de saúde da popular artista Aida Baptista que, como se sabe, foi vítima de um acidente de viação.

Os últimos exames médicos revelaram que o desastre agravou uma discopatia na coluna cervical, havendo ainda a referir uma luxação na clavícula direita e uma distensão muscular geral muito dolorosa.

Esta manhã, foi a própria artista que nos informou, pelo telefone, de que, com vista a uma recuperação mais rápida, começava hoje a ser submetida a massagens eléctricas. Disse-nos ainda que não se prevê, para já, uma recuperação total, não havendo, porém, perigo de qualquer lesão permanente

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em Português — «O Filho de El Cid»
Produção — Italiana
Realização — V. Cottafavi
Intérpretes — Mark Damon, Antonella Lualdi e Gastone Moschin
Género — Aventura
Distribuição — Sonoro filme
Processo — Technoscope — Technicolor
Classificação — 12 anos

No Aviz

Título em Português — «O Justiceiro de Rucova»
Produção — Inglesa
Realização — Robert Siodmak
Intérpretes — Lex Barker, Rik Battaglia, Marie Vergin., Ralf Walter e Marianne Hold
Género — Aventura
Distribuição — Talma Filmes
Processo — Ultrascope Color
Classificação — 12 anos

RECINTOS DE DIVERSÕES

★ Os artistas Ana Hortense e Fernando Farinha estreiam-se no próximo dia 17 no Teatro Gil Vicente em Lourenço Marques.

★ Encontra-se livre de compromissos a artista Esmeralda Amoedo, que tem estado a actuar no Algarve.

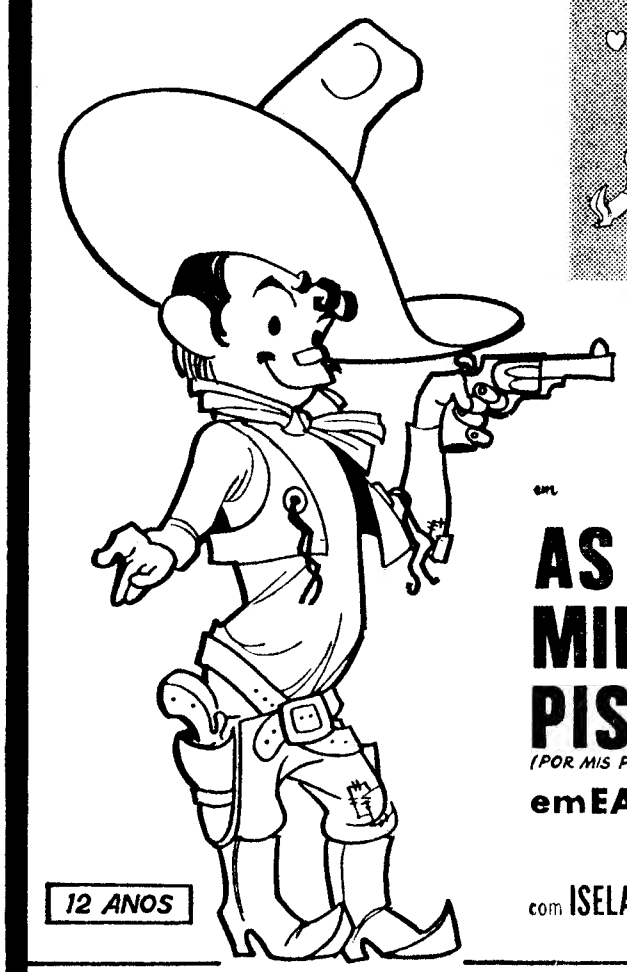
«A ÚNICA AMBIÇÃO» NO CINECLUBE IMAGEM

Na continuação da sua programação de 35 mm para os meses de Novembro e Dezembro, e a concluir o ciclo dedicado ao cinema moderno, o Cineclube Imagem exibe hoje, ás 18 e 30, no Jardim Cinema o filme de Clive Donner, «A Única Ambição».

AQUI O TÊM... CHEGOU O REVÓLVER MAIS RÁPIDO DA FRONTEIRA, NO MAIS "EMOTIVO" E "TERRÍFICO" DOS DUELOS DO OESTE!

POSA FILMS INTERNACIONAL, S. A. apresenta o seu artista exclusivo MARIO MORENO

cantinflas



em

AS MINHAS PISTOLAS

(POR MIS PISTOLAS)

em EASTMANCOLOR

com ISELA VEGA

12 ANOS

Jorge Radó ○ Alfonso Mejia
Manuel Alvarado ○ John Kelly ○
Gloria Coral ○ Quintin Bulnes ○
Rhea ○ Carlos Cardán ○

Dirigida por MIGUEL M. DELGADO Produzida por JACQUES GELMAN
Fotografia JOSE ORTIZ RAMOS Música SERGIO GUERRERO
Argumento de MARIO MORENO REYES Y MARCOS A. ALMAZAN
Diálogos Adicionais de Carlos León ○ Dist. por Columbia Films

EDEN AMANHÃ ESTREIA EUROPA

COLISEU

HOJE às 21.30

(Maiores 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

ATRACÇÕES DE CATEGORIA

PALHAÇOS

Segunda-feira, 16, ás 21 e 30

SINFONIA DE SALMOS, de Stravinsky

NONA SINFONIA, de Beethoven

por solistas, Coro Gulbenkian, Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional

Direcção do maestro Piero Bellugi

Geral — 10 escudos M/12

Les Bas Christian Dior

Modas H.M.

Rua do Carmo, 37-Lisboa

VINHOS VELHOS DO PORTO

Reicarrera

Seleccionados e engarrafados em Taylor, Fladgate & Yeatman

O VINHO DOS REIS E O REI DOS VINHOS

AGENTE E DISTRIBUIDOR GERAL:

A. Serra Campos Ferreira

RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO, 27

Telefones: 33630 - 32 75 75 - 32 89 49

MÉTODO CHAMPAGNES

Sporting

VINHO ESPUMANTE NATURAL

SELECÇÃO ESPECIAL

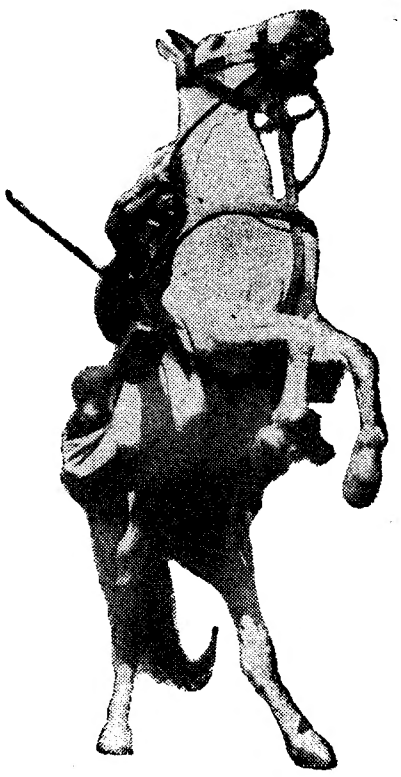
SEMEDO & FILHOS, LDA.

FERREIROS - ANADIA - PORTUGAL

ENCOMENDAS — Telefs.: 3 36 30, 32 75 75 e 32 89 45 — Lisboa

UM FILME DE ACÇÃO!

O JUSTICEIRO DE RUCOVA



ULTRASCOPE-COLOR

LEX BARKER
RIK BATTAGLIA
MARIE VERSINI
RALF WOLTER
MARIANNE HOLD

UM CONFLITO EXPLOSIVO QUANDO NOVOS COSTUMES DESAFIAM OS ANCESTRAIS E O AMOR TEM O PODER DO FOGO!

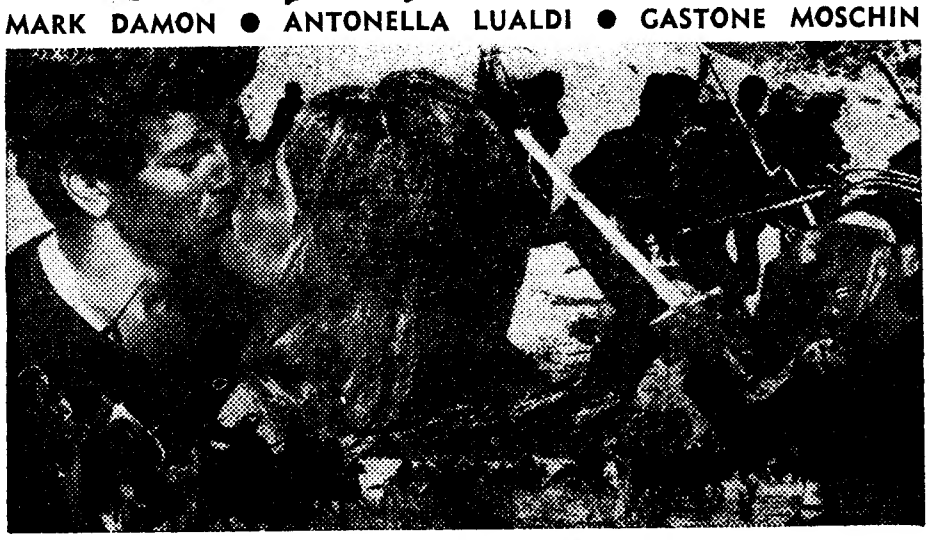
ESTREIA • HOJE, ÀS 21.45 **AVIS**

M/ 12 ANOS — TALMA FILMES

UM MOVIMENTADO, COLORIDO E SENSACIONAL ESPECTÁCULO!

O FILHO DE EL CID

MARK DAMON ● ANTONELLA LUALDI ● GASTONE MOSCHIN



Reunidos pelo filho do grande EL CID, homens, mulheres e até crianças numa luta de vida ou de morte contra os ímpios invasores!

HOJE ESTREIA ESPECTACULAR
SONORO FILME
TECHNICOLOR TECHNISCOPE — 12 ANOS
POLITEAMA

● VÁ AO Todos as noites às 20.45 e 23 horas ADULTOS
● MARIA VITÓRIA ●

JOSÉ VIANA no «Catedrático do Fado»

E DIVIRTA-SE COM A COLOSSAL REVISTA

● GRANDE POETA É O ZÉ!...

com SALVADOR ● VIANA ● MARIEMA
● MAX ● ANITA ● DORA ● VÍTOR MENDES
e a atracção BRIGITTE ST. JOHN

● DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

CAPITÓLIO
21.45 horas
A audaciosa peça de S. MROZEK
TANGO
Pela Companhia do TEATRO NACIONAL D. MARIA II
(M/ 17 anos)
Sábado, ás 16 horas
Tarde a preços reduzidos
Domingo — Tarde especialmente dedicada a estudantes

TRAV. DA ESPERA, 38
TELEF. 35464
MIL E UM
... É FADO!

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA EM

2.ª SEMANA

JEANNE MOREAU
num filme de
FRANÇOIS TRUFFAUT

OSCAR LEWENSTEIN for WOODFALL FILM Presentations Limited apresenta

A NOIVA ESTAVA DE LUTO

LA MARIÉE ETAIT EN NOIR

AOS APLAUSOS INCONDICIONAIS DE CRÍTICOS RESPONSÁVEIS, ENTREPUSERAM-SE VEEMENTES ACUSAÇÕES DE CRÍTICOS NÃO MENOS RESPONSÁVEIS. DESTE DESENCONTRO DE OPINIÕES, UMA COISA RESSALTA: A INCONFUNDÍVEL POSIÇÃO QUE TRUFFAUT OCUPA NO ACTUAL PANORAMA CINEMATOGRÁFICO E A FORÇA QUASE MÍTICA QUE SE DESPRENDE DAS SUAS OBRAS. «A NOIVA ESTAVA VESTIDA DE LUTO» É UM FILME POLÉMICO, MAS POR ISSO MESMO UM ESPECTÁCULO PARA NÃO SE PERDER POR TODOS OS QUE ADEREM A UM VERDADEIRO CINEMA

«ADULTOS»

ÀS 21.45 H. NO
TRINDADE F.N.A.I
Telef 32 00 00
O T. N. P. APRESENTA
A ADMIRÁVEL COMÉDIA ITALIANA
A TORRE E O GALINHEIRO
POR TODOS OS SEUS PRINCIPAIS ELEMENTOS ARTÍSTICOS
P.ª M/ 12 ANOS

EDIFÍCIO Paula Ribas

PRONTO A VESTIR
CONFECÇÕES
NOVIDADES

RUA DO CARMO, 51-5.º-C ★ Telef. 36 84 56
(tem elevador)

O licor aristocrata feito a base de Whiskies velhos

AGENTES

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
R. do Alecrim, 73 — LISBOA — Telefs. 32 00 31/4

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
Rua do Bonjardim, 420 — PORTO — Telefs. 2 49 43, 2 65 62, 3 22 28 e 3 52 21

A nova temporada do Grupo Gulbenkian de Bailado

No cinema Politeama, é inaugurada, amanhã, ás 18 e 30, a nova temporada do Grupo Gulbenkian de Bailado que se prolongará até meados de Março e na qual estão integrados seis programas diferentes.

Neste espectáculo inaugural serão apresentados ao publico dois bailados com coreografia de Walter Gore, «Mosaico» e «Visões Fugitivas» em que, respectivamente, Isabel Santa Rosa e Paula Hinton têm duas criações verdadeiramente notáveis e «As Danças do Príncipe Igor», com coreografia de Fokine, em que, por motivo de doença, Carlos Trincheiras será substituído por Georgy Goviloff, ex-solista da Companhia do Marquês de Cuevas, que dançará e interpretará a figura do chefe dos guerreiros do «Príncipe Igor».

MIKAELA: Disco e cinema

Mikaela (a «mulher K» do cinema espanhol) voltou aos estudios de gravação para fixar a voz num EP com quatro canções: «Gringo» (tema italiano da autoria de Ennio Morricone), «Rio Manso», «A los dos» e «Balada a un sueño de amor». Mas, não disse adeus aos «écrans»: em Janeiro tornará a filmar

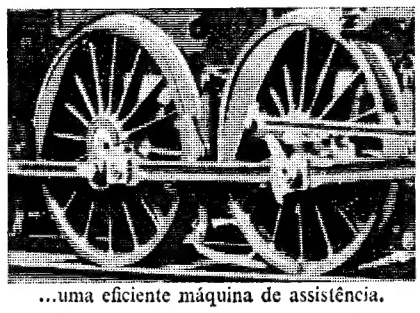
JANTAR DA TÁBUA RASA

A comissão delegada da Tábua Rasa promove, no dia 18, às 20 e 30, no Restaurante Hong-Kong, na Rua Camilo Castelo Branco, um jantar para os seus associados. O advogado sr. dr. Moitinho de Almeida falará sobre «Impressões da Finlandia», após o que será eleita a comissão delegada para 1969/71.

As inscrições fazem-se até ao dia 17, pelo telefone 53 86 65, ao preço de 65$00.

Apele para a Rank Xerox...

...e movimentará ràpidamente...



...uma eficiente máquina de assistência.

O nosso principal produto —É oferta!

Ninguém desconhece que a Rank Xerox* produz copiadores/duplicadores de vários modelos.
Mas o nosso produto principal chama-se «SERVIÇO APÓS VENDA»! Que não vendemos. Nem alugamos. Oferecêmo-lo, simplesmente.
Este produto é posto à sua disposição juntamente com a máquina RANK XEROX, logo após a entrevista que vai ter com o nosso Delegado de Vendas — que lhe aconselhará o tipo de equipamento mais rentável para a sua organização.
Este valioso elemento não é apenas um simples ponto de contacto entre V. e a Rank Xerox! É o seu consultor permanente em assuntos de reprografia!
Mas mais! Ele, ao introduzir na sua organização um copiador/duplicador faz movimentar um grupo de pessoas que vão colaborar consigo, por forma a garantir o eficiente funcionamento do equipamento e a proporcionar-lhe novas perspectivas na racionalização do trabalho administrativo.
Esse grupo engloba:
— Os analistas de sistemas, que recomendam a forma como o copiador/duplicador Rank Xerox pode eliminar trabalho burocrático numa organização, demonstrando que ele é um elemento imprescindível dentro dela.
— As CRO's que instruem e assistem as pessoas que vão operar com as máquinas.
— Os técnicos que velam pelos equipamentos de forma a continuamente produzirem alta qualidade de impressão.
O seu apoio pode ser constante — e, como dissemos, sem qualquer dispêndio para a sua empresa! Eles sabem uma quantidade de coisas interessantes sobre o uso dos copiadores/duplicadores RANK XEROX que o deixarão estupefacto!
Um problema de utilização, um novo esquema de trabalho, um possível problema técnico — TEM SOLUÇÃO RÀPIDAMENTE DEPOIS DO SEU TELEFONEMA.

Telefone para:
53 99 51 (Lisboa) — 6 70 58 (Porto) e 2 70 48 (Coimbra)
Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 106 Lisboa

RANK XEROX

*Rank Xerox e Xerox são marcas registadas de Rank Xerox Limited

Toda a organização é mais eficiente com Rank Xerox

LISNAVE

Estaleiros Navais de Lisboa, S. A. R. L.

EMPRÉSTIMO POR OBRIGAÇÕES 6 % – 1967

PAGAMENTO DE JUROS

Nos termos das condições de emissão deste empréstimo, avisam-se os Senhores Obrigacionistas de que, a partir do próximo dia 15 do corrente, se encontram a pagamento os juros relativos ao cupão n.º 3, no valor líquido de 27$156 por obrigação.

O pagamento de juros será efectuado nos seguintes estabelecimentos de crédito:

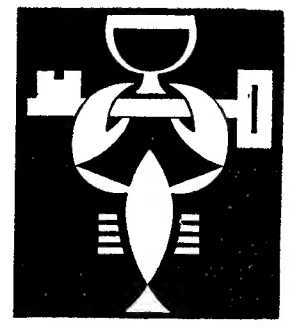
Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Montepio Geral
Banco da Agricultura
Banco Espírito Santos e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Lisboa & Açores
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Aliança
Companhia Geral de Crédito Predial Português
Crédit Franco-Portugais
Almeida, Basto & Piombino & C.ª
Augustine, Reis & C.ª
Pancada, Moraes & C.ª
Pinto de Magalhães, Ld.ª

Lisboa, 2 de Dezembro de 1968

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

12.ª EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARTE CULINÁRIA—FRANCFORT

2—PROVAS DIFICÍLIMAS SERVIDAS POR UMA ORGANIZAÇÃO IMPECÁVEL



DISSEMOS no primeiro desta série de artigos sobre a Exposição Internacional de Arte Culinária, realizada em Frankfurt, que a organização, muito racionalmente, adoptara como base das demonstrações uma «linha» de preparações à base da simplicidade. De resto, de há muito se nota uma tendência para a simplicidade nas exigências do público consumidor. Quererá isto dizer que a Gastronomia ou Arte Culinária vai perdendo os seus créditos, abandonando as preparações complexas e a utilização de requintadas especiarias? De modo nenhum! Já em 1930, E. Nignon, no seu livro «Eloges de la Cuisine Française», afirmava que a arte culinária não se encontrava sòmente na preparação duma «poularde imperial» ou duma «truta salmonada à la reine» e frisava que a mais simples receita culinária era, na maior parte das vezes, mais rica em experiência artística que a mais complicada das receitas.

Se, por um lado, esta adopção da simplicidade era evidente nos vários mostruários dispersos pelos inúmeros «stands» — cada empresa hoteleira, cada restaurante, cada país concorrente tinha direito a expor as suas especialidades em «stand» próprio — por outro lado, iamos dizendo, a complexidade da organização poderia assustar o visitante desprevenido. É a complexidade da enumeração e organização dessas provas que tentaremos descrever neste segundo artigo.

Os participantes podiam figurar como expositores, englobando as associações ou empreendimentos gastronómicos, tanto nacionais como estrangeiros, e como produtores, grupo a que pertenciam todos os cozinheiros.

A Exposição mostrando a moderna Arte Culinária, apresentada duma forma actual e prática, estava dividida em três grupos principais. No primeiro dos grandes grupos só estavam incluídas as confecções de pratos frios. Todos os cozinheiros concorrentes a este grupo podiam tomar parte num concurso extraordinário que, diàriamente, se realizava obrigado a um tema diferente: **pratos de linguado, molhos de saladas, ementas para crianças, requeijão, mariscos, ovos, cogumelos, arroz (houve um cozinheiro martiniquês que, só ele, apresentou 20 pratos de arroz...)** e produtos lácteos foram os temas deste concurso extraordinário. Todos os pratos concorrentes eram obrigatòriamente preparados e expostos por uma só pessoa, sem qualquer ajuda.

Por Maria de Lourdes Modesto

● As calorias e a linha...

No segundo grande grupo da Exposição imperavam os pratos quentes. Aqui a inscrição era limitada às associações de cozinheiros estrangeiras. Enquanto no primeiro grupo todos os pratos confeccionados eram apresentados em grandes balcões frigoríficos, no segundo grupo os concorrentes serviam os seus trabalhos em três grandes restaurantes conforme as especialidades: o restaurante Internacional, **o** restaurante para colectividades **e o** restaurante para dietas. **Era este o tal restaurante de calorias que assinalámos no primeiro artigo. Os clientes que a ele se dirigiam muitas vezes desvendavam alguns dos seus segredos ao pedirem a refeição que melhor se lhes adaptava: desde o homem de negócios que com um creme de espinafres, um «carré» de porco, queijo, pêra, vinho, café e pão atingia o seu ideal de 1250 calorias; até à senhora que ao encomendar um almoço de baixas calorias — uma costeleta, uma salada, arroz, fruta e café — desvendava as suas preocupações em manter a linha.**

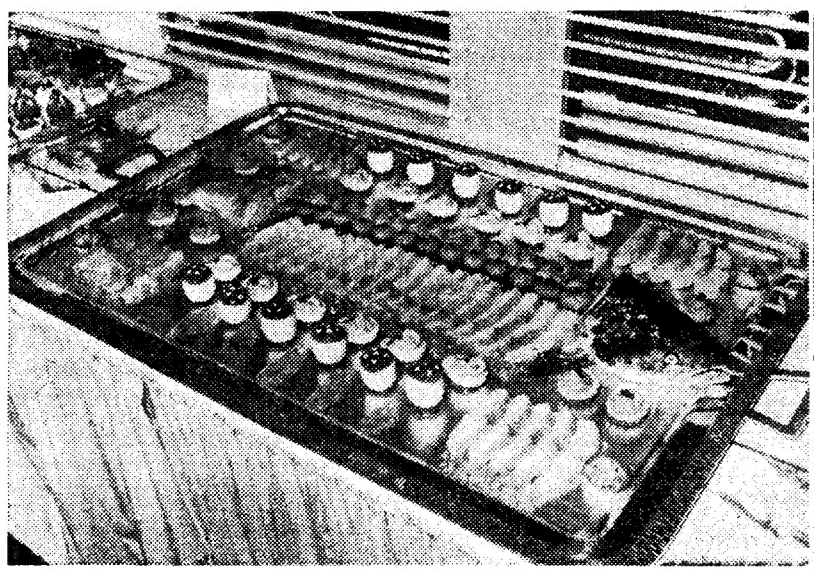
No **restaurante das colectividades** as equipas alemãs concorrentes, e só elas, confeccionavam refeições destinadas a fábricas, sanatórios, etc. Isto demonstra o grau de aperfeiçoamento das mesmas equipas e o ecletismo da sua preparação. (Um cozinheiro alemão tem a escolaridade obrigatória até aos 16 anos, quatro anos de curso na Escola Hoteleira e um ano de estágio no estrangeiro).

Todos os resultados da competição internacional, enquadrada no grupo dos pratos quentes, eram provados no **restaurante das nações.** A par de uma competição internações, reservada exclusivamente às associações estrangeiras, a Associação Alemã de Cozinheiros fazia alarde das possibilidades dos seus associados na prova de culinária para disputa do **Goldene-Kochmütze** — barrete (de cozinheiro) de ouro — o mais cobiçado troféu da exposição.

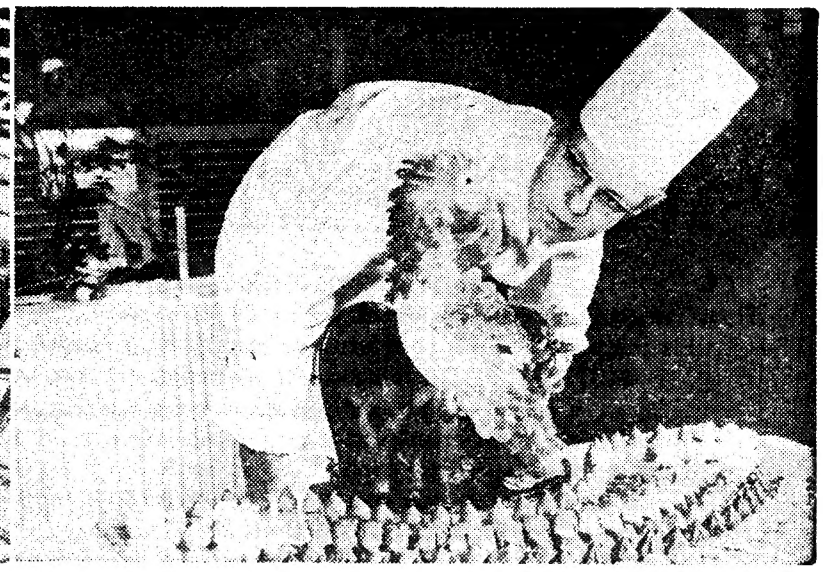
Apenas podiam concorrer a esta prova brigadas dirigidas por chefes de prifeccionar ementas para hotéis e restaurantes de 1.ª categoria — ementas para hospitais, termas e sanatórios e, também, ementas para escolas, cantinas de fábricas e escritórios.

Muito naturalmente, a atribuição desta distinção ao cozinheiro premiado foi feita com toda a pompa e encerrou, com um banquete de gala, uma semana dedicada inteiramente à gastronomia. Terminavam os Jogos Olímpicos da Culinária. As dúvidas que em nós existiam, à partida de Lisboa, quanto à eficiência de tão complexa organização, dissiparam-se com o desenrolar das provas e os resultados obtidos. A seriedade da organização, que nos fora dado apreciar, exigia que a presença portuguesa começasse a ser encarada, a fim de estar à altura do confronto internacional, na realização da próxima I. K. A., em 1972.

M. L. M.



Apresentação de salmão frio



Este aprendiz de cozinheiro mostra um justificado espanto diante deste maravilhoso trabalho em açúcar assoprado

Um aspecto da exposição ou uma visitante atenta e perplexa...

HOTEL DA BALAIA

ALBUFEIRA — ALGARVE

Venha passar o **NATAL** e o **FIM DE ANO** no **Hotel da Balaia** em ambiente de festa com atracções internacionais, beneficiando do clima primaveril do Algarve.

Escolha a estadia que melhor lhe convier:

NATAL
Desde 24/12 até 26/12 a partir de Esc. 783$00

FÉRIAS DE S. SILVESTRE
Desde 26/12 até 1/1 a partir de Esc. 2.220$00

NOITE DE S. SILVESTRE
Desde 30/12 até 1/1 a partir de Esc. 740$00

FÉRIAS DE NATAL E S. SILVESTRE
Desde 24/12 até 1/1 a partir de Esc. 3.003$00

Mais 10% Serviço e 3% Imposto de Turismo.

Para informações mais detalhadas, contacte o seu Ágente de Viagens ou directamente o **HOTEL DA BALAIA,**

Albufeira — ALGARVE — Telef. 282-286

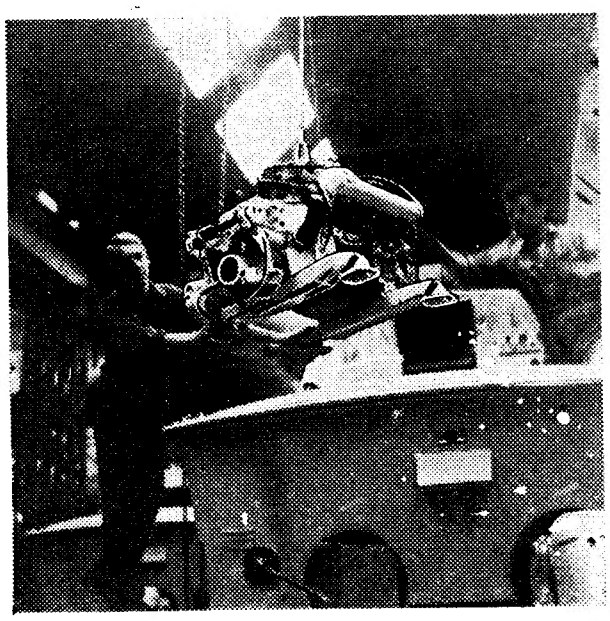
ABC CINECLUBE DE LISBOA

A iniciar um novo ciclo de cinema dedicado á comédia musical, o ABC Cineclube de Lisboa exibe, amanhã (18 e 40), no Cinema Lys, a película francesa de Jacques Démy «As donzelas de Rochefort». Antes da sessão admitem-se novos sócios.

A REUNIÃO NA ESCOLA TÉCNICA DE BEJA

BEJA, 12 — No domingo, às 15 horas, o director da Escola Industrial e Comercial de Beja reúne-se com os encarregados de educação dos seus alunos, para uma visita ao edifício e uma troca de impressões sobre os problemas dos jovens.

É este o elemento mais importante do seu barco.



Quando comprar o seu barco escolha cuidadosamente a unidade propulsora.
Se estiver equipado com um «Stern Drive» OMC EVINRUDE, bravo! foi uma boa escolha.
Ele proporcionar-vos-á performances excepcionais. Sabe que a coluna do seu «Stern Drive»
OMC EVINRUDE se eleva eléctricamente, com um simples premir de botão, até 75°?
e isto, note bem, sem prejudicar a sua elevação imediata quando toca
em objectos estranhos submersos. É a coluna existente no mercado que mais se eleva.
É também a única que lhe permite virar de bordo a 90°, mais 30° que qualquer outra marca.
É por esta razão que com o «Stern Drive» OMC EVINRUDE
pode manobrar o seu barco dentro de uma doca ou porto congestionado
com a mesma facilidade com que o faz em mar aberto. E que silêncio!
Se ouvir qualquer coisa além do grito das gaivotas, só poderá ser o correr da água
sob o casco ou o calmo ronronar do motor, porque o escape é submerso.
As inversões de marcha são tão suaves como as mudanças de velocidade automáticas de um carro.
Todo o motor está protegido contra a corrosão.
Possibilidade de ser equipado com um sistema de refrigeração por água doce.
Verifique pois, antes de decidir a compra do seu barco, se ele está equipado com um
«Stern Drive» OMC EVINRUDE. Quatro modelos à sua escolha:
80, 120, 155 e 210 CV, todos com uma garantia de 2 anos e assistência após-venda.

Envie este cupão ao Distribuidor e receberá mais detalhes sobre o Motor OMC Evinrude «Stern Drive»

Nome .....

Morada .....

..... N.º D. L. .....

Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
Av. 24 de Julho, 52-A - Lisboa - Telef. 66 77 10

EVINRUDE
O poder da experiência

UM PRESENTE DE DISTINÇÃO QUE DEFINE O BOM GOSTO DE QUEM O DA E A ALTA CATEGORIA DE QUEM O RECEBE

Cordon Rouge

FORNECEDORES DA CASA REAL INGLESA

O CHAMPANHE DE FAMA UNIVERSAL QUE PELA SUA ELEVADA CATEGORIA É SERVIDO NAS MAIS SOLENES REUNIÕES DA REALEZA E PREFERIDO POR TODAS AS PESSOAS DE BOM GOSTO E PALADAR EDUCADO

AGENTES:

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
Rua do Bonjardim, 420 — PORTO
Telefs. 26562 - 24943 - 32228 e 35221

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
Rua do Alecrim, 73 — LISBOA
Telefs. PPC. 320031/4

PROGNÓSTICO DE HEPATOPATIAS — TEMA DA LIÇÃO DE HOJE NO CURSO DE GASTRENTEROLOGIA PARA PÓS-GRADUADOS

Os trabalhos do 1.º Curso de Gastrenterologia para Pós-Graduados organizado pela Clínica de Patologia Médica da Faculdade de Medicina de Lisboa, da direcção do sr. prof. dr. Frederico Madeira, prosseguiram hoje com o mesmo alto nível científico dos dias anteriores.

A primeira lição de hoje esteve a cargo do sr. prof. dr. Frederico Madeira que dissertou sobre «Prognóstico das hepatopatias: morfologia e função». Seguiu-se um seminário dedicado á «Radiologia das vias biliares», a que presidiu o sr. prof. dr. Aires de Sousa e em que participaram os srs. dr. Gama Afonso que se ocupou de «Colecistografia»; e dr.ª Maria Emília Silvestre que falou de «Colangiografia iv»; e o dr. Luís Ayres de Sousa que apresentou «Radiocinematografia das vias biliares». Houve, ainda, apresentação de casos clínicos e, á tarde, realizou-se uma mesa-redonda sobre «Diagnóstico diferencial das Icterícias não-hemolíticas da qual foi moderador o sr. prof. dr. Gouveia Monteiro e em que participaram os srs. dr A. Saragoça que se ocupou da parte clínica; dr. Orlando Bordalo que tratou de Bioquímica; prof. dr. Ayres de Sousa, que dissertou sobre Radiologia; dr. Rodrigues Branco que falou de Radioisótopos; dr. Mário Quina que se referiu á Peritoneoscopia, e dr.ª A. Soares Baptista, que falou da Anatomia Patológica.

O curso continua amanhã, prolongando-se até depois de amanhã.

ASSOCIAÇÃO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

Amanhã, às 21 e 30, reúne-se, em segunda convocatória, a assembleia geral da Associação dos Pupilos do Exército, para tomar conhecimento dos resultados conseguidos na campanha da nova sede e decidir sobre a competência da direcção nas futuras acções relacionadas com aquela campanha.

AGORA É ASSIM...

FRIGORÍFICOS	MÁQUINAS DE LAVAR	TELEVISORES
130 L — 2150$	SUPERAUTOMÁTICAS	COM U. H. F.
165 L — 2750$	3.990$	3.750$
200 L — 2950$		

E AINDA FAZEMOS TROCAS!!

CASA M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 48-1.º andar (ao Largo)

Possibilidades de chuva por alturas do Natal sobretudo nas regiões do Norte

O Boletim Meteorológico para a Agricultura, do Serviço Meteorológico Nacional, relativo aos primeiros dez dias de Dezembro, prevê a seguinte evolução provável das condições meteorológicas:

«O tempo em Portugal continental, sobretudo nas regiões do norte, deverá ser influenciado por massas de ar marítimo transportadas na circulação de depressões localizadas no Atlantico a noroeste da Peninsula Ibérica. Nas regiões do sul, e eventualmente nas regiões do centro, na segunda semana do período, sentir-se-á a influência do anticiclone dos Açores.»

A antevisão das condições meteorológicas médias até 25 de Dezembro é a seguinte:

Até ao dia 15 — Céu pouco nublado, com períodos de muito nublado, especialmente nas regiões do norte. Vento fraco a moderado predominando dos quadrantes de oeste. Aguaceiros dispersos;

de 16 a 22 — Céu geralmente muito nublado. Vento moderado a fresco predominando de sudoeste. Aguaceiros e períodos de chuva, principalmente nas regiões do norte;

de 23 a 25 — Céu geralmente muito nublado com períodos de pouco nublado nas regiões do centro e sul. Vento fraco a moderado predominando do quadrante oeste. Possibilidades de aguaceiros principalmente nas regiões do norte;

em todo o período — Temperaturas médias do ar próximas dos valores normais na época.

VIDA MUSICAL

Recital de piano

O pianista espanhol Ricardo Requejo vai apresentar-se, no próximo dia 17, às 18 e 30, no auditório da Fundação Gulbenkian, num recital em que interpretará obras de Claude Debussy, Bela Bartok e Franz Liszt.

Aquele concertista, diplomado com as mais altas classificações pelos Conservatórios de San Sebastian, de Paris e de Geneve, esteve em Portugal em 1965/66, como bolseiro da Fundação Gulbenkian. Estudou então com Helena Moreira de Sá e Costa, tendo obtido num concurso organizado pelo Conservatório de Música do Porto dois primeiros prémios, um dos quais denominado «Luís Costa», a título de o melhor intérprete da música portuguesa.

Recital no Instituto Britanico

Conforme foi anunciado, realiza-se amanhã, às 18 e 15, na sede do Instituto Britânico, Rua Luís Fernandes, 3, em prosseguimento das comemorações do seu 30.º aniversário, o recital da pianista inglesa Marguerite Wolff com obras de Haydn, Mendelssohn, Liszt e do músico-mor da rainha Isabel II, «sir» Arthur Bliss, cuja «Sonata», completada em 1952, será apresentada pela primeira vez em Lisboa.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO VAI TER UM MUSEU BIBLIOTECA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 12 — Vão adiantadas as obras do Museu-Biblioteca Vila-Realense. As dependências da velha e insalubre cadeia comarcã, onde, antes, se explavam grandes e pequenos delitos, quase sempre de ordem material, irão, assim, rejuvenescer na diferente e valiosa tarefa de valorizar as coisas do espírito e de apresentar a quem as procure uma feição cultural que, de há muito, se afigura necessária nesta operosa e progressiva terra algarvia.

Não se sabe com o que já se conta para o futuro museu e para a nova biblioteca, mas pensamos que se oferece excelente ocasião de, pondo de parte retraimentos, cada um procurar servir a sua terra, ajudando-a a aumentar, no que lhe for possível e dentro do que se veja possível, o seu património espiritual.

Não sabemos, igualmente, se para o museu estará prevista uma secção que a todos patenteie, com largos elementos formativos e informativos, a principal razão de ser da vila, as suas indústrias de conservas de pesca, com alusões a outras já existentes ou que possam criar-se e frutificar no nosso meio, estas numa chamada, que talvez resultasse, ao espírito de iniciativa de cada um.

O 20.º ANIVERSÁRIO DOS COLÉGIOS DE REEDUCAÇÃO PEDAGÓGICA

Hoje, ás 18 e 30, no Cinema Roma, decorre um espectáculo de Teatro infantil, á qual assiste o ministro da Educação Nacional, integrado nas comemorações do 20.º aniversário dos Colégios de Reeducação Pedagógica.

Instituição destinada á recuperação de deficientes mentais, os Colégios de Reeducação Pedagógica, cuja população escolar atinge cerca de 15 crianças, conta com 22 professores especializados, um médico pedo-psiquiatra e 23 empregados auxiliares. Embora se trate de uma organização particular, no ano lectivo findo concedeu a totalidade dos lucros líquidos á assistência ás famílias dos alunos mais necessitados.

No sábado, das 15 ás 18 horas, no edifício dos Colégios, Praça do Areeiro, 11, estará patente ao publico uma exposição de trabalhos dos alunos.

SEMINÁRIO DE PUBLICIDADE DA RANK XEROX

Roma será o local da última reunião da série internacional do Seminário de Publicidade da Rank Xerox para 1968. Farão parte da representação portuguesa os srs. dr. Mário Sá Couto, director de Marketing; Luís Cunha Esteves, chefe dos Serviços de Publicidade; e John Mumford, director geral da Ponte Internacional Publicidade — a agência responsável pela publicidade da Rank Xerox em Portugal.

Pela segunda vez sucessiva, o sr. L. Cunha Esteves será um dos oradores no Seminário e falará sobre «A interligação da campanha de publicidade com a actuação de força de vendas».

A Áustria, a Bélgica e a Espanha serão os países participantes neste Seminário, além do país organizador. Estarão também presentes oradores da Suécia e da Grã-Bretanha.

O Seminário decorrerá no Hotel Hilton, de Roma.

ALCATIFA NO SISTEMA "TUFTING":
Exclusivo REALTUFO-MERAKLON
produzida por FERCOL (Sels)

Meraklon
A fibra leve e resistente
Um produto POLYMER, s.p.a., do grupo
MONTECATINI-EDISON

A fibra MERAKLON é insensível às manchas; a sujidade não penetra, deposita-se simplesmente. Por isso, todas as manchas desaparecem ao passar uma esponja ligeiramente humedecida.
As alcatifas de MERAKLON não se sujam, não se gastam, não feltram, ... são pràticamente eternas.

ONST. FIUMEN

Actualidade internacional

NIXON DIRIGIRÁ (PRÀTICAMENTE) TODA A POLÍTICA EXTERNA

WASHINGTON, 12 — (R.) — O presidente eleito Richard Nixon dirigirá, praticamente, toda a política externa do país quando for investido em 20 de Janeiro.

Essa foi a interpretação a que chegou a maior parte dos observadores diplomáticos após a nomeação, a noite passada, do seu amigo íntimo, Bill Rogers, para o cargo de secretário de Estado.

Rogers traz para o cargo a reputação de um advogado brilhante e de um administrador recto do departamento da Justiça, como procurador-geral, durante o Governo do presidente Eisenhower.

Contudo, o seu contacto com política externa, ao que se sabe, tem sido limitado. Nos ultimos anos tem aparecido com proeminência como advogado de interesses da Imprensa e da Televisão em Washington.

O seu nome nunca foi mencionado como um possível sucessor do secretário de Estado, Dean Rusk, até aos ultimos dias.

Ao nomeá-lo, Nixon acentuou a capacidade de Rogers como «um negociador soberbo».

«Fá-lo-ia enfrentar hoje qualquer homem no mundo. Penso que a América estará bem representada por ele... visto negociar pela paz» — disse o presidente eleito.

Isso fez pensar imediatamente os observadores na possibilidade de que Nixon tenciona seguir enérgicamente a política já iniciada pelo presidente Johnson para negociar uma solução no Vietnam e para conseguir uma conferência com a União Soviética a fim de acabar com a corrida aos mísseis e armas nucleares.

Rogers é tão íntimo do presidente eleito como qualquer outra individualidade nomeada para o seu Governo de 12 membros e, como tal, encontrar-se-á entre os seus conselheiros de maior confiança.

Contudo, a sua escolha parecia assinalar para a maioria dos observadores, um desejo da parte do novo presidente de ser o iniciador da sua própria política.

Ao nomear Rogers, embora indicando-o com 24 horas de antecipação, revestiu o facto de um acontecimento de surpresa, como sucedeu com a escolha do presidente John Kennedy ao nomear o virtualmente desconhecido Dean Rusk, apanhando, assim, desprevenidos em 1961 os especuladores políticos.

Ao escolher um ministro dos Negócios Estrangeiros virtualmente desconhecido, Nixon parecia ter seguido, segundo os observadores, o rumo exactamente contrário ao do presidente Eisenhower, que nomeou o vigoroso e experiente John Foster Dulles para seu secretário de Estado no Governo de 1953.

Por outro lado, um secretário de Estado, sem opiniões publicamente divulgadas sobre a questão escaldante do Vietnam, podia ajudar o presidente eleito a escolher um possível novo caminho para tirar os Estados Unidos desse dilema — prosseguiram os mesmos observadores.

Rogers é muito conhecido em Washington e poucas dificuldades terá em lidar com todos os altos escalões do serviço externo. Tem uma personalidade vincada e encantadora e funcionários americanos afirmam julgar que será muito bem aceite por diplomatas estrangeiros.

Contudo, as suas opiniões sobre o Vietnam, Médio Oriente, Europa Oriental, relações com a União Soviética, África e América Latina continuam a ser uma incógnita e é provável que sejam reveladas pela primeira vez quando o seu nome for apresentado ao Senado em Janeiro, a fim de ser confirmada a sua nomeação.

O «MAYOR» DE WASHINGTON PERMANECERÁ NO CARGO

WASHINGTON, 12 — (F. P.) — O presidente eleito Richard Nixon anunciou, ontem á noite, oficialmente que confirmava nas suas funções o «mayor» da capital federal, Walter Washington, cujo mandato termina dentro de dois meses.

Walter Washington é democrático e de raça negra.

Os elementos do Gabinete

São os seguintes os elementos do Gabinete de Nixon, ontem por este escolhidos:

- **Secretário de Estado: William Pierce Rogers**
- **Secretário do Tesouro: David Kennedy**
- **Secretário da Defesa: Melvin Robert Laird**
- **Ministro da Justiça: John Mitchell**
- **Ministro dos Correios: Winton M. Blount**
- **Secretário do Interior: Walter J. Hickel**
- **Secretário da Agricultura: Dr. Clifford Hardin**
- **Secretário do Comércio: Maurice Stans**
- **Secretário do Trabalho: George Schultz**
- **Secretário da Saude, Educação e Bem-Estar: Robert Finch**
- **Secretário do Urbanismo e da Habitação: George Romney**
- **Secretário dos Transportes: John Volpe**

DIZ O «NEW YORK TIMES»:

O GABINETE DE NIXON NÃO SUSCITA «ENTUSIASMO»

(Continuação da 1.ª página)

cipais ministros, o jornal espraia-se sobre a personalidade de Willim P. Rogers, o novo secretário de Estado, amigo íntimo de Nixon que, na opinião do fundista, será provávelmente, um novo Dean Rusk

«O secretário de Estado que sai» — escreve — «não escolheu o papel de administrador de uma vasta máquina de formular uma política, mas antes o de conselheiro discreto, compreensivo e confidencial do presidente. A nomeação de Rogers mostra que Nixon tenciona ser o seu próprio secretário de Estado...»

Quanto a Melvin Laird, novo secretário da Defesa, o jornal pensa que a sua nomeação para cargo de tal modo vital «não pode ser recebida com entusiasmo».

«A sua parcialidade intransigente de político conservador, ambicioso, e a tendência para a intriga deveriam prestar-se a controvérsia», prossegue o articulista do «New York Times». Foi um dos principais críticos de Robert McNamara (antecessor de Clark Clifford), mas ao tornar-se chefe do Pentágono, não alcançará o sucesso que espera, se deixar a rede á mercê dos militares, como era o caso até que McNamara assumiu a direcção do departamento».

O jornal mostra-se menos severo quanto aos ministérios económicos essenciais, e pensa que David Kennedy, secretário para o Tesouro, e Robert Mayo, director do Orçamento, embora «ortodoxos nas suas concepções», praticam uma «filosofia sem rigidês».

Em conclusão, o «New York Times» vê no novo Governo, «um grupo politicamente equilibrado», mas, acrescenta, «na altura em que a nação precisa de ser estimulada, o gabinete Nixon não suscita entusiasmo».

NEM NEGROS NEM JUDEUS NO NOVO GOVERNO

WASHINGTON, 12 — (F. P.) — No momento em que anunciava aos americanos o seu Governo, o presidente-eleito Richard Nixon recebia a informação oficial dos resultados completos das eleições. Nixon bateu o seu adversário Humphrey (democrático) por 499 704 votos pois teve 31 770 237 votos contra 31 270 533 para Humphrey. O terceiro concorrente George Wallace (independente) conseguiu 9 906 141 votos. Os outros votos foram para Eldrige Cleaver, do Partido da Paz e da Liberdade, líder dos «Panteras Negras» e que anda fugido; 36 385 (a maioria votos californianos); Eugene McCarthy, senador democrático mas que não era candidato: 25 858; Dick Gregory, actor negro, 47 097; sr.ª Charlene Mitchell, do Partido Comunista americano, 1075.

Richard Nixon constitulu um Governo completamente republicano e na sua equipa não há negros. Grande numero é desconhecido do grande publico, muitos eram de há muito amigos pessoais do presidente-eleito. Há sómente um católico na nova composição (John Volpe de Massachusets) e dois mormons (George Romney, do Michigan e David Kennedy, de Chicago). Não há judeus. Compreende um só parlamentar (Melvin Laird), três governadores e um vice-governador. Dois advogados, dois banqueiros, um homem de negócios. Dois universitários.

Quanto aos embaixadores a nomear nada foi anunciado ainda, mas deve ser conhecida brevemente a individualidade a quem será confiado o cargo de representante dos Estados Unidos nas Nações Unidas.

BIAFRA REJEITA NEGOCIAÇÕES

LAGOS, 12 — (F. P.) — Biafra rejeita toda e qualquer nova negociação de paz, desde que não participe nessa negociação como Estado soberano e independente.

Biafra não aceita nenhuma espécie de associação com a Nigéria, mesmo económica — anunciou hoje a Rádio biafrense.

PEDIDA A PENA DE MORTE PARA TRÊS BASCOS

SAN SEBASTIAN, 12 — (F. P.) — Foi requerida a pena de morte para três nacionalistas bascos membros da organização ETA, os quais comparecerão, amanhã, perante o conselho de guerra de San Sebastian por terem incendiado, em 14 de Agosto ultimo, a quinta do presidente da Camara de Lazcano, no Guipuzcoa.

Por outro lado, foi requerida a pena de 30 anos de prisão para dois outros acusados.

A sentença só será pronunciada dentro de alguns dias e terá de ser ratificada pelo capitão-geral da região de Burgos, de que depende a província do Guipuzcoa.

Mais de 30000 americanos mortos no Vietnam

SAIGÃO, 12 — (R.) — Um informador militar anunciou hoje que nos oito anos em que os Estados Unidos têm participado na guerra do Vietnam, o número de mortos em combate ultrapassou a marca dos 30 mil com as baixas da semana passada.

PATRULHAS NA ZONA DESMILITARIZADA

WASHINGTON, 12 — (A. N. I.) — A secretaria de Estado anunciou que a secretaria da Defesa havia autorizado a penetração na metade sul da «zona desmilitarizada», entre o Vietnam do Norte e do Sul, de pequenas patrulhas militares norte-americanas.

Acrescentou que a missão dessas patrulhas é a de fiscalizar a actividade inimiga.

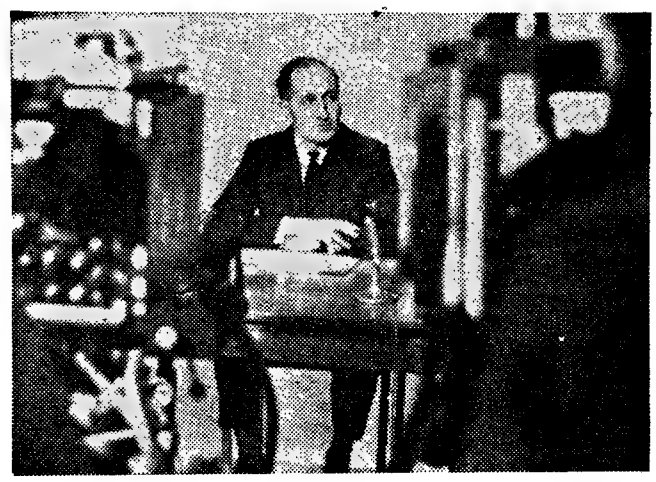
AMEAÇA DE SAIGÃO

SAIGÃO, 12 — (A. N. I.) — O ministro sul-vietnamiano dos Negócios Estrangeiros, Tran Chanh Thanh, declarou ontem no Congresso que a delegação de Saigão ás conversações de Paris se retiraria se a bandeira da frente nacional de libertação (F. N. L.) fosse colocada na sala de conferências durante as conversações.

A RETIRADA DE TROPAS

PARIS, 12 — (A. N. I.) — O Vietnam do Norte está disposto a iniciar conversações acerca da retirada das tropas estrangeiras do Vietnam do Sul, logo que sejam iniciadas as negociações de paz de Paris — declarou aos jornalistas o informador principal da delegação de Hanoi, Nguyen Than Le.

O informador norte-vietnamiano revelou que este ponto não foi ainda abordado, pois as reuniões particulares entre os delegados dos Estados Unidos e do Vietnam do Norte têm sido dedicadas ao estudo de questões processuais.



O primeiro-ministro da Irlanda do Norte, capitão Terence O'Neill, fez, pela Televisão, um apelo a favor da paz entre católicos e protestantes. A Irlanda do Norte tem sido cenário de lutas, entre aqueles grupos religiosos o que tem provocado, segundo as palavras do próprio chefe do Governo, «uma rápida e crescente desordem civil»

NOVAS GREVES EM ITÁLIA

ROMA, 12 — (R.) — O primeiro-ministro italiano designado, Mariano Rumor, apresentará hoje, segundo se espera, o seu novo Governo ao presidente Giuseppe Saragat, a fim de obter a sua aprovação, enquanto continua a agitação entre a classe trabalhadora e os estudantes.

Círculos políticos disseram que Rumor visitaria, durante a manhã, no Quirinal, o presidente Saragat, mas acrescentaram que ele não decidira ainda a composição final do seu Gabinete até ás ultimas horas da noite de ontem

Ao preencher os 25 cargos disponíveis, Rumor não tinha só de defrontar as 13 facções políticas separadas que formam os três partidos do centro-esquerda, como verificar, também, que todas as regiões de Itália estavam bem representadas.

A constituição do novo Governo — que se aguarda seja ratificada pelo Parlamento antes do Natal — terminará uma crise política que se regista há três semanas na Itália. Contudo, resta ver se a formação do Governo evitará a actual agitação entre a classe trabalhadora e os estudantes

Após greves gerais de 24 horas na Sardenha e na Sicília durante os ultimos dois dias, outra está planeada para hoje em Apulia — no calcanhar de Itália — uma área igualmente pobre e subdesenvolvida.

As pretensões da classe trabalhadora são as mesmas do que na Sicília e Sardenha: abolição do sistema de escalões nos salários que dá aos trabalhadores proventos muito inferiores aos equivalentes nas áreas ricas como Milão e Turim

Espera-se que as escolas fechem, que não circulem os transportes colectivos, que não haja gás e que o pessoal da companhia dos telefones não trabalhe durante três horas Os estabelecimentos poderão, também, fechar.

Outra greve geral está, também planeada em Nioro, no centro da Sardenha.

Aguarda-se que o correio do Natal seja entregue com um atraso de 48 horas, devido a uma greve que começa esta tarde, dos carteiros que viajam de comboio e camião e que pedem salários mais elevados e menos horas de trabalho.

Uma greve de 24 horas, que paralisou virtualmente o porto de Génova, deverá terminar esta manhã e vários paquetes poderão zarpar, após demoras.

No porto de La Spezia, pais enfurecidos ordenaram aos filhos para acabarem com uma greve sentada numa escola técnica, mas quatro outros colégios continuavam ocupados pelos estudantes.

«Habeas corpus» para 46 presos no Brasil

RIO DE JANEIRO, 12 — (A. N I.) — O Supremo Tribunal federal concedeu «habeas corpus» aos 46 presos a quando do trigésimo congresso da União Nacional dos Estudantes, em Ibiuna, São Paulo, por ter sido ultrapassado o prazo máximo previsto para a prisão preventiva, 60 dias. O senador Mário Martins trouxe para São Paulo a ordem de libertação dos estudantes entre os quais seu filho Franklin. No entanto, Vladimir Palmeira, José Dirceu e Luís Travassos continuam presos com culpa formada, aguardando julgamento.

Os processos dos estudantes agora postos em liberdade serão reabertos depois das férias do Supremo Tribunal Federal.

Os deputados decidiram ignorar a proibição

PAMPLONA, 12 — (F. P.) — Os deputados espanhóis do grupo dos «Familiares» (eleitos para as Cortes pelos chefes de família) decidiram ignorar a proibição que lhes tinha sido feita de não se reunirem fora do palácio das Cortes

«Continuaremos a reunir-nos quando e onde julgarmos oportuno» — disse um dos parlamentares.

MINISTRO CHECO CRITICA A CHEFIA DE DUBCEK

PRAGA, 12 — (R.) — Um ministro checoslovaco, emergindo como uma figura proeminente na nova hierarquia do Partido, atacou a chefia comunista de Alexander Dubcek na véspera da importante sessão de hoje da comissão central.

Lubomir Strougal, vice-primeiro ministro e membro do politburo interno do Partido, declarou, no ataque, provàvelmente engendrado no seio do Partido, que os pensamentos por detrás do movimento de democratização principiado em Janeiro «não eram os de um só indivíduo».

Disse ainda num discurso que pronunciou a noite passada pela Televisão: «O processo de democratização não era nenhuma dádiva, mas o resultado da demorada luta no Partido».

Strougal, de 44 anos, que foi ministro do Interior durante o Governo de Antonin Novotny, ganhou proeminência política de novo em Novembro quando recebeu quatro cargos importantes do Partido, que incluiam a chefia da repartição checa do Partido.

Alguns observadores consideram o seu discurso como uma nova indicação da crescente divisão entre os reformadores checoslovacos e os novos realistas — os homens no seio do Partido prontos a aceitar as restricções exigidas pela União Soviética como a única solução, a seguir á invasão de Agosto.

Strougal anunciou que uma conferência do Pacto de Varsóvia se realizaria em futuro próximo, mas não revelou onde nem quando. Disse ainda que haveria uma sessão do Comecon — o Mercado Comum comunista — no princípio do próximo ano.

Strougal revelou ainda que garantias seriam apresentadas contra o abuso da liberdade de Imprensa. «Não pretendemos introduzir um género rígido de censura... queremos assegurar que ninguém desfruta de um poder que não pode ser fiscalizado».

FRACO DE JOHNSON

— arroz à chinesa

WASHINGTON 12 — (R.) O presidente Johnson evita prudentemente engordar, mas tem um fraco por arroz á chinesa e bifes á «Stroganoff», «bem como por tudo aquilo que faz engordar», segundo revelou a sua cozinheira, Zephyr Wright.

A senhora Wright, que é a cozinheira da família Johnson há quase 27 anos tenciona reformar-se no dia 20 de Janeiro, quando o presidente terminar o seu mandato e abandonar a Casa Branca.

Entrevistada por um jornalista, declarou que nos ultimos cinco anos tem vivido num estado de constante tensão, sempre a contar calorias e, muitas vezes, sem saber se a próxima refeição do presidente lhe poderá ser servido ou não.

«Quando ele se queixa de que está a ganhar peso, a senhora Johnson diz-me: «Dê-lhe qualquer coisa com menos calorias», contou Zephyr Wright.

Acrescentou que, seguindo tais instruções, prepara uma refeição com bife grelhado, costeletas de carneiro ou fígado.

NASSER: SIM À MINI-SAIA

CAIRO, 12 — (R.) — A recusa do presidente Nasser em proibir a mini-saia parece ter, finalmente, posto ponto final a uma controvérsia que se arrastava há meses entre a juventude egípcia, a Polícia e os dirigentes religiosos.

Quando a revolução da mini-saia atingiu este país muçulmano — onde também se tem feito sentir a agitação dos estudantes — foram os dirigentes religiosos que imediatamente pediram a sua proibição.

Numa autêntica guerra de sermões por meio de cartas dirigidas aos jornais, os dirigentes religiosos lembravam que o Islamismo determinava que de uma mulher apenas se podia ver o rosto e as mãos.

Nas redacções dos jornais egípcios verificou-se uma verdadeira inundação de cartas contra e a favor da mini-saia.

Ao recusar-se a proibir a nova peça da indumentária feminina, o presidente Nasser deu, também, um apoio moral á inquieta geração nova.

Respondendo a um indignado sheik, no Congresso Nacional da União Socialista Árabe — convocado para debater a agitação dos estudantes — o presidente da R. A. U., que tem 50 anos e já é avô, lembrou-lhe com firmeza: «Tanto este país como todo o resto do Mundo estão a mudar».

«IMPOSTO DE PARTIDA»

BUENOS AIRES, 12 — (A. N. I.) — A industria turistica argentina entrou em grande efervescência, devido a um novo imposto de seis dólares (cerca de 170 escudos), a pagar pelos estrangeiros que saiam do país, denominado «imposto de partida».

Só estão isentos do novo imposto os sacerdotes e os visitantes que permaneçam no país menos de 48 horas.

As companhias aéreas e marítimas e as agências de viagens estão a preparar uma petição ao Governo, para a revogação do imposto.

O jornal «Buenos Aires Herald» diz que o caso já levou a «seis violentos incidentes», que envolveram passageiros de linhas aéreas com pouco dinheiro, que consideraram a taxa «o ultimo aborrecimento».

A receita do imposto destina-se a melhorar os serviços da Junta de Imigração, em Buenos Aires e nas províncias.

KENNETH KAUNDA:

As resoluções da O. N. U. sobre a África Austral não têm sido aplicadas

LUSAKA, 12 — (R.) — O presidente Keneth Kaunda, da Zâmbia, afirmou anteontem á noite que aquilo que as Nações Unidas têm conseguido relativamente á África Austral acabou por se revelar, na prática, de amplitude muito limitada.

Discursando perante membros da Associação Zambiana das Nações Unidas, reunidos na Universidade velha de Lusaka, o presidente Kaunda, recordando que a O. N. U. aprovou resoluções que condenam o «apartheid» a rebelião da Rodésia e o colonialismo português em África, acrescentou:

«Contrariamente ao que se esperava, as resoluções e princípios da Carta das Nações Unidas, de modo geral, têm sido observados mais em teoria do que na prática».

Kaunda frisou que a Grã-Bretanha se mostrou, em 1968, na disposição de conceder o poder ao regime rodesiano de Ian Smith. — «Precisamente no ano que as Nações Unidas proclamaram ser o Ano Internacional dos Direitos Humanos».

Até agora, nada se fez para forçar a África do Sul a abandonar a sua administração autoritária sobre o território de Namibia (sudoeste Africano), declarou Kaunda, acrescentando que a África do Sul tem estado a prestar assistência á Rodésia e continua na disposição de desafiar a opinião pública mundial com a sua política de «apartheid».

Quanto aos territórios portugueses, Kaunda disse que o Governo português anunciou estar na disposição de continuar a sua política colonial, apesar das resoluções da O. N. U. pedindo a Portugal que respeite a Carta das Nações Unidas.

A única esperança do Mundo consiste em dar-se todo o apoio possível às Nações Unidas, para que estas possam actuar com eficiência, frisou o presidente da Zâmbia.

O «APARTHEID» CRITICADO

LAGOS, 12 — (R.) — O comissário dos assuntos externos da Nigéria, dr. Okoi Arokpo pediu, anteontem, que seja acelerado o processo destinado a conseguir-se a independência dos ultimos territórios colonizados ainda existentes em África.

Num discurso radiodifundido, assinalando o Dia dos Direitos Humanos, o dr. Aripko declarou:

«Nesta ocasião, a sorte dos nossos irmãos e irmãs que vivem nas bolsas do colonialismo ainda existentes em África não pode deixar de nos vir á mente.»

Depois de se referir, como exemplos de colonialismo aos territórios portugueses de Moçambique, Guiné e Angola, o comissário dos assuntos externos da Nigéria prosseguiu:

A desumana prática do «apartheid» e o seu irmão gémeo, o fanatismo racista, não mostraram ainda indícios de mudança. Na verdade, na Rodésia do Sul a «clique» rebelde aperta cada vez mais o laço em redor dos pescoços dos nossos irmãos. Torna-se pertinente sublinhar que é necessário despertar a consciência universal quanto á urgência de se acelerar a independência de todos os territórios e povos colonizados.»

Escolha de entre os 100 modelos Waterman
desde 36$00 a 14 contos

NOVIDADES NECONSAR, LDA. — Rua do Telhal, 43 — Tel. 366478 — Lisboa

ECOS

POR motivos de natureza dietética ou de natureza gastronómica, muitos são os turistas que apreciam particularmente a vitela branca, ou «carne de seda», a mais inocente para os hepáticos e para os dispépticos, sobretudo na refeição da noite. A Imprensa diária portuguesa deu notícia de que estes escalopes, cada vez mais raros em Portugal, têm encantado no Algarve os mais exigentes forasteiros. Provém esta carne delicadíssima da exploração agro-pecuária da Quinta das Ferras, em Pinheiro de Loures.

Bom seria, uma vez que o turismo tende a tornar-se entre nós uma das mais importantes fontes de riqueza, que fosse encarada, em larga escala, a extensão desta produção.

★

ESTARÁ Anouilh em decadência? Desde a subida à cena de La Grotte **que o ácido, insulado, lírico criador de «Antigona» e «Euridice», o amante da rebeldia que mantinha desde sempre um luminoso namoro com a morte e com a pobreza orgulhosa, parece abdicar desse seu espírito de contestação radical da sociedade e da própria vida, em favor de um ceptismo conformado, por vezes meigo e sarcástico.** Também é verdade que a estética dramática deu um largo passo em frente. Só o escritor que constitui autêntico milagre de juventude não se deixa ficar para trás.

Representa-se agora de Jean Anouilh, na **Comédie des Champs Élysées**, «Le Boulanger, la Boulangère et le Petit Mitron». Um vasto sector do público mostrou-se decepcionado. Todavia, Michel Bouquet, que já fora o reizinho sem reino salvo pela donzela de Orléans, na «Alouette», assegura que esta é a mais serena das peças de Anouilh. Afirma-o com a intenção de elogiar, tanto mais que acrescenta: «... a minha impressão é de que ele vive e vê as suas personagens, escuta-as e segue-as». Mas será, ao fim e ao cabo, um elogio, a exaltação dessa serenidade no conturbado, tenso, angustiado mundo a que o outro Anouilh, o de «Roméo et Jeannette» dera sempre respostas pungentes e inconformistas?

★

ESTÁ decorrendo em Estugarda, na Alemanha Ocidental (onde o neo-nazismo recrudesce, segundo a informação constante das agências telegráficas, o julgamento de quatro antigos membos S.S. acusados de haverem participado na matança dos civis forçados a exumarem e cremarem os corpos de dezenas de milhares de russos e lituanianos, aquando da invasão da U. R. S. S. pelo Exército de Hitler. É perante estas monstruosidades que todo o escritor, todo o intelectual sente até que ponto está efectivamente comprometido. Comprometido a defender a Liberdade, quaisquer que sejam as opiniões que professe.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *Enquanto prossegue na discussão da Lei de Meios, a Assembleia Nacional tem já outra proposta de lei para debater: a que reorganiza as Casas do Povo, documento que vai ser enviado à Câmara Corporativa, cujo parecer será dado pela Comissão de Trabalho e Previdência.*

★ A crise que avassala a indústria têxtil algodoeira foi um dos temas abordados ontem na ordem do dia, pelo deputado sr. eng.º Armando de Sousa Magalhães, do círculo do Porto

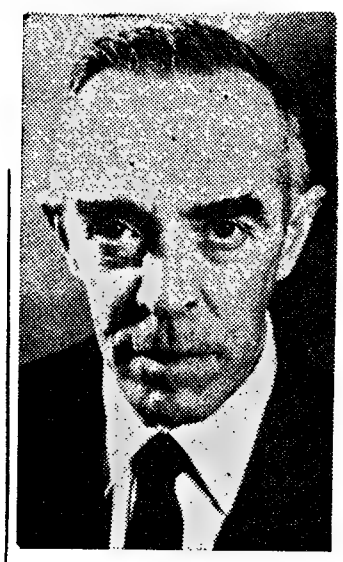
★ *No período antes da ordem do dia, o sr. eng.º Amaral Neto criticou os serviços de taquigrafia e de redacção do «Diário das Sessões», especialmente no que se refere ao registo das intervenções não escritas. Pediu total reforma dos serviços, sua modernização e apetrechamento.*

★ O deputado por Angra do Heroísmo, sr. dr Rafael Valadão dos Santos, ao referir a falta de comunicações com os Açores, acentuou: «Os Açores enfrentam, actualmente, duas espécies de barreiras: alfandegárias e humanas. As barreiras humanas — mais graves pelas implicações de ordem moral — são as que não permitem que um cidadão português, note-se português se desloque de uma ilha para a outra, até tratando-se do mesmo distrito, sem a fiscalização e conhecimento da Polícia Internacional».

«CÂNTICO SUSPENSO»
o último livro de poesia de José Régio
é hoje posto à venda

Foi em 1925 que José Régio aparecia com os já hoje clássicos «Poemas de Deus e do Diabo» e o jovem poeta de então, escolar de Coimbra, o ideal alevantado de quem traz uma mensagem e a quer comunicar, não mais deixou de cantar e doutrinar. A sua doutrinação tem-na exercido no magistério e, para auditório mais vasto, nas revistas, nos jornais, no livro. As mesmas páginas do «Diário de Lisboa» se honraram muitas vezes com a sua colaboração.

O poeta não mais deixou de cantar e eis que da sua Vila do Conde adormentada e bela, onde outros grandes poetas procuraram ambiente com a firmeza da grande cultura e espírito crítico apurado que são marcas dos seus livros, o lábaro resplendente da escola que vai para meio século fincou no solo ingrato das letras portuguesas.



JOSÉ RÉGIO

O poeta continua a cantar e é só termo do presente volume a «estação término» que o fecha. A grande obra prosseguirá:

Como um navio no mar
A meio da noite a casa,
E o vento e a chuva em [redor.
Lá dentro, a um canto do lar
Onde um bom tronco se [abrasa,
O homem sentado espera.
Se alguém chegar,
Terá luz, terá calor.
Batem à porta. Quem dera
Que fosse realidade!
Já teve tais decepções
O homem que há tanto es-[pera!
... ...

mo Antero e Junqueiro e onde ele nasceu, nos manda agora mesmo o seu «Cântico Suspenso» incluído nas suas Obras Completas que a Portugália Editora está a publicar, e nele a mesma frescura, a inspiração vibrante e serena, aquela humanidade e juventude que são as de toda a Poesia de José Régio. E a sua caminhada não é de somenos e a sua obra avulta com singular relevo nas nossas letras contemporâneas.

O orientador da «Presença», o dramaturgo da «Benilde ou a Virgem Mãe», o romancista de «O Príncipe com Orelhas de Burro», o novelista das «Histórias de Mulheres», o autor dos «Ensaios da Interpretação Crítica», construiu uma obra de unidade rara, sólida como poucas de autêntico grande escritor que galhardamente soube empunhar,

Quantos n estão dep em nome
— perguntou na Asse

Sob a habitual presidência do sr. prof. dr. Mário de Figueiredo, a Assembleia Nacional prosseguiu hoje o debate da Lei de Meios para 1969.

No período da ordem do dia, o deputado pelo círculo de Évora, sr. Cutileiro Ferreira, rendeu homenagem ao Presidente Salazar, saudou o Chefe do Estado e aplaudiu a escolha do prof. Marcelo Caetano para Presidente do Conselho, acentuando: «Será o digno sucessor de Salazar, aceitando eu que tenha ópticas diferentes e soluções igualmente diferenciadas.»

Lamentou que a exiguidade de tempo não permita um estudo profundo da Lei de Meios, como convinha e aludiu a factores de vária ordem, de consequências imprevisíveis. Por isso concordava, como se preconizava na proposta em discussão, em que «devemos viver em clima de permanente austeridade económica».

Mais adiante, aquele deputado preconizou o aumento de produtividade, acrescentando: «É evidente que aceito a justa remuneração, as regalias sociais, a posse de um lar, o direito á previdência mas, e não é exigir de mais, também pretendo uma justa produtividade, em quantidade e qualidade. O operário português é dos melhores do Mundo e, quando quer, supera tudo que deve se espera».

Estradas estreitas

Aludiu, em seguida, aos transportes, ás sérias deficiências dos caminhos-de-ferro, ao tratamento de excep-

DEVE SER SÓ PA A REMUNE DAS HORAS EXT

PEDIDA UMA DE IMPREN

Na sua intervenção de hoje, o deputado Cutileiro de

«Quero assegurar ao novo Presidente do Conselho a m tanto nesta Câmara como, e decerto mais prolongadame de simples homem da oficina, do trabalho e da família, pronto a colaborar nos Projectos de Lei que o Governo no permitido formular um pedido, folgaria que, entre essas de uma Lei de Imprensa em que as responsabilidades proporcionadas às liberdades a conceder. Sei que o Senh selho foi brilhante jornalista e, por isso, melhor que mu ções de elaborar essa Proposta de Lei.

Com jubilosa esperança a fico aguardando.»

Política de produtividade e de formação profissional
— um dos temas discutidos hoje na Mesa-Redonda da Indústria

Com a apresentação das comunicações previstas nos temas n.os 3 e 4 do programa, terminaram hoje as sessões de Trabalho da Mesa-Redonda da Indústria que, no entanto, se prolonga até ao dia 17.

As comunicações do tema n.º 3 (Política de produtividade, de formação profissional e de progresso tecnológico a indústria dos territórios portugueses) tiveram como relatores os srs. dr. Acácio Garcia e eng.º Fernando Magalhães de Sousa, das Associações Industriais de Angola e Moçambique, respectivamente; dr.ª Maria do Cé Esteves, da Associação Industrial Portuense; Alberto Camacho e Manuel Vila-Lobos Meneses que se ocuparam do problema da «Formação de contramestres»; e engs. José de Melo Torres Campos e Mário Cardoso dos Santos que abordaram «Aspectos da política de produtividade em Portugal».

Em resumo, as comunicações incluídas neste tema referiram-se aos organismos publicos e privados existentes em Angola, em Moçambique e na Metrópole com o fim de promover o aumento da produtividade, da formação profissional e do progresso tecnológico; indicaram problemas e experiências no domínio da formação de contramestres e encarregados da industria; aludiram á necessidade de estruturar núcleos técnicos de ligação e informação para que exista a viabilidade de concretização de uma política de produtividade.

No tema n.º 4 (Informação estatística e as necessidades das empresas industriais) apresentaram comunicações os srs. dr. Acácio Garcia, da A. I. de Angola; dr. Manuel Carlos Bruno da Costa, da A. I. de Moçambique; José da Silva Lopes; drs Manuel Rocha e Almor Viegas, da A. I. Portuense; e eng.º João Cravinho.

Os relatores assinalaram as dificuldades criadas pela carência de estatísticas á gestão das empresas industriais e referiram a acção da Corporação da Indústria e das Associações Industriais de Angola, de Moçambique e da Metrópole no domínio da colheita, elaboração e difusão de estatísticas industriais. Além disso, apresentando sugestões sobre aperfeiçoamentos na informação estatística, as comunicações assinalam ainda a colaboração requerida pelas empresas industriais para se poder dispor de um sistema de estatísticas mais completo.

Ao fim da tarde, os participantes na Mesa-Redonda da Indústria são recebidos no Ministério das Corporações e, amanhã, deslocar-se-ão ao Norte, em visita a várias unidades industriais.

Comendador Augusto Rodrigues

Na próxima quarta-feira, 18, pelas 20 e 30, efectua-se no Pavilhão das Industrias, á Junqueira, um jantar promovido pela Casa do Pessoal dos Estabelecimentos Rodrigues & Rodrigues, de homenagem ao sr. comendador Augusto Rodrigues, presidente do conselho de administração daquela empresa e que, recentemente, foi agraciado pelo ministro das Corporações, que presidirá.

As inscrições para este jantar podem ser feitas pelo telefone 362583.

uma artista de renome e um grande escritor REALIZAM OS LIVROS QUE OS NOSSOS FILHOS SONHARAM PARA ESTE NATAL

"A FLOR VAI VER O MAR"

"A FLOR VAI PESCAR NUM BOTE"

Textos de ALVES REDOL
Ilustrações de LEONOR PRAÇA
Preço de cada vol. — 35$

COLECÇÃO 6/12

Publicações Europa-América
Apartado 8, Mem Martins
Delegação em Lisboa:
Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto:
Rua de Entreparedes, 6, 2.º

galã

TUDO PARA O HOMEM ELEGANTE

Calçado:
CHURCH (Inglês)
MORESCRI (Italiano)
e
Fabrico Próprio

Uma casa de classe para uma clientela de classe

Rua Santa Justa, 46

SEGUIU HOJE PARA O PORTO O NOVO PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA DA U. N.

O sr. dr. Melo e Castro, novo presidente da Comissão Executiva da União Nacional, tem mantido em Lisboa contactos com individualidades de vários quadrantes da vida portuguesa, com o objectivo de constituir o elenco que deverá propor á apreciação superior. Hoje seguiu para o Porto, onde procederá a conferências, orientadas no mesmo sentido, com personalidades daquela cidade e do norte do País, devendo regressar amanhã a Lisboa.

Na intenção já revelada pelo dr. Melo e Castro, a futura comissão executiva deverá corresponder ás novas realidades da política nacional.

s milhões de contos lepositados na Suíça ne de portugueses?

Assembleia o deputado Cutileiro Ferreira

idên- o de- oleia je o para

i do pulo Fer- a ao pu o udiu pelo e do Será azar, ópti- ções s.» uida- um d de alu- or- im- ncor- zava ssão, em uste-

epu- ento cen- acei- , as e de idên- r de uma em

cional dureza que sofre a camionagem particular de mercadorias. Referiu-se, particularmente, ao imposto de circulação, cujo critério considerou errado, sugerindo a sua acumulação, e o aumento do preço de combustível: «Paga quem anda e quando anda».

Disse, ainda, que «as estradas nacionais não estão á altura do parque automóvel nacional», e pediu um esforço para as melhorar, em traçado e, principalmente, em largura, para evitar o actual sorvedouro de vidas (três por diaá).

Mais adiante, discordou do pagamento do Imposto de Desemprego em actividades em que, por força dos contratos colectivos de trabalho, não pode existir, afirmando que a remuneração das horas extraordinárias de trabalho deve pertencer excluvimente ao operário. Ocupou-se, depois, do crédito.

«Deve-se á Banca Nacional uma parte fundamental no desenvolvimento económico dos ultimos anos. Tratando-se de uma actividade com características empresárias é justo que se consigne nesta Câmara que, quase totalmente, se têm comportado exemplarmente. Disa dispor, em benefício da Economia Nacional, desses vultosos capitais que, no dizer do nosso ilustre colega eng.º Virgílio Cruz, só em bancos dos Estados Unidos, somam 10 milhões de contos e são, custa dizê-lo pertença de residentes em Portugal. Ocorre perguntar: quanto haverá na Suíça?»

Já a terminar, solicitou o auxílio e colaboração do Estado para duas fundações eborenses: Patrocínio e Eugénio de Almeida E concluiu por solicitar a supressão ou diminuição das taxas que se pagam em regime para-fiscal, nomeadamente as taxas cobradas pelos organismos corporativos

«A Madeira tem um custo de vida superior ao do Continente» — afirmou o deputado sr. dr. Alberto de Araújo

«Apesar do arquipélago da Madeira fazer parte da Metrópole e constituir um dos seus distritos administrativos, a verdade é que não é separado do continente apenas por cerca de quinhentas milhas marítimas. Separa-o também uma verdadeira barreira aduaneira com todas as suas implicações, organização burocrática, sistemas de despachos e vasta gama de impostos e taxas incidindo sobre as mercadorias importadas.»

Foi assim que iniciou a sua intervenção na ordem do dia o deputado pelo Funchal sr. dr. Alberto de Araujo. Criticou tál sistema aduaneiro, que considerou anacrónico e com graves implicações, e disse mais adiante:

«A Madeira tem um custo de vida superior ao do continente. Há necessidade imperiosa de acelerar o ritmo da construção civil, para que as famílias mais modestas possam dispor de uma moradia, com um mínimo de conforto e de bem-estar, e se erga aquela rede de hoteis e de estabelecimentos residenciais necessários a um fomento turístico em mais larga escala. Entendemos mesmo que os géneros alimentares essenciais á subsistência publica e os materiais de construção deviam entrar na Madeira completamente isentos de todos os encargos, taxas e alcavalas legais que os oneram.»

Aquele deputado deu, a seguir, pormenorizados numeros dos encargos sobre os produtos alimentares e materiais de construção que entram no Funchal, agravados agora com os que resultam da actualização da tabela de emolumentos da Guarda Fiscal. Pôs em duvida que estivesse a ser devidamente interpretada a tabela de emolumentos, cujos encargos recaiem sobre cada despacho.

Falou, ainda, da necessidade de urgente da construção dos armazens previstas no Plano de Apetrechamento do Porto do Funchal.

) PARA O OPERÁRIO MUNERAÇÃO EXTRAORDINÁRIAS

e. O s me- ando dele

aos defi- e-fer- xcep-

rei mesmo que á sua complacência, ao seu sentido das realidades, ao seu atento vigiar das circunstâncias se deve muito do êxito de várias iniciativas e, mais ainda, o sustentáculo de outras que têm atravessado dificuldades mais ou menos graves e mais ou menos prolongadas. Pena é que ela não pos-

IA LEI ENSA

ileiro de Ferreira afirmou:

selho a minha leal colaboração, ngadamente, na minha posição família. Nesta Câmara estarei verno nos enviar e, se me fosse re essas Propostas, figurasse a ilidades sejam judiciosamente e o Senhor Presidente do Con- que muitos, estará em condi-

Torre de Babel

por João Medina

NOVAS AVENTURAS DE GULLIVER: NO PAÍS DOS WELCHES (2.ª parte)

RESUMO DO TEXTO ANTERIOR: chegado ao país dos Welches, Gulliver encontra-o em plena sedição e à beira da guerra civil.

«Cela devient affreux, affreux!», exclamava o prof Nigot-Cinglet, levando as mãos à cabeça e olhando desesperadamente para o tecto (1). «Que diront les gazettes étrangères? Que dira l'Universe?!» Os motins tinham de facto mergulhado o professor da Apicultura Dialéctica numa profunda aflição. «J'ai été — dizia-me o meu amigo — profondément choqué par ces événements... Je n'ai pas encore compris tout ce débordement subit de haine, de violence et de républicanisme... Pourquoi, mon Dieu! pourquoi tous ces cortèges, ces bouches hurlantes, ces arbres abattus, ces pavés, ce saccage, pourquoi ce reniement de tout ce que les anciens ont fait, et de notre Roy bien-aimé...?!»

Esta reacção pareceu-me bastante peculiar do espirito welche; com efeito, os habitantes deste pais, tal como certas mulheres que foram belas na mocidade mas dessa passada glória só conservam a vaidade e a petulância, precisam de ser adulados por todos, donde uma susceptibilidade excessiva quanto às criticas e aos remoques de que possam ser alvo. Não deixa contudo de ser paradoxal esta necessidade de lisonja a par da convicção profunda em que vivem todos os welches desde a infância de serem o exemplar mais inteligente, agradável, espiritual e fino da espécie humana. Desta óptica resulta assim que uma turbação interna só pode vir da má vontade alheia, muito em especial da malquerença dos otobres pelos welches. A «Trombeta do Universo», gazeta malapartista, asseverava em pleno periodo das sedições: «Notre pays avait trop d'ennemis dans le monde et même à côté de nous. La disparition de notre grandeur arrangeait trop de pays. Cherchons donc à qui le crime profitait! Réflechissez sur ce point: on s'est servi des emportés pour nous accabler!» (2).

Tive oportunidade de folhear em casa do prof. Nigot-Cinglet diversos manuais de História Universal oficialmente adoptados nas escolas do reino welche e reparei que em todos eles os cronistas apresentavam os habitantes da Welchelândia sob um angulo que me pareceu excessivamente lisonjeiro. Li, por exemplo, que tinham sido os welches os inventores da Imprensa, da bussula, do papel de carta, do arcabuz, da caleche, do correio, do banho turco, do amor, do binóculo e do boato. Embora não tenha competência para me pronunciar sobre semelhantes questões temo que os historiógrafos welches exagerem e enganem a mocidade do país deles ensinando tais caraminholas.

Reparei ainda que nesses manuais, tanto nos que se destinam ao ensino das primeiras letras como naqueles que os alunos da Universidade de Télutay folheiam, as derrotas dos exércitos welches eram transformadas quase sempre em semivitórias, em «retiradas estratégicas» ou em «insignificantes escaramuças». Também não consegui encontrar aqui qualquer referência aos excessos do exército welche durante as campanhas recentes contra o Palatinado, quando ninguém ignora que entre os crimes então cometidos figura o triste feito de ter Malaparte III ordenado o derrube de todos os pomares daquele reino germânico. Como conheço dum modo muito especial a longa peleja travada durante quase cem anos entre otobres e welches no séc XIV, tive por fim a curiosidade de confrontar as minhas luzes com o que ali se dizia dessa guerra. Fiquei assim atónito ao constatar que, por exemplo, a longa ocupação da Welchelândia pelos exércitos otobres se resumia, nos tais manuais, a um «passageiro eclipse da grandeza nacional». Mais perplexo fiquei ao observar que dois famigerados bandoleiros da época, Xilebo e Xiretas, eram apresentados como heróis nacionais, dignos de servirem de exemplo á mocidade welche, cúpida de glória e honra marciais. Entre as proezas destes heróis figurava mesmo o feito mirabolante de terem desbaratado um batalhão inimigo ao sopapo!

Disse-me uma vez o embaixador do reino de Nápoles em Télutay (3) que o orgulho e a vaidade welche não conhecem limites, apresentando-me como exemplo dessa cegueira o facto de toda a politica externa da Welchelândia ser comandada pelo cuidado de prejudicar a Otobrelândia, quando todos sabem que Malaparte IV viveu alguns anos de exílio na capital otobre, sendo então vestido, alimentado, socorrido pela amizade aliás toda desinteressada do próprio monarca desse reino que os welches tão ingratamente injuriam, o rei Fatchap I. Mas não tive oportunidade de inquirir sobre o fundamento desta acusação, de maneira que me limito a averbar a hipótese sem me apropriar dela. Tenho contudo ouvido dizer que os napolitanos são grandes imaginativos. E o barão de Undsoweiter von Briefmarkenrieb confidenciou-me um dia que, no fundo, todos os povos latinos invejavam secretamente as duas grandes nações europeias, ou seja, a Prússia e a Welchelândia.

(1) — Recordemos que o francês era a língua dos welches cultos. O povo e alguns burgueses falavam o «soitap», dialecto aparentado com o baixo-bretão.

(2) — «La Tompette de l'Univers ou l'Amusement des Welches», 15-VI-1704

(3) — Télutay fica a 48º 50 Norte e 2º 20 Leste (nota de Swift).

Strasbourg, Dezembro de 1968.

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Ourivesaria da GUIA
...GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

PASSE O NATAL COM LIVROS
Verbo
em exposição na PARCERIA A. M. PEREIRA, LDA.
R. Augusta — Lisboa

COMPRE JÁ AS SUAS PRENDAS DE NATAL E ANO NOVO
entre milhares de brindes em exposição na
JOÃO
Pç da Figueira, 11-1º
LOUÇAS · VIDROS · CRISTAIS ALUMINIOS · PORCELANAS E MENAGE
importados directamente para lhe facilitar as suas compras
por cada 100$00 de compras oferta de um valioso brinde DE 14 A 24 DEZ.

N.

senti- s da- e do ama-

elada a fu- a de- novas iacio-

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 3/4%	526$	526$	528$
Consolidado 3%	550$	550$	552$
Consolidado 3 1/2%	—	—	650$
Centenários 4%	1.500$	1.498$	1.502$
Obrigs Tesouro 6%	1.006$	1.006$	—
Externo série	—	700$	750$
Externo série	—	760$	—
Externo 3 série	—	805$	810$
Externo 3 série	—	895$	—
Cautelas 3 série	—	185$	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	470$	—
A 5% 56	—	950$	—
A 5% 58	—	950$	—
C 4 1/2% 55	—	900$	905$
C 3 1/2% 57	—	—	1.020$
C 5%	—	—	—
C 5%	999$	999$	—
C 5% 58	1.012$	1.010$	1.015$
Gás Electr 4% 48	—	800$	—
Gás Electr 4 1/2% 5	870$	860$	880$
Gás Electr 5% 52	—	910$	—
Gás Electr 5% 58	910$	900$	910$
Gás Electr 5% 56	—	900$	910$
Gás Electr 5% 52	—	930$	—
Gás Electr 5% 53	—	930$	—
Gás Electr 5% 55	—	900$	—
Gás Electr 5% 57	1.022$	1.020$	1.022$
H A Alentejo 5%	—	820$	850$
H Cávado 5%	850$	845$	—
H Cávado 5%	1.003$	—	—
H Douro 5%	850$	840$	850$
H Douro 5%	1.003$	1.002$	—
H Norte Port 5%	—	—	—
H Estrela 6%	1.005$	—	—
H Zêzere 5% 55	—	—	—
H Zêzere 5% 57	—	830$	860$
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	905$	900$	910$
Metropolitano 3 3/4%	—	1.015$	—
Moçambique 5%	—	740$	—
Nac Electr 5%	—	845$	850$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	860$	880$
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celul 5%	—	940$	—
Saco 5% 54	—	890$	—
Saco 5% 60	—	815$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	805$	820$
Siderurgia 5% 3.ª	—	805$	810$
Siderurgia 5% 4.ª	—	810$	815$
Sonete 5%	—	—	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	81$	—
U E P 3 3/4%	—	82$	—
U E P 4%	—	88$	—
U E P 4 1/2%	—	82$	—
U E P 5%	—	800$	830$
U E P 5% 60	—	855$	—
U E P 5% 63	—	—	—
AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	999$	999$	1.000$
Alentejo	650$	647$	650$
Angola	—	1.625$	670$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	1.890$	1.880$	1.900$
E Santo	—	13.600$	14.000$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	3.910$	13.800$
L & Açores o	—	—	3.950$
L & Açores n	—	—	6.000$
P Atlântico p	—	2.100$	2.300$
Portugal n	—	—	2 750$
Portugal o	—	4.700$	4 800$
Totta Aliança	1 670$	1.665$	1 670$
Ultramarino n	1.87 $	1.875$	1.877$
Ultramarino p			
Seguros			
Alentejo	—	—	—
Douro	—	—	—
Mundial	—	395$	405$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	40.000$	45.000$
Ultramarino	—	8.500$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	750$	770$
Ag Cassequel	—	580$	595$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	185$	200$
Ag S Tomé e Príncipe	—	170$	180$
Boror	—	120$	140$
Buzi	—	61$	64$
Cabinda	132$	132$	35$

Ultramarinos	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	—	1.210$	1220$
H E Revué	600$	595$	600$
Ilha do Príncipe	—	700$	800$
Moçambique	—	64$	—
Sonete n	—	—	—
Sonete o	306$	306$	309$
Zambézia	—	46$	48$
C Diversas			
Cidla	—	7.000$	7.100$
Cim Leiria	—	2.350$	2.700$
Cim Tejo	—	3.500$	4.000$
Col Navegação	—	620$	640$
C U	1.050$	1.050$	1.055$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	1.500$	1.470$	520$
Petroquímica	—	—	2.750$
Port e Colónias	—	1.300$	1.350$
Port Celulose	—	—	3.350$
Port Pesca	—	720$	750$
Port Tabacos	526$	525$	527$
Sacor	4.850$	4.850$	4.900$
Siderurgia Nac	—	1.100$	1.120$
Soc Portuguesa	2.180$	2.160$	2.200$
Soce	—	950$	1.000$
Tabacos de Portugal	—	10.500$	10.900$
Tabaqueira	701$	701$	710$
U Azoto			
Águas. Electricid. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	400$	415$
Aguas Lisboa 34	—	405$	420$
Aguas Lisboa 36	—	395$	415$
Eléct Beiras	—	1.510$	600$
Gás Electr	388$	387$5	388$5
H E Alto Alentejo	154$5	154$5	155$
H E Cávado	1.226$	1.225$	226$
H E Douro	1.208$	1.208$	210$
H E Norte Portugal	310$	310$	315$
H E S Estrela	—	1.500$	750$
H E Zêzere	1.290$	1.290$	295$
Nac Electricidade	—	1.280$	—
Termoeléctr Portuguesa	1.305$	1.300$	1.310$
U E P	—	189$	190$
FUNDOS DE INVESIMENTOS			
F I Atlântico	—	154$5	159$1
F I D E S	—	104$6	107$7

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	5/12/68	11/12/68	12/12/68
GERAL	109,0	108,6	108,6
METROP.	107,9	107,3	107,3
ULTRAM.	117,0	118,3	118,1

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
Dollar de 1 e 2	28$40	28$80
Dollar de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$10	7$30
Argentina — Peso	—$—	—$—
Austria — Schilling	$08	$15
Brasil — Cruzeiro Novo	6$00	8$00
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$00	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,7
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgico — Franco	$54	$57
França — Franco	5$20	5$70
Suíço — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruego — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	313$00	328$00
Inglaterra — 1/2 libra	230$00	250$00
Ouro Fino — Barra	37$00	39$00

J. BURNAY, L.
RUA DO OURO, 72
DA Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Márcia chegou hoje e com Vinícius e Baden Powell deve dar mesmo «show»

Chegou hoje, ao princípio da tarde, a Lisboa, Márcia. Márcia só, uma das grandes da canção brasileira, vencedora da Primeira Bienal do Samba, 1967, com «Eu e a brisa». Vem a Portugal actuar numa breve série de espectáculos no Villaret, com Baden Powell e Vinicius de Morais, outros «monstros sagrados» da canção do país irmão, que se encontram entre nós. À chegada, falámos com ela. De óculos escuros e um sorriso fatigado, atende-nos.

— *Márcia, que poeta mais gosta de interpretar?*

— Vinícius, António Carlos Jobim, Ronaldo Bosco, Baden (isso nem se fala, Baden!)...

— *Como vai a «bossa»? Caiu?*

— Bom, a «bossa nova» caiu um tanto, *(Márcia tinha dito «regrediu», mas emendou)* mas continua sendo uma pesquisa, logo continua viva. Que é a «bossa»? Não tem rótulo, não pode ter, não tem definição — foi o nome que se deu a um momento de renovação da música brasileira, inspirada na canção popular... Essa renovação continua, portanto a «bossa» também.

— *De que é que gosta, Márcia?*

— Gosto de cantar. Cada vez gosto mais. Aliás, só canto o que gosto, e por isso estou cá há onze anos (a cantar) e só agora, em Fevereiro, gravei o meu primeiro L. P. Em Portugal, não, não está á venda, mas o «show» que cá vou fazer talvez seja gravado. Além de cantar, gosto de tudo o que seja trabalhos manuais — ler, não, só leio o que é mesmo preciso.

— *Que público mais aprecia?*

— O público que gosta da música, qualquer que seja. Eu sinto quando o público sente que está a gostar, e basta-me. É verdade que nunca actuei fora do Brasil (salvo uma curta estadia na Argentina) e não sei, por exemplo, como reagirá com um público que não percebesse português: no entanto, a música brasileira está a ter, como sabe, muito êxito no estrangeiro.

— *Que quer fazer em Portugal, além de cantar?*

— Quero ver esse museu onde está o D. Pedro... não sei bem como é... E o Padro Álvares Cabral, também.

— *Quer dizer qualquer coisa mais, uma mensagem, um apelo?...*

— Olhe, moço, ainda estou meio desligada, me doem os ouvidos, estou mesmo esquerda... Não sei mesmo que dizer.

E sorriu. Entretanto, chegava Vinícius, apressado, o qual beijou familiarmente Márcia, começando logo o «bate-papo» do reencontro. Márcia nunca tinha vindo a Portugal, estava «esquerda mesmo», mas esperamos todos o calor e a expressividade de que uma «estrela» do samba tem que ser capaz, quando ela cantar para nós, quando representar para nós, quando disser para nós ouvirmos.

Furtos nas lojas aproveitando a confusão criada pela afluência

Para atenuar, tanto quanto possível, o recrudescimento de furtos de artigos e de malas de senhora, que sempre se regista na quadra do Natal, todos os estabelecimentos têm reforçado a vigilância sobre gente que, de mistura com a demais clientela, se aproveita da confusão criada pela afluência de compradores.

Em resultado dessa vigilância mais cuidadosa, foi presa, há dias, como noticiámos, a sr.ª D. Maria de Lurdes Ribeiro Baptista, de 34 anos, quando tinha nas mãos dois sacos com diversos artigo (entre eles algun electrodomésticos) e três malas de senhora.

Em duas dessas malas, estavam os bilhetes de identidade das respectivas proprietárias — sr.as D. Maria Graciete Ribeiro Mendonça (que depois se apurou ser irmã da dententora dos artigos) e D. Maria da Conceição Proença Tinoco, estudante universitária.

Nas declarações prestadas á P S. P., a sr.ª D. Maria de Lurdes afirmou ão lhe pertencerem os artigos nem as malas. Ficara de guarda deles a pedido «de uma rapariga que me acompanhava e que desapareceu pouco antes».

A detida transitou para a Polícia Judiciária, e, ao cabo de sucessivas diligências, confessou que tudo pertencia á irmã, e que só ela poderia explicar a proveniência dos artigos, dos quais não havia nas malas nem facturas nem talões.

Entretanto, a estudante universitária, alertada pelos jornais, soube, finalmente, o que fora feito da sua mala, e apressou-se a ir á Polícia, para esclarecer tudo e reaver o que lhe pertencia

Foi ela que ontem nos procurou, a contar o que lhe tinha sucedido.

Estava a fazer compras nos Armazéns Grandela, com sua mãe. Enquanto examinava um artigo regional, deixou, por breves momentos, a sua mala sobre um balcão, atrás de si. Quando se voltou, a mala tinha desaparecido. As empregadas apressaram-se a esclarecer que «duas senhora, bem postas, uma delas com gorro de peles, estiveram junto do balcão, há pouco tempo».

Aconselhada pelas empregadas («esta gente costuma tirar os valores imediatamente e deixa as malas e os documentos no primeiro canto»), a sr.ª D. Maria da Conceição Tinoco esperou pelo dia seguinte, no intuito de saber se teria sido encontrada a mala nos referidos armazéns.

Foi então que gente sua amiga viu o nome dela nos jornais e a avisou.

Acentue-se que a prisão da sr.ª D. Maria de Lurdes, com a mala da estudante universitária, se verificou na Loja das Meias, uns escassos 16 minutos depois desta ter ficado em ela, nos armazéns, situados a uns 400 metros daquele estabelecimento.

A estudante afirmou-nos, também, que a sr.ª D. Maria de Lurdes fora ontem solta pela Polícia Judiciária, onde «lançou todas as culpas para cima da irmã». As investigações continuam e o processo será enviado a tribunal.

ELLEN DE LIMA VEIO PARA CANTAR NO CASINO ESTORIL

De grandes óculos escuros, longos cabelos negros e um sorriso bem disposto e cativante, chegou hoje a Lisboa Ellen de Lima, a «coqueluche» das noites castiças da já famosa casa típica portuguesa no Rio, «Lisboa à noite» veio, finalmente, a Portugal — sonho de há muitos anos — segundo nos diz — contratada pelo Casino Estoril para ali actuar como atracção durante cerca de dezassete dias.

Trocámos com ela algumas impressões, após o desembarque. Sempre sorrindo, Ellen de Lima responde com simpatia a todas as nossas perguntas.

— *Sim, é a primeira vez que venho a Portugal. Tentarei aproveitar o tempo disponível para conhecer o melhor possível este querido Portugal.*

Entretanto, Vinicius de Morais aproxima-se. Logo que reconhece Ellen cumprimenta-a efusivamente e com carinho.

Retomamos o diálogo... Ellen continua a falar-nos de si:

—*No meu reportório incluo, sobretudo, canções românticas — meu grande forte e o tipo de canção em que me sinto mais á vontade. Não ousarei dizer que sou uma «estrela» de primeira grandeza, mas posso afirmar que tenho um público fiel no meu país e que os meus discos se vendem muito bem. Por isso, não tenciono mudar de género.*

O maior êxito comercial de Ellen de Lima foi um disco com a canção «Noite do meu bem».

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

SECRETARIA

Lotes de terreno para um prédio com 12 pisos no Bairro do Rosário, em Cascais

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 14 do próximo mês de Dezembro, pelas 15 horas procederá à venda em hasta pública de um lote de terreno com 320 m2, situado na Rua Nuno Tristão, no Bairro do Rosário em Cascais destinado à construção de um grande imóvel com 12 pisos, pelo preço base de licitação de 11 contos cada m2

As condições de venda e planta de localização encontram-se patentes na Secretaria todos os dias úteis, dentro das horas do expediente.

Cascais 26 de Novembro de 1968

O Vice-Presidente da Câmara, em exercício,

D. António de Castello Branco

A C. P. E O NATAL DE 1968

Informa-nos a C P de que por motivo da quadra do Natal do ano corrente os bilnetes de «fim de semana» são válidos para início da viagem de ida desde as 17 horas do dia 20, sexta-feira, até ás 12 horas de domingo, dia 22, e para início da viagem de regresso, desde as 12 horas do mesmo domingo, até ás 24 horas de quinta-feira, dia 26

CORCHO
APARELHAGEM ELECTRO-DOMÉSTICA
DE ALTA QUALIDADE
• CALORÍFEROS — INFRAVERMELHOS A GÁS BUTANO
• FOGÕES e FOGAREIROS — A GÁS BUTANO
• ESQUENTADORES
• MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
SEGURANÇA ABSOLUTA — EFICIÊNCIA
BAIXO CONSUMO — BAIXO PREÇO
DISTRIBUIDORES:
Sociedade Central de Vendas, Ld.ª
Rua dos Fanqueiros, 258-262-3.º
Telefone 36 61 87 — LISBOA

VIDA POLÍTICA

● Ministro da Marinha

O ministro da Marinha, comodoro Manuel Crespo, visitou esta tarde a Fábrica Nacional de Cordoaria. O ministro fez-se acompanhar do almirante superintendente dos Serviços de Material e foi recebido pelo director daquela instalação fabril e demais oficialidade que ali presta serviço.

● Ministro das Obras Públicas

O titular da pasta das Obras Publicas recebeu: o governador civil de Santarém, acompanhado pelos presidentes das Camaras Municipais de Santarém e Coruche; o governador civil de Leiria e respectivo presidente da Camara Municipal; os Bombeiros Voluntários de Vila Pouca de Aguiar, que lhe foram solicitar um subsídio para a construção de um novo quartel; o governador civil de Portalegre, e a direcção do Clube de Futebol «Os Belenenses», sobre as suas instalações desportivas.

● Ministro da Justiça

O governador civil de Leiria e o presidente da Camara Municipal da mesma cidade, foram recebidos pelo titular da pasta da Justiça.

● Secretário de Estado da Indústria

Durante o dia de hoje, o secretário de Estado da Industria recebeu o sr. eng.º Raul Delerne; os engs. Rocha e Melo e Teixeira Lopes e sr. Enes, respectivamente, presidente do conselho de administração e administradores de Celulose Billerude; os engs. Ivo Gonçalves e António Costa Reis, respectivamente, presidente do conselho de administração da Empresa Termo-Eléctrica Portuguesa e director-geral da «Efacec»; e, ainda, os srs. José Pedroso e Ricardo Lumbrales, presidente do conselho de administração e director da «Protan».

● Subsecretário de Estado das Obras Públicas

Para estudo de assuntos de interesse para os concelhos de Figueiró dos Vinhos, Batalha e Castanheira de Pera, o subsecretário de Estado das Obras Publicas reuniu-se hoje com o eng.º Celestino da Costa, presidente do Grupo de Trabalho da Habitação e Urbanismo da Comissão Interministerial de Planeamento, com a participação do governador civil de Leiria e os presidentes das Camaras Municipais dos concelhos referidos.

Aquele subsecretário recebeu ainda o eng.º Teixeira Lobo e Rui R. Sanches, administradores da «Bilrute» e da «Siaf», respectivamente, bem como o dr. Fernandes de Almeida, director dos Serviços Sociais, e o sr. Olímpio Duarte Alves, antigo governador civil de Leiria

Associação «Luís Braille»

Amanhã, às 18 e 15, na sede da Associação de Beneficência «Luís Braille», decorre a sessão para entrega dos prémios dos primeiros Jogos Florais da instituição. Em seguida haverá um colóquio sobre teatro moderno, orientado pelo dramaturgo Bernardo Santareno, cujo tema será exposto por D. Fernanda Lapa.

TEATRO
SÁ DA BANDEIRA
TELEF 23595
VASCO MORGADO apresenta todas as noites ás 21 e 45; sábados e domingos ás 16—20 e 45—e 23 h.
«LISBOA É SEMPRE MULHER»
com Camilo — Florbela — C. Coelho e as atracções Alda Pinto — Paulo Jorge — Vum-Vum
Um «ballet» de 25 figuras (Adultos)

Bom teatro declamado

(sob a direcção de Igrejas Caeiro)

numa nova sala em Alvalade

Actores, autores, críticos e jornalistas vão baptizar, dentro de dias, um novo teatro oferecido a Lisboa por uma empresa imobiliária da capital, na zona de Alvalade.

A nova casa de espectáculos, que será dirigida por Igrejas Caeiro e poderá ser inaugurada dentro de dois meses, disporá dos mais modernos requisitos de ordem técnica, ficando a ser o mais moderno teatro em território português. Entre aqueles requisitos, contam-se um palco elevador e rotativo e a aparelhagem de iluminação (que apenas ficará a ser inferior á do Teatro de São Carlos).

Posto em praça pela C. M. L., com a condição de nele ser construído um teatro, foi o terreno adquirido pela empresa Imobiliária Olívia, Ld.ª, que não se limitou a fazer um teatro — mas sim um bom teatro. No mesmo edifício, sito na Avenida Frei Miguel Contreiras, ficarão igualmente instalados um cinema e um hotel.

Aliás, o assunto foi, em tempo, tratado pelo «Diário de Lisboa», que salientava a dificuldade das negociações então encetadas entre Igrejas Caeiro e os proprietários do novo teatro. Finalmente, todas as dificuldades foram agora aplanadas — e Lisboa ganhou um novo lugar de Arte.

Sobre o género de teatro que o publico poderá ver na nova sala, está já assente que nele predominará o carácter artístico sobre o comercial. Será pois teatro declamado de qualidade, o que o publico poderá apreciar no novo teatro ainda sem nome. Por breves dias...

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Olga Camanho Coelho

Embora tivesse ocorrido no dia 5, só agora foi tornado publico, por expressa determinação da extinta, o falecimento, aos 67 anos, da sr.ª D. Olga Camanho Coelho, esposa do maestro e compositor Rui Coelho.

Senhora distintíssima, dotada de grandes virtudes, estimadíssima pelos primores do seu convívio, a sr.ª D. Olga Camanho Coelho era mãe da sr.ª dr.ª D Ilda Coelho, do sr. dr. Alexandre Coelho, casado com a sr.ª D. Maria Virginia Ramos Pinto Coelho, da sr.ª D. Cecília Coelho e do arquitecto Raul Coelho, casado com a sr.ª D. Maria Ruth Parente Coelho.

O funeral da inditosa senhora realizou-se no dia 7, da igreja de Fátima para jazigo no cemitério do Prado do Repouso, no Porto.

Na igreja de Fátima é rezada missa, por sua alma, amanhã, ás 19 e 15.

FUNERAIS

Arq.º Paulo de Melo Sampaio

Para o cemitério do Alto de S. João realizou-se, esta tarde, o funeral do arq.º Paulo de Melo Sampaio, ontem falecido em casa de sua mãe, D. Christiane Bargas Mendes de Magalhães, e de seu padrasto, o sr. coronel Celso de Magalhães, após prolongado sofrimento.

O arq.º Paulo de Melo Sampaio contava 42 anos e era casado com a sr.ª D. Cláudia de Melo Sampaio. Formara-se na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, tendo posteriormente estado em Milão, em instituto de especialidade, e há 15 anos que se achava em Moçambique, tendo exercido intensa actividade na cidade da Beira e em toda a província. Era professor do Liceu Pedro d'Onaia, naquela cidade, e devem-se-lhe alguns dos mais modernos e arrojados projectos de construção na Beira, bem como alguns outros de urbanização, como os de Porto Amélia e Nacala.

O arq.º Melo Sampaio era filho de Manuel de Meneses Vaz de Melo Sampaio, irmão do prof da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, dr. Luís de Melo Sampaio, casado com D. Teresa da Camara de Melo Sampaio, e de D. Magdeleinie Sampaio Rodrigues, casada com José Augusto Rodrigues, proprietário, e cunhado de D. Sílvia Dias Moreira, casada com Armando Dias Moreira, proprietário, residentes no Porto.

D. Matilde Gouveia dos Santos Oliveira

MONTIJO, 12. — Após missa de corpo presente na igreja matriz, saiu para o cemitério local, ás 13 e 30, o funeral da sr.ª D. Matilde Gouveia dos Santos Oliveira, mãe do sr. almirante Joaquim dos Santos Oliveira Junior, antigo superintendente da Armada, e da sr.ª D. Matilde dos Santos Oliveira.

Que é feito da mulher que abandonou os filhos a uma amiga?

Nada se sabe sobre o paradeiro da mulher que, em Coimbra, abandonou os filhos, entregando-os a uma amiga, no passado dia 6, afirmando que á noite voltaria a buscá-los.

Entrando em contacto com a subdirectoria da Polícia Judiciária naquela cidade, mais não conseguimos do que uma negativa de informações — o que, evidentemente, não permite tirar qualquer conclusão sobre o assunto.

A queixa contra a mãe desumana fora apresentada á P. S. P. daquela cidade por Georgina Alves Carvalho de Magalhães, afirmando terem sido entregues a sua mãe, sr.ª Maria de Lurdes Canas, os menores Carlos Alberto e Teresa, respectivamente de três e dois anos, filhos de Maria Cidália da Silva, residente no lugar do Senhor dos Aflitos, Santa Cruz (Coimbra).

Jogo perdido

O sr. Armindo Carlos da Costa, cauteleiro n.º 1260, morador na Rua da Madalena, 133, 3.º, perdeu ontem, no Rossio, um bilhete inteiro da lotaria do Natal com o numero 25439.

Pede a quem o tenha encontrado, o favor de o entregar naquela morada ou de comunicar pelo telefone 30016.

D. Ester Rosa da Cruz Torrado

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

João Freire Torrado, Germano da Cruz Torrado, sua mulher e filho; Blanca Gomez Torrado e filha e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença a sua mulher, mãe, sogra, avó e parente e que o funeral se realiza amanhã, pelas 10,30 horas, da capela de Nossa Senhora das Dores (à Rua do Embaixador), para jazigo de família no cemitério da Ajuda, será celebrada missa de corpo presente às 9,30 horas, no mesmo Templo.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BAPTISTA (FILHO)
Calçada da Tapada, 2 — Telefone 63126

D. Ester Rosa da Cruz Torrado

FALECEU

Estabelecimentos MANUEL DA SILVA TORRADO & C.ª (Irmãos), S. A. R. L., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do seu Presidente do Conselho de Administração, João Freire Torrado, mãe do seu Director, Germano da Cruz Torrado, e que o seu funeral terá lugar amanhã, pelas 10,30 horas, da Capela de Nossa Senhora das Dores, para jazigo de família, no cemitério da Ajuda. Será celebrada missa de corpo presente às 9,30 horas, no mesmo Templo.

AGÊNCIA BAPTISTA (FILHO) — Calçada da Tapada, 2 — Telefone 63126

D. Ester Rosa da Cruz Torrado

FALECEU

SABIOL — Sociedade Agro-Biológica, Lda., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da mãe do seu Director Sr. Germano da Cruz Torrado e que o funeral se realiza amanhã, pelas 10,30 horas, da capela de Nossa Senhora das Dores (à Rua do Embaixador), para jazigo de família no cemitério da Ajuda. Será celebrada missa de corpo presente às 9,30 horas, no mesmo Templo.

AGÊNCIA BAPTISTA (FILHO) — Calçada da Tapada, 2 — Telefone 63126

AOS EXMOS. COLECCIONADORES DE ARTE ANTIGA

NO PRÓXIMO SÁBADO, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS TEM INÍCIO UM NOTÁVEL E IMPORTANTE

LEILÃO DE ANTIGUIDADES

OBJECTOS DE ARTE E RARIDADES, DOS SÉCS. XVII, XVIII E XIX

DONDE SE DESTACAM MAGNÍFICAS PEÇAS DE MOBILIÁRIO FRANCÊS, INGLÊS, HOLANDÊS E PORTUGUÊS, DE DIVERSOS ESTILOS E ÉPOCAS — VALIOSAS E RARAS PINTURAS, MERECENDO REFERÊNCIA ESPECIAL UM PRIMITIVO PORTUGUÊS REPRESENTANDO «CRISTO AO DESCER AO LIMBO», ATRIBUÍDO A FERNÃO GOMES (1533?-1610?) E MUITAS OUTRAS OBRAS DE NOTÁVEIS PINTORES DAS ESC. HOLANDESA, INGLESA, FRANCESA, ITALIANA, ETC., DESDE O SÉC. XVII AO ACTUAL — MUITA LOUÇA DA C.ª DAS ÍNDIAS, DESTACANDO-SE UM SERVIÇO DE JANTAR COM 95 PEÇAS, TERRINA PEQUENA EM FORMA DE CABEÇA DE JAVALI E MUITAS OUTRAS PEÇAS, ALGUMAS RARAS, COM DECORAÇÃO EUROPEIA E ARMOREADAS — LOUÇAS ORIENTAIS E EUROPEIAS — GRANDE QUANTIDADE DE BIBELOTS E OBJECTOS DE VITRINE — RELÓGIOS — CARPETES E TAPETES PERSAS E ORIENTAIS — TAPEÇARIA «AUBUSSON» — LUSTRES DE CRISTAL FRANCÊS — IMAGENS, DESTACANDO-SE UM MAGNÍFICO CRUCIFIXO COM CRISTO DE MARFIM, DO SÉC. XVIII — VIDROS COALHADOS — COLCHAS — CURIOSIDADES E MUITOS OUTROS OBJECTOS DE DIFÍCIL DESCRIÇÃO, NUM TOTAL APROXIMADO A 600 LOTES.

AVISO IMPORTANTE — Em face do curto prazo que nos foi concedido para organizarmos esta importante almoeda, não houve possibilidade de se elaborar um merecido catálogo com a descrição minuciosa dos muitos e variados objectos destinados à venda. Nesta conformidade, pedimos aos Ex.mos Clientes o especial favor de verificarem antecipadamente os objectos que lhe interessarem e tomarem nota dos respectivos numeros dos lotes, isto para evitar demoras e interrupções no decorrer do leilão.

EXPOSIÇÃO, AMANHÃ, DAS 16 ÀS 19 e SÁBADO DAS 10 ÀS 12,30.

A almoeda efectua-se nos amplos salões de pregão, à Rua Luz Soriano, 53, 1.º (antigo Palácio Ficalho) — Lisboa.

A CARGO DA ANTIGA AGÊNCIA

SOARES & MENDONÇA, LIMITADA

Rua Luz Soriano, 53 — Tel. 32 13 12 e 36 98 80 — LISBOA — Filial no Porto: Rua Formosa, 112 — Tel. 33909

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

RENDIMENTOS EM PROPRIEDADES. DE 7,5 A 9% COM GARANTIA POR 12 ANOS

Durante 12 anos V. Ex. pode receber directamente em casa, no n/ escritório, ou no banco, o rendimento da propriedade que nos compra

em rendimento certo estabelecido, sem mais qualquer preocupação ou encargo pode ainda habitar ou explorar por aluguer, directamente a mesma propriedade

Preço dos apartamentos mobilados			PREÇO DOS ANDARES	
130.000$00	-	230.000$00	3 ASSOALH	220 000$00
155.000$00	-	240.000$00		
170.000$00	-	250.000$00	4 »	230 000$00
180.000$00	-	270.000$00		
185 000$00	-	280.000$00	5 »	380 000$00
200.000$00	-	300.000$00	6 »	440.000$00
210.000$00	-	320.000$00		
220.000$00	-	340 000$00	7 »	500 000$00

REBOLEIRA – VISTA PARCIAL (AÉREA)

Locais das nossas propriedades:

Centro da Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos, Parede e Alapraia — S João do Estoril

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

VENDA E ALUGUER

Azulejos — Nacionais e Estrangeiros desde $60

INFORMAÇÕES: Lisboa - Rua Conde Redondo, 53, 4. Esq. - Telefones 47843 - 45843 ● Queluz - R. D. Maria I, 30 Telefones 952021 - 952022 ● Amadora - Reboleira - Telefone 933670

NOTA : — AS PROPRIEDADES QUE VENDEMOS SAO NOSSAS E DE NOSSA CONSTRUÇAO

Oferta excepcional

10 VOLUMES ENCADERNADOS À ESCOLHA
PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 35$00
Entrega das obras contra o primeiro pagamento
Obras encadernadas em balacuir de

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMILO CASTELO BRANCO
CHARLES DICKENS
JÚLIO DINIS
STEFAN ZWEIG
WALTER SCOTT

170 autores de várias nacionalidades, sendo: 200 volumes originais de autores portugueses e brasileiros — 200 volumes, traduções portuguesas, mencionados numa lista que remetemos, grátis e sem qualquer compromisso, a quem a solicitar. Todas as obras têm o formato mínimo de 0,19 × 0,12 m. O número de exemplares disponíveis para esta oferta é limitado. Solicite imediatamente a lista á LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO — Telefone 22286, ou á sua Filial em Lisboa — Av. Almirante Reis, 102, r/c., Dt.' — Lisboa-1 — Telefs. 58796 e 58798

Recortar este cupão e remeter

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
PORTO

D. L.

Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição.

Nome .....

Morada .....

. . . .

Casacos de Cabedal e Camurça

A nossa fábrica é a mais antiga na especialização deste vestuário. Confeccionamos qualquer modelo por medida para homem ou senhora.

VERISSIMOS

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-C

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 625$00 residindo nas camaratas, e 725$00 residindo fora, com direito a alimentação e reforma e com perspectivas de melhoria.

Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre os 18 e 34 anos.

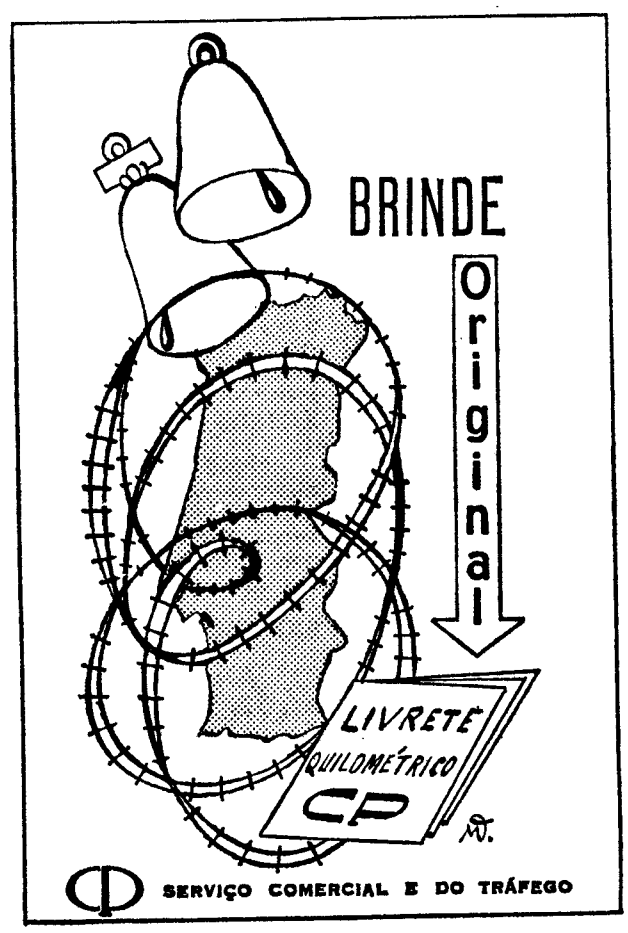
Resposta ao n.º 430.

PARA AS SUAS OFERTAS DE NATAL
ENCONTRA NA

CASA ÂNGULO

- **Aparelhos fotográficos, de cinema e de projecção.**
- **Binóculos e microscópios.**
- **Grande variedade de artigos para brindes.**
- **Brinquedos.**
- **Bijoutarias, artigos de tabacaria e papelaria, etc.**

RUA DA PRATA, 148



SERVIÇO COMERCIAL E DO TRÁFEGO

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Maternidade Dr. Alfredo da Costa

AVISO

CONCURSO PARA AQUISIÇÃO DE MEDICAMENTOS E PRODUTOS QUÍMICOS PARA O ANO DE 1969

Encontram-se patentes nos Serviços Gerais e Económicos desta Maternidade, na Rua Viriato, em todos os dias uteis das 9 ás 12 h. e das 14 ás 17 horas, as condições de admissão e fornecimento do concurso em epígrafe.

As propostas, feitas em papel selado, deverão ser entregues nos referidos Serviços Gerais e Económicos até ás 17 horas do dia 29 de Dezembro de 1968, sendo abertas no dia seguinte pelas 15 horas.

Lisboa, 7 de Dezembro de 1968.

O Administrador
L. Cardoso Torres

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B
Telefs.: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

NATAL OU FIM DO ANO NO ALVARVE

Aproveite preços especiais no fabuloso

HOTEL EVA-FARO

Escolha a estadia que preferir:

Diárias desde 355$00 duas pessoas/dia
Quartos desde 160$00 duas pessoas/dia

Passagem do ano, com o consagrado «Reveillon» no hotel, abrilhantado com variedades internacionais, folclore, fados e duas orquestras.

O passado atesta o futuro! Ambiente de luxo, por preços módicos

Escreva para o HOTEL EVA — Faro ou telefone 24054 — FARO (M/ 17 anos)

canal da crítica

ÓPERA: OPERAÇÃO FELIZ COM UM CIRURGIÃO QUE JOÃO SE DIZ

O projecto inicial falava de uma ópera por mês. Nem todos os projectos se realizam, em especial os bons. Não façamos pois nisso muito fincapé, até porque num lado se põe o desejo e noutro se vende a ópera. Que esta venha ao menos de quando em quando e já nossa gratidão será eterna.

Por várias razões. Razões que variam segundo as pessoas. Para mim, uma, e grande, é conversar com João de Freitas Branco, prazer sempre renovado. Ai mas tenho-lhe cá uma raiva! Ele diz tudo, não me resta um palmo de terreno para dizer isto ou aquilo, que diabo, a gente também gosta de dizer alguma coisa, vocês não acham? João de Freitas Branco é o inimigo número um da crítica até pelo mau exemplo que dá.

A situar a ópera no conjunto da da obra de Verdi, matizando a História com histórias; a criticar os diversos elementos componentes dela; a descrever o seu enredo — João de Freitas Branco esteve impecável.

Para mim, pois, e para muita gente minha conhecida, das coisas melhores da ópera italiana, o apresentador português é uma delas. Para outras pessoas, a música sobreleva. Para outras ainda, o maior atractivo trespassa-se para o enredo fotonovélico. Para essas, aquilo em teatro ou em quadradinhos era de gritos. A música é que estraga tudo.

A terminar: João de Freitas Branco declarou que a «Luísa Miller» constituia surpresa para 99 por cento do público telespectador. Sempre optimista, aquele João!

PROGRAMA FEMININO. NEGÓCIO DE SAIAS

Com a divisão social do trabalho já num estádio tão avançado, não tenciono vir a utilizar, em proveito pessoal, os ensinamentos divulgados na secção de «corte» do «Programa Feminino». Não deixo, no entanto, de assistir para benefício de particular ilustração.

Evidentemente, a minha total e angelical ignorancia fica perplexa perante certas noções que ali se desenvolvem com naturalidade perfeitamente científica.

Fala-se de «saias em machos» e fico logo em dificuldades, pois as unicas minhas conhecidas são as dos escoceses e dos sargaceiros da Apulia A minha atrapalhação diminui quando se define «macho»: «macho é o resultado de duas pregas voltadas uma para a outra». Percebe-se Claro que na prática se percebe melhor, mas a teoria também ajuda

Assisti ao programa feminino e não estou arrependido, pelo muito que aprendi. O meu livro da quarta classe já dizia: «Moral da história: O saber não ocupa lugar». Muito especialmente quando se fala de saias.

DESPORTO EM CÂMARA LENTA

E mais. O que é que foi mais Deixem ver se não fica esquecido nada. Parece que não fica. A ópera comeu quase tudo, acho bem. Não se vai à ópera todos os dias.

Ah, é verdade: tivemos aqueles breves minutos do «Desporto em câmara lenta», valioso pela repetição dos saltos de golfinho do vencedor nos jogos olímpicos. Eu cá não sei se os saltos são correctos ou incorrectos, clássicos ou fantasistas: sei que são cómicos. Alegres. Farto-me de rir da

(Continua na pág. seguinte)

Rádio

PROGRAMA DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 6: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de pouso, pelo dr Marques Pereira — Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal ate à Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses 8 e 20: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e Sonho; 19 e 50: Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 37: 12.º episódio do folhetim «Pedro Álvares Cabral»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias, pelo harpista Luís Bordón; 21 e 40: Festival 68; 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luís Goes: 22 e 50: Música ligeira, 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Festival de Bayreuth de 1968; 18 e 35: Música do século XX — Obras para violino-solo, 9: Horizonte, semanário de letras e artes; 19 e 30: Folclore Português — música regional da Beira Alta recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 45: Música de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Concerto em fá maior (Haendel); 20 e 30: Stabat Mater; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Câmara, sob a direcção do maestro Silva Pereira; 21 e 20: Quatro valsas de Esquina (Francisco Mignone); 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Música de Paganini, pelo violinista Ivry Gitlis Ao piano: Tasso Janopoulo; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa — (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de tecla; 23 e 3: Musica sinfónica; 0 e 24: Sonata n.º 2 em ré maior op 58 para violoncelo e piano; 1 Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 05: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 08: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

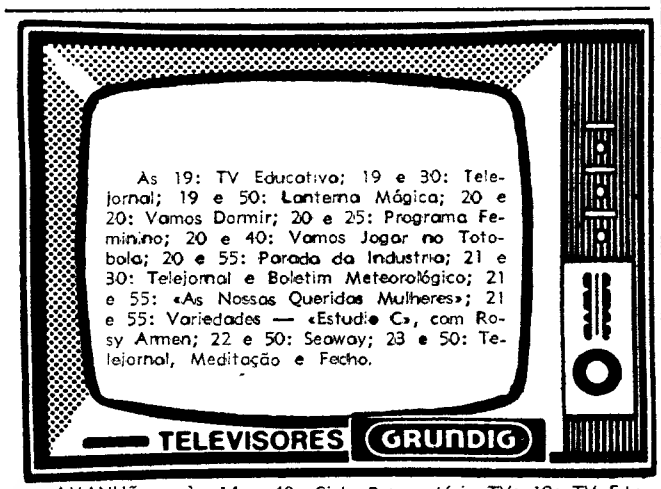
Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 6. e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô, 23 e 08: Grande roda; 0 e 02 Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora, 2: FM-67; 4: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 6: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Crónica Feminina; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia o dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 10: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Rádio-Jornal; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 283,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama 18: Canções portuguesas; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um, 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados de Coimbra; 21 e 45: Conjuntos modernos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada: 23: A 23ª hora, 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18. Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa, 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia, 23 A 23ª hora: 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.



Às 19: TV Educativo; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Lanterna Mágica; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 25: Programa Feminino; 20 e 40: Vamos Jogar no Totobola; 20 e 55: Parada da Industria; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: «As Nossas Queridas Mulheres»; 21 e 55: Variedades — «Estudio C», com Rosy Armen; 22 e 50: Seaway; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho.

AMANHÃ — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa — Matemática Moderna, pelo dr. Almeida e Costa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Quarto dos Brinquedos; 20: Vamos Dormir; 20 e 20: Programa Feminino («Nós as Mulheres» e «Ginástica); 20 e 35: Sangue na Estrada; 20 e 55: Cortaz TV e «Nós e o Publico»; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de Cinema: «O Corcunda», com Jean Marais; 23 e 55: Telejornal; Meditação e Fecho.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«AS NOSSAS QUERIDAS MULHERES» e o dia de descanso semanal

Micheline Presle é «Eva», dona de casa burguesa de Paris que, com Daniel Gelin no papel de marido, protagoniza a série «As nossas queridas mulheres»

Geralmente, o domingo é o dia reservado ao descanso da maioria de toda a gente.

Sê-lo-á para Eva, a heroina desta série que a TV tem vindo a apresentar?

Parece-nos que não, pois que se mete em sérios trabalhos...

«ESTÚDIO C»: ROSY ARMEN

Rosy Arnea agradece ao grande compositor russo Aram Katchaturian, o êxito que em todo o mundo obteve com a canção «Erivan», propositadamente composta para ela pelo extraordinário Katchaturian

Pouco antes das 22 horas, há «Estúdio C», com a cantora Rosy Armen, francesa de ascendência arménia.

Rosy Armen, cuja carreira o «Diário de Lisboa» historiou em primeira mão antes da sua chegada a Lisboa, é uma jovem que, além de bela e autêntica vedeta do disco (1 000 000 de discos vendidos só na U. R. S. S.) e do espectáculo musicado é, sobretudo, de uma simpatia contagiante. E conta-nos:

— Estudei canto porque gostava de cantar. Todos os sábados e domingos cantava gratuitamente nos sanatórios e hospitais, para os doentes e, um dia, um director artístico que trabalhava para uma casa de discos viu-me e contratou-me.

Assim nasceu a cantora Rosy Armen. A sua ascensão foi, pode dizer-se, vertiginosa. Percorreu quase todo o mundo guardando duas recordações que considera, humildemente, uma verdadeira consagração.

— O convite que recebi para actuar na festa da coroação da imperatriz Farah Diba, em Teerão, em que cantei seis vezes a canção «Alma Eslava».

Mas Rosy Armen conheceu a mais bela consagração da sua carreira quando lhe anunciaram que o grande compositor Aram Katchaturian decidira pela primeira vez na sua vida, compor uma canção propositadamente para uma cantora.

E a cantora era ela: Rosy Armen.

Tal atitude era um tributo da sua grande admiração pela voz de Rosy num espectáculo a que assistira em Moscovo. E Rosy chorou de emoção ao tomar conhecimento do desejo do célebre compositor de «A dança do sabre». Tudo lhe parecia um conto de fadas, que se materializou diante de um público que enchia a sala Tchaikowsky e a aplaudiu ao ouvir «Erivan», de Katchaturian.

Uma última pergunta.

— Quais os artistas que mais admira?

— Charles Aznavour, Yves Montan e Amália Rodrigues ...

— ...

— Não, não sorria. Não é «blague», pois pode ler esta minha afirmação em jornais de grandes capitais que conheci e que possuo para um dia mais tarde recordar a minha carreira. Sim, admiro a vossa Amália.

OS ACIDENTES DO COMANDANTE FOLSON EM «SEAWAY»

O actor Ralph Bellamy encarna a figura do comandante Folsom no episódio filmado da série «Seaway» e que nos conta a história dos desastres marítimos por ele sofridos...

Stephen Young é o actor canadiano protagonista desta série.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Frutaria COSTA

apresenta a maior variedade de Cestos e **«Corbeilles»** para brindes de **Natal** e **Ano Novo**

MARTINS & COSTA

Rua do Carmo, 41 — Telef. 30517 LISBOA

canal da crítica

(Continuação da pag anterior)

partida que o saltador pregou nos clássicos

O apresentador, Lélio Ribeiro, informou que aquele estilo exigia colchões especiais para amortecer a queda em lugar dos montes de areia. Quer dizer que talvez no século XXI aquela modalidade de saltos seja ensaiada entre nós.

Agora é que pronto. Passei tudo em revista. Ainda vi o «Quarto de Brinquedos». Mas não. Hoje não. Hoje não brinco.

40 MINUTOS DE PUBLICIDADE!

Foram nada menos de 10 os minutos que na sua emissão de ontem a RTP dedicou á publicidade, contados a partir de cerca das 20 horas e 15 minutos.

De forma que nos cabe o direito de aconselhar mais temperança no uso publicitário — especialmente nos moldes em que ele se está processando. A histeria invadiu alguns anuncios. Onde está o sentido do equilíbrio, nesta matéria tão necessário?

E a propósito vou contar uma pequena história.

Quando em França se discutia o não ou o sim de publicidade na Televisão um defensor acérrimo dela acalmava os opositores dizendo: «É claro que *jamais* daríamos qualquer coisa como 25 minutos de publicidade por dia...»

MÁRIO CASTRIM

SCHICK injector

nova arma para um barbear de precisão!

SCHICK injector ***é o mais rápido e moderno processo de barbear e o melhor amigo da sua pele.*** **SCHICK injector** ***destina-se a homens como você. O seu desenho é novo, diferente, dinâmico. Uma lâmina especial de aço inoxidável, longa duração, um só gume, encaixa no lugar próprio e no ângulo exacto para um barbear de precisão — desliza pelo rosto com segurança, suave e silenciosamente. Resultado — um escanhoar perfeito!***

SCHICK injector

carrega-se como uma pistola automática.

DISTRIBUIDORES João Machado da Conceição & C.ª L.ª LISBOA PORTO

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

SECRETARIA

Venda de lotes de terreno no concelho de Cascais

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 14 do próximo mês de Dezembro, pelas 15 horas procederá à venda em hasta pública dos seguintes lotes de terreno destinados a construção:

Bairro das Fontainhas, em Cascais

Lote n.º 19 com a area de 447,5 m2, para um prédio de 4 pisos, pelo preço base de licitação de 1.000$00 cada metro quadrado

Bairro da Assunção, em Cascais

Lotes n.os 3 e 24, com as áreas de, respectivamente 131,44 m2 e 251 m2, para construção de prédios com três pisos, pelo preço base de licitação de 2.500$00 e 2.400$00 cada metro quadrado;

Amoreira

Lote n.º 6, com 265 m2 para prédios com 4 pisos pelo preço base de licitação de 1.500$00 cada metro quadrado;

Rua de Santa Joana, em Cascais

4 lotes de terreno com áreas entre 360 m2 e 380 m2 para a construção de moradias unifamiliares, pelo preço base de licitação de 300$00 o metro quadrado;

Bicesse

2 lotes de terreno com áreas de 400 m2 e 530 m2 para construção de moradias, pelo preço base de licitação de 200$00 o metro quadrado.

As condições de venda anteprojectos e plantas de localização encontram-se patentes na Secretaria desta Câmara, todos os dias úteis, dentro das horas de expediente.

Cascais, 26 de Novembro de 1968.

O Vice-Presidente da Câmara em exercício.

D. António de Castello Branco

NATAL

BRINDES

desde 1$80 a 9.800$00

Visite o grande salão de exposição e venda na cave Obrigado.

LESTINHO NOVIDADES

Rua D. Estefânia, 46-B
Telf. 54874-Teleg. Lestifilhos

MÚSCULOS DORIDOS CÃIMBRAS, CONTUSÕES

Os desportistas de maior fama empregam e recomendam o LINIMENTO DE SLOAN. Todos nós sofremos também por vez ou outra umas pequenas dores derivando da rigidez muscular. É surpreendente o alívio que o LINIMENTO DE SLOAN lhe proporcionará em tais casos, dando-lhe uma sensação de bem-estar e tornando-o novamente activo.

Tenha sempre um frasco de LINIMENTO DE SLOAN em sua casa — haverá sempre alguém que dele necessite.

LINIMENTO
SLOAN

AGORA MAIS ECONÓMICO

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

PORTO-BENFICA

DOMINGO, 15 DE DEZEMBRO

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, dois comboios especiais de Lisboa ao Porto e volta, no dia 15 do corrente, por ocasião do desafio de futebol «PORTO-BENFICA» do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, ao preço de 120$00.

HORÁRIO

	Ida		Volta	
	Dia 14	Dia 15	DIA 15	
Partida de Lisboa (Santa Apolónia)	h 14.52	h 5.40	Partida do Porto (Campanhã)	h 19.56
Chegada ao Porto (Campanhã)	19.17	10.19	Chegada a Lisboa (Santa Apolónia)	0.30

Bilhetes à venda na secretaria do Sport Lisboa e Benfica e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

MENINO

JOÃO ANTÓNIO ALVES VAZ NETO

António Capaz Vaz Neto, sua mulher Maria Luisa Estanheira Alves Vaz Neto e família participam que será rezada missa de sétimo dia, amanhã, dia 13, na Igreja Paroquial de N.ª Senhora Auxiliadora dos Cristãos (Parada dos Prazeres), às 12.30 horas.

ANTÓNIO VASCO DE SOUSA LOBO

MISSA DO 7.º DIA

Sua Família participa que amanhã, dia 13, ás 11.30 h., na Igreja do Santo Condestável (Campo de Ourique), será celebrada Missa pelo eterno descanso de sua alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Nota da Reitoria da U. T. L. acerca dos problemas da cantina do Instituto Superior Técnico

Para efeito de publicação, o S. N. I. enviou-nos uma nota da Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa, que adiante publicamos na íntegra. A referida nota vinha antecedida do seguinte: «A propósito das referências feitas aos problemas da cantina do Instituto Superior Técnico, solicita-se se dê a devida publicidade á esclarecedora nota da Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa, distribuída em 7 do corrente, e portanto anterior em dois dias ao encerramento daquele estabelecimento de ensino superior».

A nota propriamente dita diz textualmente:

«Nos princípios de Novembro passado, um grupo de estudantes do Instituto Superior Técnico entregou ao sr. director da escola uma petição, em 57 folhas de papel selado, com cerca de 1400 assinaturas.

Neste requerimento aludia-se á má situação económica da cantina da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico e pedia-se, sob certas condições postas pelos requerentes, a concessão «imediata» de um subsídio permanente de Esc. 6$00 por cada refeição fornecida pela cantina.

Recebido o grupo de estudantes, primeiro pelo director e depois também pelo reitor, este afirmou que muito o impressionava a circunstancia de ser deficitária a exploração da cantina pela Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico. Por isto ia tentar obter, como solução provisória justificada pela urgência da questão, a concessão de um subsídio cujo quantitativo total se aproximasse do «deficit» da Associação no ano passado. Quanto a uma solução definitiva, não lhe parecia viável a que a petição indicava e que lhe parecia mais justo e talvez mais exequível a concessão de subsídios de alimentação aos estudantes realmente necessitados de tal tratamento, podendo assim a Associação elevar o preço das suas refeições de modo a não ter prejuízo.

No entanto, insistiu, tratava-se apenas de uma sugestão que necessitava de ser estudada, propondo então que este estudo fosse urgentemente iniciado com a colaboração da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico e dos Serviços Sociais Universitários.

Lamentava que a Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico não tivesse mais cedo posto tão grave questão ás autoridades académicas, tanto mais que, estando-se a dois meses do fim do ano, era muito difícil encontrar verbas orçamentais disponíveis.

Posteriormente a esta reunião, o reitor foi informado pelo director de que o subsídio prometido só seria aceite pela Associação se viesse por intermédio da direcção da Escola.

Desta maneira, os Serviços Sociais enviaram para o director do Técnico a primeira prestação do subsídio (50 000$00).

Mas logo, pouco depois, o reitor recebeu um telefonema pedindo uma audiência para o «grupo de estudantes» lhe comunicar uma «resolução grave». Foi o grupo recebido na manhã do dia seguinte e disse que a R. G. A. (Reunião Geral de Alunos) tinha resolvido não só não receber o subsídio mas ainda fechar a cantina.

Já assim começou a aparecer a hipótese de que o desígnio dos mentores da R. G. A. fosse simplesmente o de causar perturbações e não o de resolver o problema da cantina.

O reitor dirigiu ao director do Instituto Superior Técnico uma carta em que, reconhecendo as graves dificuldades que resultavam para muitos estudantes do encerramento repentino da cantina, anunciava a possibilidade da concessão imediata de subsídios individuais aos que estivessem nas condições de deles carecerem. Notava ainda que lhe parecia ilegal uma determinação desta gravidade ser tomada por assembleia (R. G. A.) não prevista nos estatutos das Associações Académicas e improvisada nesta altura, tanto mais que esse grupo se apresentava com uns escassos 250 componentes, quando a população escolar do Instituto Superior Técnico é actualmente superior a 3000 alunos.

No dia seguinte, porém, a mesma R. G. A voltou a reunir-se, deliberando, por maioria, reabrir a cantina, aceitar afinal o subsídio de 50 000$00, mas conservar a exigência de 6$00 por refeição, acrescentando agora o pedido de subsídios individuais a serem concedidos pelos Serviços Sociais da própria Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico (mas paga evidentemente pelos Serviços Sociais da Universidade Técnica).

Em carta escrita ao director do Técnico, em papel da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, com data de 2 do corrente mês, foram comunicadas essas deliberações e, mais, a de que era dado um prazo de uma semana para as autoridades académicas darem satisfação a tais exigências.

Não eram, porém, passados dois dias e houve invasão do átrio do Pavilhão Central por um grupo de estudantes que aí almoçaram e, no dia seguinte (5 de Dezembro), a ocupação, no mesmo Pavilhão Central, da sala destinada ás aulas (para a transformar em «sala de convívio» segundo afirmavam), isto com um primeiro acto de violência — para mais sem qualquer justificação — de arrombarem a respectiva porta.

Ficou assim demonstrado que, infelizmente, o objectivo dos mentores da R. G. A. pouco tinha que ver com os reais interesses dos estudantes.

Quando esses mentores falam em «diálogo» não o querem verdadeiramente. Assim o mostraram, quando implícitamente desprezaram o convívio que lhes era feito para colaborarem no indispensável estudo de um grave problema, por eles posto «á ultima hora», e que não pode ter soluções de improviso, ditatorialmente impostas por uma das partes.

Porque hão-de ter as Associações Académicas o monopólio de certos benefícios aos estudantes se actualmente, e mercê da evolução de vários parametros, não têm capacidade para tal, como elas próprias reconhecem ao pedir subsídios, cada vez mais avultados, ao Estado?

Reconhece-se que é justo e recomendável, em princípio, este auxílio.

Mas já se não concorda com aquela atitude monopolista que leva inclusivamente a apontar como indesejável e condenável a existência de serviços da própria Universidade ou doutras entidades oficiais ou privadas que se ocupem de conceder certos benefícios aos estudantes!

Nesse momento a posição dos mentores da R. G. A. cifrava-se sucintamente no seguinte: ultimato com ameaças várias ás autoridades académicas, para que o auxílio que pediram fosse concedido tal qual o pretendiam unilateralmente impor.

A posição desta Reitoria continua a ser a mesma que inicialmente marcou:

1) Dada a urgência do problema, subsídio global á Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico (já foram entregues á direcção do Instituto, pelos Serviços Sociais Universitários, duas prestações de 50 000$00 cada uma;

2) Para uma solução definitiva, estudo prévio a iniciar, desde já com a colaboração da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, de modo a conduzir a conclusões eficazes e possíveis.

Os mentores da R. G. A. rejeitaram este diálogo, e os actos de violência — o que já foi praticado e os outros que foram anunciados em «comunicados recentes» — deslocaram infelizmente a questão, em grande parte, para fora do «contrôle» das autoridades académicas.

Confiemos em que o bom-senso e o espírito de justiça venham por fim a vencer.

E' neste sentido que o reitor, que sempre manifestou e tem mantido viva simpatia pela acção tradicionalmente desenvolvida pela Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, dirige um caloroso e sincero apelo aos estudantes.»

OS ALUNOS DA FACULDADE DE LETRAS CONVIDADOS A ESCOLHEREM DELEGADOS PARA GRUPOS DE ESTUDO (ACERCA DOS ACTUAIS PROBLEMAS)

Recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«O Conselho Escolar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, reunido na tarde de 11 de Dezembro, em face das graves alterações que perturbam os trabalhos escolares e deram ocasião a violências deploráveis, resolveu por unanimidade:

1.º — Exortar firmemente os alunos a retomarem imediatamente os trabalhos escolares, cessando por completo qualquer forma de perturbação;

2.º — Pedir aos alunos que se identifiquem sempre que para tal sejam solicitados, a fim de evitar a intromissão de elementos estranhos á Faculdade;

3.º — Comunicar que os graves problemas da vida da Faculdade estão a ser estudados no Conselho e que, com esse objectivo, se vai promover sem demora a convocação de grupos de estudo dos quais participarão todos os docentes da Faculdade;

4.º — Convidar os alunos, uma vez restabelecida a normalidade, a escolherem ano por ano, dentro de cada curso, os seus representantes que participarão nos referidos grupos de estudo e os representarão nas suas relações com os professores.

O Conselho espera que os alunos saibam corresponder ás medidas de boa vontade que entendeu dever tomar, e que, numa atmosfera de colaboração e de desejo de entendimento, docentes e discentes possam enfrentar em conjunto os difíceis problemas com que o ensino universitário actualmente se debate.»

A comunicação do Conselho Escolar da Faculdade de Letras de Lisboa é assinada pela respectiva directora, prof.ª dr.ª D. Virgínia Rau e pelos profs. drs. Francisco da Luz Rebelo Gonçalves, Orlando Ribeiro, A. A. Gonçalves Rodrigues, Délio dos Santos, Jacinto Prado Coelho, A. Moreira de Sá, Luís F. Lindley Cintra, Jorge Borges de Macedo e Fernando de Almeida.

Exposição de livros no Instituto Britânico

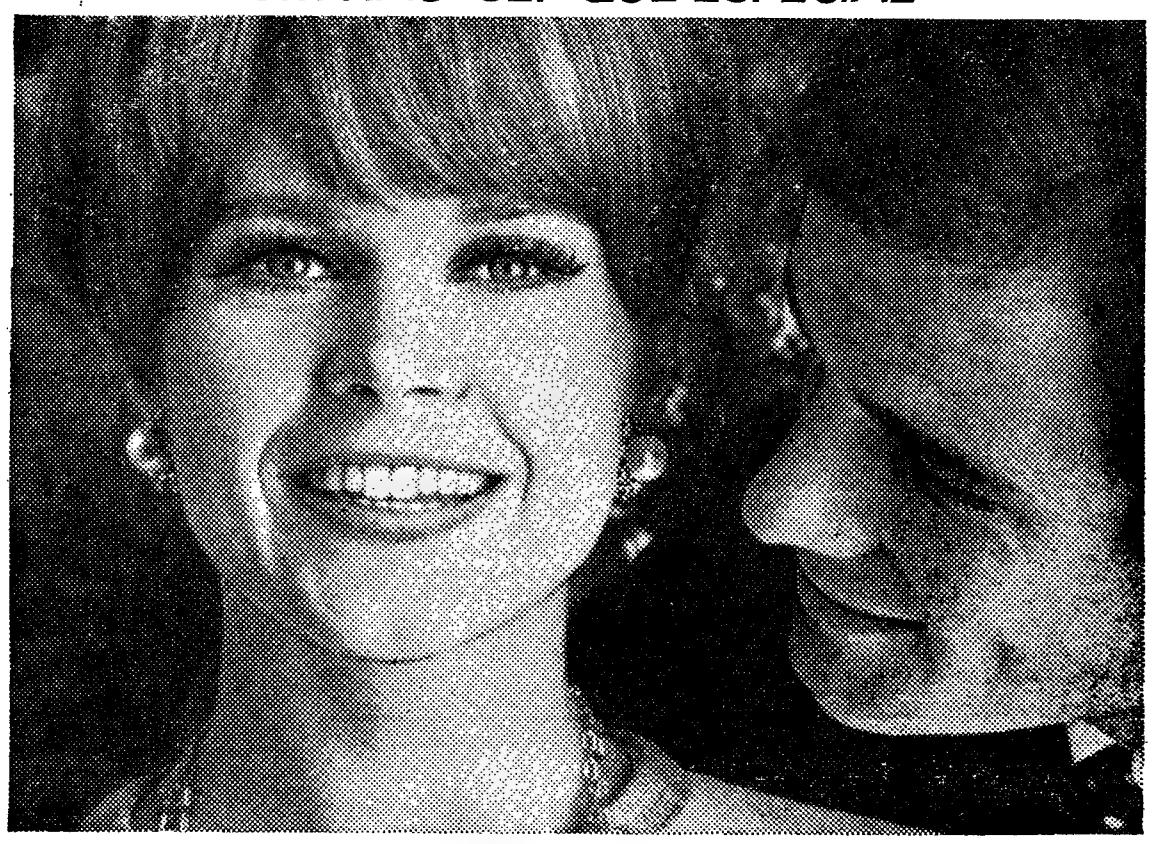
Integrada nas comemorações do seu 30.º aniversário, abre brevemente no Instituto Britânico uma valiosa exposição de livros seleccionados como os mais realizados na produção gráfica inglesa durante o ano de 1968.

Organizada anualmente pela Liga Nacional do Livro, a exposição deste ano é formada por cerca de 170 volumes representativos do progresso e nível das artes gráficas ligadas à produção livreira em Inglaterra.

O certame constitui um dos mais importantes acontecimentos do calendário anual da vida londrina, tendo o deste ano alcançado um êxito fora do vulgar, tanto para a indústria como para o comércio do livro. O próprio catálogo da exposição é um primor da arte gráfica contemporânea.

Mulheres elegantes, bem cuidadas, mas ela... ela tem

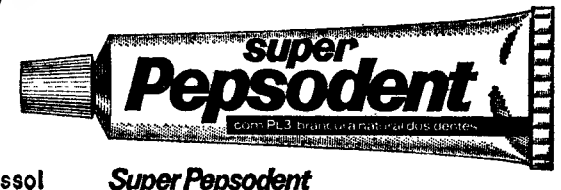
UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL



TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!

o adorável sorriso Pepsodent!

Que diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diàriamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!



Super Pepsodent com PL3 - brancura natural dos dentes

AUSTIN 1300
2 PORTAS

TEM MAIS DO QUE SERIA DE ESPERAR DE UM CARRO DESTA CATEGORIA E PREÇO

■ ADICIONAL DE SEGURANÇA PARA CRIANÇAS ■ ACABAMENTOS EXCEPCIONAIS ■ ASPECTO DESPORTIVO ■ ÓPTIMO RENDIMENTO ■ ECONOMIA DE CONSUMO E MANUTENÇÃO ■ AMPLO E CONFORTÁVEL ESPAÇO PARA 5 PASSAGEIROS (ADULTOS) E BAGAGEM.

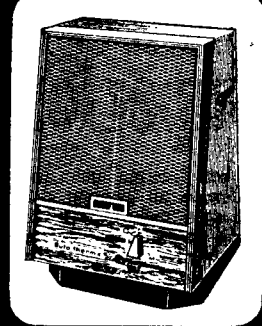
PARA ENTREGA IMEDIATA

68-A1300-04

VÃO FELIZES - VÃO SEGUROS VÃO NUM AUSTIN

DISTRIBUIDORES GERAIS: **J. J. GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L.** LISBOA • PORTO ÉVORA • BRAGA • SANTARÉM • MATOSINHOS • AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

BUTA-THERM'X



O CALORÍFERO A GÁS BUTANO TOTALMENTE ISENTO DE PERIGO

PODE REGÁ-LO COM GASOLINA QUE NÃO INCENDEIA!

FUNCIONA PELO SISTEMA DE CATÁLISE, SEM CHAMA, SEM LUME, SEM FUMO, SEM CHEIRO E SEM ÓXIDO DE CARBONO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

EST. M. SIMÕES JR., S. A. R. L.

R. DOURADORES, 43, TEL. 361545-LISBOA

PEQUENO LORDE

A CASA QUE VESTE OS SEUS FILHOS DE TODAS AS IDADES; SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 15-A

REVILA —Revestimentos Industriais, Ld.ª

7.º Cartório Notarial de Lisboa Notário Dr. LUCIANO CORREIA

CERTIFICO para efeitos de publicação: Que por escritura de 7 de Novembro de mil novecentos e sessenta e oito, lavrada de fls. 16 a 18 v.º, do respectivo livro A-28, de escrituras diversas do 7.º Cartório Notarial, a cargo do Notário Licenciado LUCIANO CORREIA, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação social de «REVILA-REVESTIMENTOS INDUSTRIAIS, LIMITADA», e tem a sua sede em Lisboa na Avenida Almirante Gago Coutinho, cinquenta e seis, sexto, direito, frente, podendo a gerência mudá-la para qualquer outro local que entenda conveniente.

PARÁGRAFO ÚNICO — A gerência poderá abrir e manter sucursais e qualquer outra forma de representação social bem como os estabelecimentos indispensáveis onde e como mais lhe pareça conveniente.

SEGUNDO — O seu objecto principal é o exercício do comércio de materiais de construção e qualquer outro ramo de indústria ou comércio em que os sócios acordem em Assembleia Geral.

TERCEIRO — A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde hoje.

QUARTO — O capital social é de cem mil escudos, em dinheiro, está inteiramente realizado e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes: FRANCISCO TEÓFILO BAPTISTA DE OLIVEIRA, cinquenta mil escudos; ANTÓNIO FRANCISCO VELUDO PEREIRA, trinta mil escudos; CARLOS PEDRO SÃO MARCOS SILVA, dez mil escudos e MIGUEL ESTEVES GASPAR DE CARVALHO, dez mil escudos.

QUINTO — A cessão e alienação de qualquer quota, ainda quando feitas a qualquer sócio, dependem sempre de autorização da sociedade, que terá direito de preferência.

SEXTO — A gerência da sociedade é atribuída aos sócios FRANCISCO TEÓFILO BAPTISTA DE OLIVEIRA e ANTÓNIO FRANCISCO VELUDO PEREIRA, que ficam desde já nomeados gerentes, sem caução e com as retribuições que lhes forem atribuídas em reunião social.

PARÁGRAFO ÚNICO — Para obrigar a sociedade são necessárias as assinaturas de dois gerentes, podendo um deles delegar no seu procurador.

SÉTIMO — As reuniões sociais a terem lugar e quando a lei não prescreva quaisquer formalidades ou requisitos especiais, serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência de oito dias pelo menos.

OITAVO — Os balanços anuais fechar-se-ão no dia trinta e um de Dezembro de cada ano, e a parte dos lucros líquidos que não fora absorvida pela formação ou reintegração dos fundos de reserva legais ou outros que a assembleia de sócios delibere, será repartida pelos sócios na proporção das suas quotas.

Lisboa, 18 de Novembro, de 1968.

FÁBRICA DE PELES ESTRELA M. L.
MARTINHO, LDA.

APRESENTA A GRANDE NOVIDADE PARA HOMENS E SENHORAS

CASACOS DUBLE-FACE

MODELOS INÉDITOS

Fábrica e escritório: Estrada de Benfica, 382-A — LISBOA

NOTARIADO PORTUGUÊS

— CARTÓRIO NOTARIAL DE IDANHA-A-NOVA — — A CARGO DA NOTÁRIA INTERINA — — LICENCIADA MARIA MANUELA ROMÃO DE SEABRA CASTEL-BRANCO —

Certifico, para efeito de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas n.º B. 322, de fls. 34 v. a 36, se encontra exarada, com data de 29 de Novembro de 1968, uma escritura de HABITAÇÃO NOTARIAL por óbito de D. EMÍLIA DE MELLO FURTADO OSÓRIO DE MENEZES PITA, solteira, natural da freguesia de Santos-o-Velho, do concelho de Lisboa, residente nesta cidade na Rua de Buenos Aires, n.º 9, falecida em 29 de Julho de 1965, com testamento publico, no qual deixou todos os seus bens a seus sobrinhos, filhos de seu irmão João Filipe de Melo Furtado Osório de Menezes Pita, — MARIA JOANA DE BOURBON E MELO DE MENEZES PITA DE CARVALHO, casada, residente na Rua Mello e Sousa, n.º 19, Estoril, JOÃO FILIPE OSÓRIO DE MENEZES PITA, casado, residente na freguesia de Proença-a-Velha, do concelho de Idanha-a-Nova, e MARIA DE MELO OSÓRIO DE MENEZES PITA, casada, residente na Rua Nuno Álvares Pereira, n.º 27, 1.º, Estoril.

Está conforme com o original.

Cartório Notarial de Idanha-a-Nova, trinta de Novembro de mil novecentos sessenta e oito.

O Ajudante do Cartório Notarial

a) JOSÉ PEREIRA ALVES

BRINDE DE NATAL
POR 20$00

Enviamos-lhe um Lindo Sortido (1) de 12 miniaturas muito perfeitas de Automóveis, Camionetas, Motocicletas, Carros de Bombeiros, Carros de Corridas, etc., ou ainda um Lindo Sortido (2) de 12 belas miniaturas de automóveis, das seguintes marcas: Opel, B. V. M., Taunus, Bristol, Isabela, Volkswagen, Mercedes, D. K. W., Porsche, Mercedes, Maserati, Jaguar, Aston-Martin e Renault.

Indique o numero do sortido que deseja. A importância pode ser enviada em notas ou selos do Correio.

PEDIDOS a

M. A. Nascimento

Apartado 265 — PORTO

Enviamos Grátis Catálogo de Brinquedos e Novidades

FIM DO ANO

Comunica-nos a C. P. de que vai organizar uma excursão a Madrid no fim do ano, com partida de Lisboa no dia 29 de Dezembro, e regresso a Lisboa no dia 3 de Janeiro, utilizando o Lisboa-Expresso «TER», á ida, e o Lusitânia-Expresso, no regresso.

O preço é de 1415$00, compreendendo transporte em caminho de ferro, transferência em «autopullman» entre a estação e o Hotel, alojamento e refeições.

Para melhor elucidação peça folhetos descritivos.

Adquira desde já o seu bilhete nas:

— Estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia)
— Nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro
— Na E. G. T. (Rua do Arsenal, 124)
— Nas Agências de Viagens autorizadas.

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.

SONIPAL

R. CONDE REDONDO, 14-2º

TELEFNS. 52248-556580

T.V.

SCHAUB LORENZ

RÁDIO

POLICLÍNICA DO ROSSIO

L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq.º — Telef. 32 0660

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 17 h.

Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.

Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.

Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.

Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h.

Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.

Dr. Fontoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.

Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.

Dr. Jorge Falcão — Pele e Sífilis — 15.30 h.

Dr. Luís Abecasis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.

Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.

Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Profi. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.

Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb. 14.30 h.

Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.

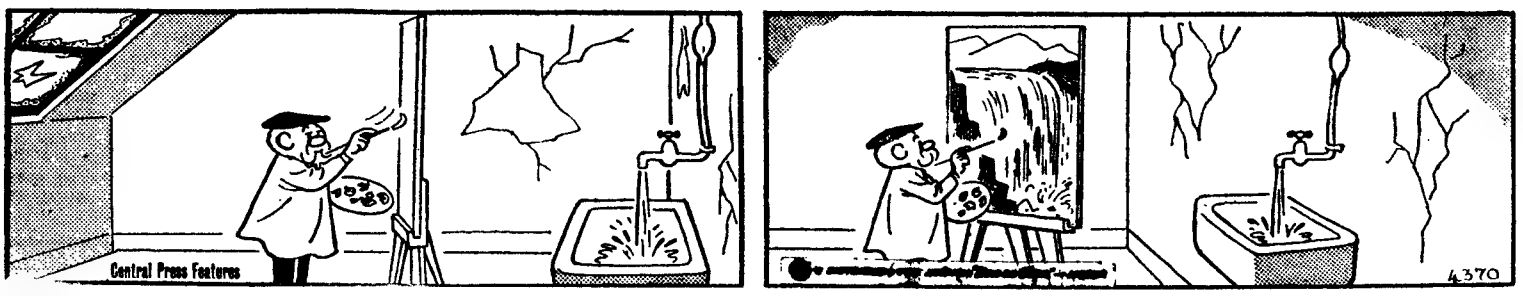
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.

Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 12 de Dezembro de 1938 publicava:

«JERUSALÉM, 12 — A fim de completar as medidas de vigilância da circulação, os comandantes militares foram autorizados a fiscalizar o tráfego costeiro dos navios entre os portos da Palestina.

«Depois de uma semana de tranquilidade, recomeçou a luta entre os rebeldes e as tropas britânicas. Em Belém travou-se combate entre um destacamento militar e insurrectos, tendo os aviões tomado parte na acção. Há vários feridos, entre os quais um soldado. Na região de Naplusa recomeçou a acção de «limpeza». Naquele distrito efectuaram-se 31 prisões em várias aldeias».

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Serviço de Aquisições

Concurso n.º 65 — CONSTRUÇÃO DE UM POSTO DE TRANSFORMAÇÃO E ABERTURA DE VALAS NO H. DE CURRY CABRAL

Recebem-se propostas até ás 9,30 horas do dia 20 do corrente para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições do H. de S. José, em qualquer dia útil das 9 ás 11,30 e das 14 ás 16 horas, as respectivas condições, excepto aos sábados que é das 9 ás 12 horas.

Serviço de Aquisições do H. de S. José em 10 de Dezembro de 1968.

O CHEFE DO SERVIÇO

a) **Alexandre Pinheiro**

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

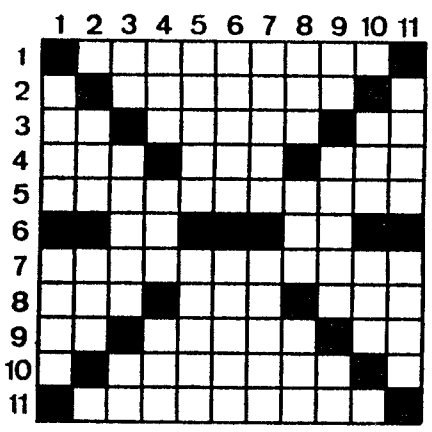
PROBLEMA N.º 5027

HORIZONTAIS: 1 — Aquelo que marca. 2 — Ajustara (contas). 3 — Freg. do conc. de Oliveira de Azemeis. Fora para fora. Nota musical. 4 — Ena. Origem. Cinquenta e quatro em romano. 5 — Designação antiquada da pérola fóssil. 6 — Deus dos pastores. Batráquio. 7 — Provimento, aviamento (Prov. Trasm.) 8 — Felicidade. Apelido. Medida de líquidos usado na Alemanha, Holanda e Suiça. 9 — Amónio (s. q.). Plica. Nota musical. 10 — Cidade de Espanha. 11 — Receariam.

VERTICAIS: 1 — Aquele que. Peso que, na Grécia e no Oriente, serve para pesar pérolas e pedras preciosas. 2 — Liga. O que é agradável, vantajoso ou util. 3 — Campeão. Arpoam. Grama (abrev.). 4 — Chefe etíope. Fluído aeriforme. O vencimento diário de um soldado. 5 — Grita. Marcam o peso da tara em. 6 — Transferir para outro dia. Nome de mulher. 7 — Ofereceréi. Partir em migalhas. 8 — Reza. O mesmo que três. Acrescentei. 9 — Batráquio. Cipó (Gal.). Em partes iguais. 10 — Abreviatura de mitologia. Bigorna de ourives. 11 — Passo a vida. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5026

HORIZONTAIS: 1 — Destronar. 2 — SS. Sare. Eis. 3 — Tem. Láparo. 4 — Amar. Vago. 5 — Alagara. Pó. 6 — ANI. Ter. 7 — NA. Alambar. 8 — Elar. Atiá. 9 — Trarei. Agi. 10 — Cai. Enes. Or. 11 — CONFIANÇA.

VERTICAIS: — ESTÁ. Ano. CC. 2 — Semana. Tão. 3 — Máli. Erin. 4 — És. Rã. Ala. 5 — Sal. Gelarei. 6 — Trava. Arena. 7 — Reparam. Ien. 8 — O. Agá. Ba. Sc. 9 — Nero. Tatá. 10 — Aio. PERIGO. 11 — Rs. Sor. Airó.

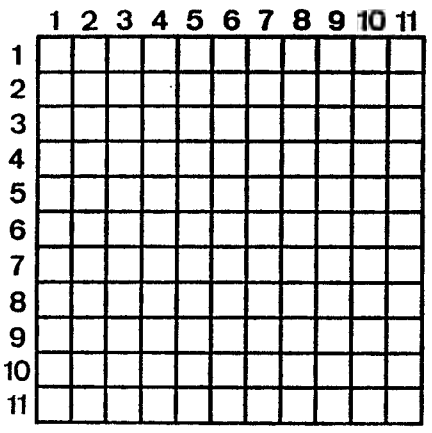
Provérbio: NA CONFIANÇA ESTÁ O PERIGO

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8871

HORIZONTAIS: 1 — Assentaremos arraiais. 2 — Figura que simboliza o povo americano. Intimo. Constelação austral. 3 — Fruto silvestre. Trica. 4 — Invulgar. Encolerizar. 5 — Venera. Acreditara. 6 — Pegas. Casta. 7 — Transpira. 8 — Abreviatura de ítem. Ligeira refeição antes do almoço. Aqui. 9 — Versejam. Combinar. 10 — Lavrar. Desterrei. 11 — Relativo ao sol. Nome de um jogo.

VERTICAIS: 1 — Guamecera de asas. Estacionas. 2 — Classe. Cidade da antiga Fenícia, fundada pelos Sidónios. 3 — Carinhosa. Doença. 4 — Invulgar. Um dos estados do Brasil. 5 — Piedosa. Tostam. 6 — Amónio (s. q.). Cidade da antiga Caldeia. 7 — Lista. Engosta. 8 — Terreno duro e liso onde se secam e malham cereais. O romper da manhã. 9 — Corcunda. Seguiam. 10 — Prepararo com ópio. Caule de várias gramíneas. 11 — Ecoara. Cidade de França.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8870

HORIZONTAIS: 1 — Porco. Colam. 2 — Areal. Irene. 3 — Raiva. Anuir. 4 — As. Avara. Só. 5 — Aromara. 6 — So. Fo. 7 — Moleira. 8 — Or. Soito. Ce. 9 — Vim. Aer. 10 — Acuar. Conde. 11 — Saíra. Amais.

VERTICAIS: 1 — Param. Novas. 2 — Oras. Rica. 3 — Rei. Aam. Mui. 4 — Covar. Os. Ar. 5 — Olavo. Loira. 6 — Amuei. 7 — Ciara. Ítaca. 8 — Ornar. Ro. Om. 9 — Leu. Afã. Ano. 10 — Anis. Cedi. 11 — Meros. Peres.

DESPORTO

O «TOUR»-69: 4100 km SEM REPOUSO

PARIS, 12 — (F. P.) — Foi aprovado o calendário, com as etapas da 56.ª «Volta á França» em 1969. Esta, começa no sábado, 28 de Junho, por uma prova preliminar contra-relógio, em Roubaix.

Termina em Paris, também, com uma prova contra-relógio em 20 de Julho. A quilometragem total é de 4100 quilómetros. Desta vez a «Volta» não terá dia de descanso mas algumas etapas serão curtas.

A VELOCIDADE (GREGA) VENCEU A LENTIDÃO (PORTUGUESA)

ATENAS, 11 — Com surpreendente facilidade, a selecção de futebol da Grécia venceu a famosa equipa representativa de Portugal, que se apresentou no Pireu ainda envolta no prestígio conquistado no «Mundial» de 1966. Dois anos passaram, no entanto, desde essa proeza da selecção portuguesa, cujas exibições, presenciadas em Inglaterra ou seguidas através da TV, impressionaram milhões de espectadores. E a não ser que a turma dirigida por Otto Glória atravesse uma crise passageira, temos que considerar que esses dois anos pesaram duramente sobre os ombros dos futebolistas portugueses. Dois anos podem ser muito tempo. Tempo para passar da glória à vulgaridade.

• Os dianteiros da Grécia encontraram facilidades surpreendentes.

• O terceiro do «Mundial»-66 parece ter envelhecido muito em dois anos...

Por ALEXIS BEYOGLU
Especial para o «Diário de Lisboa»

Quando os dirigentes portugueses noticiaram que Eusébio se encontrava doente, logo à chegada a Atenas os entusiastas gregos, na sua maioria, mostraram-se pouco convencidos. Na verdade, muitos não hesitaram em considerar tal notícia como um «bluf» da equipa portuguesa. Ao fim e ao cabo, Eusébio jogou. Mas, como que a confirmar que, efectivamente, a sua condição física não era a melhor, o prestigioso futebolista énulo de Pelé não pôde confirmar todo o seu grande prestígio, embora, aqui e além fizesse luzir a sua «classe-extra».

De uma maneira geral, pode cnsiderar-se que toda a equipa de Portugal jogu à semelhança do seu mais famoso jogador. Isto é: desiludido, mostrou, a espaços, um pouco do futebol-técnico que se lhe aguardava

Tudo foi, porém, muito débil, muito inexpressivo.

A superioridade da selecção grega

Aguardava-se que a turma visitante exibisse o notável sentido de perfuração que costuma caracterizar a sua dianteira. Todavia, o próprio Eusébio foi uma imagem de renúncia, mormente quando, na marcação de um «livre» (a vinte metros da baliza grega) optou pelo endosse a um companheiro (Jacinto) abdicando do «tiro» fulgurante que era sua característica.

O resultado estará coerente? Sem dúvida. Estará certo? Mais devagar. Evidente: a superioridade da equipa helénica foi um facto incontroverso, constante, quase sem sinal ininterrupto. Mas, o marcador não é a imagem do jogo: um golo português na própria baliza representa o atabalhoamento e a confusão que pesou sobre os lusitanos, sobre o extremo-reduto que não conseguiu evidenciar o apuro de forma equ era sua credencial.

A equipa grega agigantou-se. Jogou como nas suas mais belas tardes: isso terá apressado a derrocada do grupo português. Mas, já se pensou aonde teria conduzido a concretização dos sucessivos avanços (perigosos) do «onze» helénico?

Exacto: a uma marca histórica.

...E isto, porque o sector defensivo dos portugueses abriu brechas com surpreendente frequência. Mal apoiado pela linha intermediária (Rolando e Coluna perdidos nas labaredas do entusiasmo grego) o sector defensivo de Portugal teve, ainda, muitas falhas dos dois intérpretes que menos podem falhar: os dois «centrais», Armando e José Carlos. Os pontas-de-

(Continua na 26.ª página)

Notas à margem

O futebol ibérico, ao nível de selecções nacionais, teve ontem uma jornada desastrosa: enquanto a equipa de Portugal tombava perante o desataviado entusiasmo dos gregos, o grupo representativo de Espanha não conseguia, mesmo em Madrid, levar a melhor sobre os belgas.

Ambos estes jogos se destinavam ao apuramento para o campeonato do mundo, e os seus desfechos deixaram o México um pouco mais longe dos futebolistas portugueses e espanhóis.

O que importa referir é que esta quarta-feira, 11 de Dezembro, terá encerrado mais uma prova de que passaram os «anos de ouro» do futebol luso-espanhol, vencedor das sete primeiras edições da Taça dos Campeões (as cinco primeiras o Real Madrid, as duas seguintes, o Benfica) e de um campeonato da Europa (Espanha), além de um 3.º lugar no «Mundial» de 1966 (Portugal).

As ultimas competições internacionais, entre clubes ou selecções, revelaram os progressivos embaraços de portugueses e espanhóis. Não foi por acaso, certamente, que os títulos europeus passaram a pertencer, nestes ultimos anos, a clubes de outros países. Nem foi por acaso que o Real Madrid, ainda campeão de Espanha, acaba de ser eliminado da Taça dos Campeões pelos austríacos do Rapid E já não surpreenderá por aí além se surgirem para os grupos de futebol de Portugal e da Espanha, outros dias sombrios como esta quarta-feira, 11 de Debembro.

CASA AGUIAR

Casa Aguiar RUA DO CARMO (NO CHIADO)

Foi criada para si

Conhecemos a sua natural exigência em Moda, Elegância e Qualidade. Sabemos ainda que, só muito dificilmente, você encontraria onde satisfazê-la. Mais, nós estávamos em condições de oferecer-lhe a última palavra em Moda e Elegância. Por isso a CASA AGUIAR existe para satisfazer o seu gosto requintado. Hoje, como sabe, a CASA AGUIAR oferece-lhe não só o último grito da Moda como também a qualidade ímpar dos tecidos e malhas para homem e senhora, em PURA LÃ VIRGEM sob controle WOOLMARK!

PURA LÃ VIRGEM

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA

Por imperiosa necessidade de realização de trabalhos da Companhia das Águas de Lisboa no seu sistema abastecedor das freguesias de Loures, Odivelas, Camarate e Apelação, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de água será interrompido das 22 horas do dia 12 ás 6 horas do dia 13 de Dezembro em curso.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 11 DE DEZEMBRO DE 1968.

O Presidente do Conselho de Administração
Joaquim Dias de Sousa Ribeiro

Em RIO MAIOR o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA SANTANA — Rua Serpa Pinto, n.º 20.

INTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

TAMBÉM PARA O «MUNDIAL»

EMPATE DA BÉLGICA EM ESPANHA (1-1)

A contar para o Mundial de Futebol, realizaram-se, ontem, outros três jogos, respectivamente em Madrid, Nicósia e Istambul.

Em Madrid, sob a direcção do árbitro português Salvador Garcia, as equipas de Espanha e da Bélgica empataram a um golo: resultado que não serve as aspirações da turma local e foi recebido com muito cepticismo pela crítica e pelo público presente no Estádio Santiago Bernabeu.

As formações dos dois países:

ESPANHA — Sadurni; Torres, Tonono, Zahalza e Eládio; Pirri German e Grosso; Claramunt, Amancio e Garate.

BÉLGICA — Trappeniers; Jeck, Dewalque, Hannon e Thissen; Van de Moer, Dock e Vermeyen; Semeling, Devrindt e Polleunis.

Galego e Marcial entraram, depois, para os lugares de Tonono e German.

Aos dois minutos de jogo, a Bélgica colocou-se em vencedor, por intermédio de Devrint E, lògicamente, renunciou a outra ideia que não fosse defender essa magra vantagem. Toda a equipa belga passou a acantonar-se no seu meio-campo, colocando exclusivamente o centro-dianteiro nas proximidades da baliza de Sadurni.

Bloqueado o perigoso Amancio, ficou apenas Pirri: e os seus remates, desferidos de longe. Todavia, foi Garate quem conseguiu o empate: que provocou enorme celeuma entre os futebolistas belgas e esteve na origem da expulsão do seu «capitão», Hanon.

Escócia: um passo em frente

Por seu lado, em Nicósia, o Chipre foi estrondosamente derrotado: 0-5, a favor da turma escocesa, que marcha á frente da Alemanha Federal e da Áustria, no seu grupo qualificativo.

Em Istambul, a Irlanda do Norte venceu a Turquia, por 3-0 (tentos de Harkin — 2 — e Nicholson. A Rússia é o outro componente deste grupo.

A JUVENTUDE PORTUGUESA E O ATLETISMO (2)

Os professores de Educação Física e o seu papel na hora da renovação

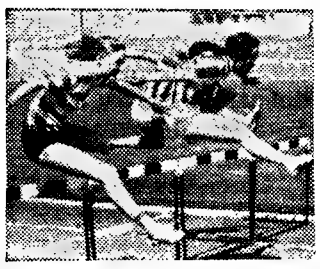
Ao iniciarmos esta análise aos problemas do atletismo, passámos em revista o problema das pistas, — quantidade, metragem perimétrica, localização, qualidade, utilização provável e efectiva — factores que não se podem desligar das questões que vamos agora, tratar para um atletismo melhor, mais progressivo e, sobretudo, efectivo entre a juventude portuguesa.

Para uma maior expansão desta modalidade-base, os professores de educação física—sejam eles diplomados pelo I. N. E. F. ou por qualquer outro Instituto de ambito técnico-desportivo (estamos, por exemplo, a pensar no caso da Armada e do Exército, onde a formação desportiva tem presentemente primordial importancia e as disciplinas do atletismo — lançar, correr e saltar — têm cabimento excepcional não podem ser colocados á margem.

Assim, é, portanto, imprescindível que na revisão das estruturas da modalidade, os professores de Educação Física tomem parte efectiva e emitam a sua opinião.

Ninguém melhor do que eles poderão estar á testa dos *Centros de Iniciação*, devem ser criados, urgentemente, quer nas escolas primárias (tão abandonadas no aspecto da iniciação desportiva), quer nos aglomerados fabris, industriais, e, sobretudo, nas regiões de densidade populacional juvenil. Os seus conhecimentos na matéria não podem ser dispensados neste aspecto da questão.

Para que isto seja uma realidade, é necessário modificarem-se ou melhor actualizarem-se certas dis-



posições regulamentares. É preciso alterar onde a prática aconselha e, sobretudo, coordenar os esforços das várias entidades ligadas à modalidade, dispersas dentro do âmbito de três decretos, cada um, a dificultar o progresso do atletismo no seu todo.

É certo que alguma coisa já se fez para uma melhoria (benefício que deu frutos que são todavia insuficientes) mas a questão é de tanta complexidade que se reclama algo mais.

Cremos que não é difícil

fazer as coordenadas da modalidade e depois apreciá-las «per si», dando então início a estudos na especialidade.

Além do papel que os professores de educação física possam desempenhar no desenvolvimento do atletismo, também os treinadores, especialmente nos centros regionais, podem ter papel importante no encaminhamento da juventude para as pistas.

★

Para além da questão técnica dos professores de Educação Física, colocados ao serviço do atletismo e da juventude, há, na verdade, que resolver, primeiramente, a sua colocação nos Centros de Iniciação disseminados pelo País e cuja organização e funcionamento se quadravam perfeitamente nos domínios das autarquias locais.

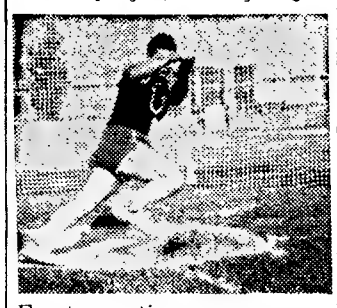
Assim, como existem em várias Câmaras Municipais «comissões» para a solução de diversos problemas que interessam, sobremaneira, às suas localidades e regiões, porque não criar comissões para captação e desenvolvimento do desporto nessas mesmas regiões?

Também não se compreende que existindo nas principais Câmaras Municipais do País, lugares para técnicos de várias promoções e desenvolvimento desta ou daquela matéria, não haja cabimento para um professor de Educação Física, que tenha a função de captar, orientar e desenvolver o gosto pelo desporto, no nosso caso o atletismo entre a juventude daquela região.

Em Espanha esta forma de pensar e de actuar levou a juventude do país vizinho a acorrer ás pistas ou aos campos desportivos. E de tal forma os frutos foram rápidamente colhidos que a Espanha galgou na lista das nações de média desportiva, uns bons degraus.

Nos ultimos anos a acção de alguns dirigentes foi notória, mas o encaminhamento das competições, de um modo geral, não se fez no verdadeiro sentido. Temos, assim, em princípio, uma acção superficial que veio, como não podia deixar de ser, ignorar o verdadeiro progresso.

A captação, iniciação e a



Escola, continuam a ser problema grave e a sua capacidade de actuar como ponto de partida não correspondeu ao que se tinha em mente.

As zonas de prospecção têm de ser alargadas. As Associações e Federação terão que ter campo mais vasto, tendo até á sua disposição vários professores de educação física que desenvolvam trabalho profícuo. E isto é tão verdade que os diplomados pelo I. N. E. F. que passam pelos clubes, Associações ou Federações, fizeram, ou fazem, trabalho excelente.

É claro que não foi só a sua contribuição que levou o atletismo a um estado mais claro. Treinadores ou antigos atletas contribuiram, também para a captação de novos elementos, mas o trabalho operado para um desporto particularmente formativo é mínimo, como demonstram as estatísticas e, ainda, as afirmações publicas de vários responsáveis, desde o escalão oficial até ao particular.

A pista de S. João da Madeira

No primeiro destes artigos em que se passa em revista o panorama do atletismo nacional, falou-se do problema das pistas. Na referência ás existentes, com as medidas e apetrechamento adequados, omitiu-se por lapso, a do campo «Conde Dias Garcia», em São João da Madeira. Aqui fica a rectificação, enquanto aguardamos, com o maior interesse, a agradável obrigação de citarmos mais vezes a pista de São João da Madeira, noticiando uma progressiva actividade da juventude sanjoanense, nos domínios do atletismo.

O CANCELAMENTO DA UNIVERSÍADA-69

O Ministério da Educação Nacional confirmou o cancelamento da Universíada-69, em Portugal, através da seguinte informação:

a) Para a realização da Universíada-69 foi escolhida a cidade de Lisboa, em virtude de nenhum dos 56 membros da Federação Internacional do Desporto Universitário (F. I. S. U.) ter manifestado interesse pela sua organização dentro dos respectivos países, e depois de a União Soviética ter declinado a obrigação anteriormente assumida, de a efectivar no seu território.

b) Na revisão a que o Governo procedeu das acções prioritárias a desencadear pelo Departamento da Educação Nacional, concluiu-se que o peso dos encargos pecuniários que a realização de tais jogos, com a participação de milhares de desportistas estrangeiros, ia representar, não era suficientemente justificado pelo valor dos resultados que se poderiam atingir. Não pareceu, designadamente, que devessem ser atribuídos a realização de competições internacionais, com modesta participação de atletas portugueses, recursos que deverão ser aplicados noutros fins, e em particular no fomento da educação física no País.

c) Não se considerou, também, suficientemente justificado que os órgãos centrais do Ministério da Educação Nacional dedicassem a este assunto, cuja importancia e melindre foram detidamente ponderados, a atenção, o tempo e os meios que teriam de ser distraídos dos que se consagram ás tarefas urgentes e fundamentais em que presentemente se encontram empenhados.

d) Tomou-se, ainda, em consideração o facto de a data das competições, previstas para Agosto e Setembro do próximo ano, coincidir com o período que antecede as eleições gerais a realizar no próximo ano.

e) Em face destas razões, e significando o maior apreço pela actividade já desenvolvida pela Inspecção Nacional do Desporto Universitário e pelas comissões integradas na organização da Universíada-69, foi decidido o seu cancelamento

«QUEM SALTA MAIS ALTO»

O direcção do F. C. do Porto continua a desenvolver proveitosa acção na criação de novos valores para o atletismo. Assim vai organizar mais um torneio denominado «Quem salta mais alto», destinado a rapazes de 14 a 18 anos que não estejam inscritos na modalidade por qualquer clube. As provas começarão no próximo dia 15 para rapazes de 13 e 14 anos, no dia 22 para os de 15 e 16 anos e em 29 para os de 17 e 18 anos.

A NOVA ÉPOCA DE ATLETISMO

A Federação Portuguesa de Atletismo enviou á Direcção-Geral dos Desportos, para devido sancionamento, o seu calendário de Inverno para a época de 1969.

Dele constam treze competições, das quais duas têm carácter internacional (S. Silvestre de São Paulo e de Madrid).

Eis o calendário:

DEZEMBRO — Dia 15: Prova de selecção para as corridas de S. Silvestre; dia 25: Grande Prémio do Natal — Lisboa (juniores e seniores); dia 31: 44.ª edição da Corrida Internacional de S. Silvestre (São Paulo) e V S. Silvestre Vallecana (Madrid).

FEVEREIRO — Dia 1 e 2: Torneio Nacional de Pista Coberta; dia 9: Campeonato Nacional de Corta-Mato (iniciados e juvenis) masculinos e (juniores) femininos; dia 12: Torneio de Pista coberta — Preparação; dia 23: Campeonato Nacional de Corta-Mato (juniores e seniores) masculinos e (seniores) femininos.

ABRIL — Dia 13: Maratona Nacional.

As associações regionais Metropolitanas podem organizar as suas provas de Inverno durante os meses de Janeiro, Fevereiro (alguns domingos) e Março.

A primeira prova de selecção para as corridas de S. Silvestre

A fim de formar uma opinião quanto aos atletas a indicar aos organizadores das corridas de S. Silvestre (Brasil e Espanha), a Federação, vai fazer disputar no próximo domingo, pelas 10 horas, uma prova de selecção na distância aproximada de 8.500 metros, com o seguinte itinerário: Estádio da Luz (Partida) — Av. Marechal Carmona, Campo Grande, Av. Marechal Carmona, Estrada de Benfica (lado Norte), Av. Marechal Carmona, Estádio da Luz (chegada).

Podem participar nesta corrida os atletas juniores e seniores, devidamente inscritos para a época de 1969.

Congresso da Federação

Está marcado para o próximo dia 21 do corrente, o Congresso da F. P. A. com a seguinte ordem de trabalhos:

a) — Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas da gerência de 1968;

b) — Eleição dos Corpos Gerentes para o exercício de 1969. Após a conclusão destes assuntos realizar-se-á uma assembleia extraordinária com o objectivo de:

a) — Apreciar, discutir e votar o plano de trabalhos e o projecto de orçamento da F. P. A. para a época de 1969;

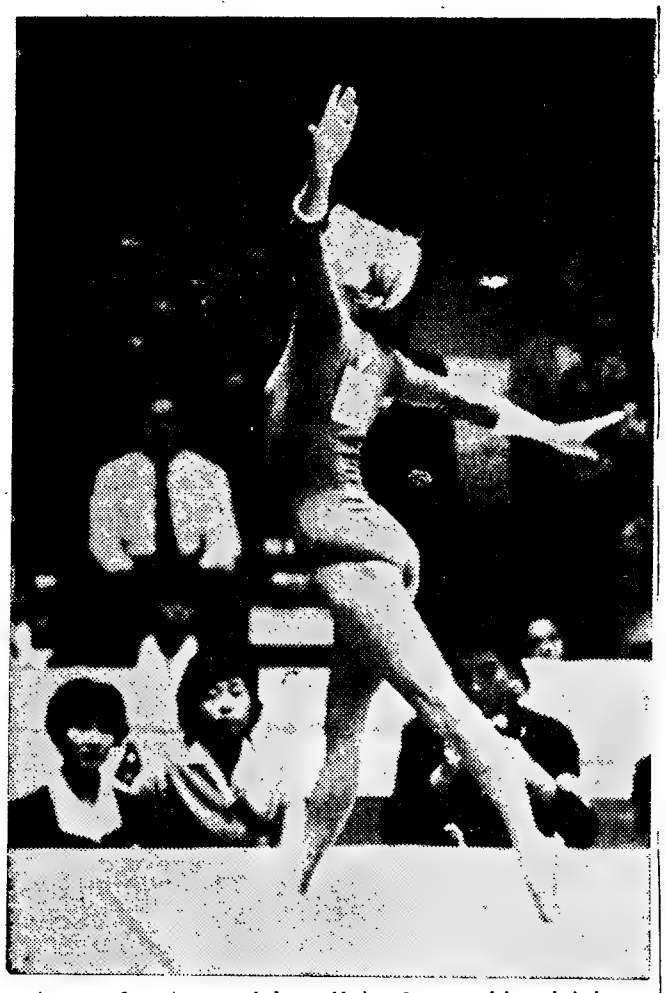
b) — Apreciar, discutir e votar alterações ao Regulamento Geral — Competições e sua Organização;

c) — Sancionar o pedido de filiação da Associação Distrital de Desportos da Beira — Moçambique;

d) — Considerar a filiação da Associação Provincial de Atletismo de Angola que, segundo o Boletim Oficial n.º 66, 1 série, de 21/8/67, passou a dirigir a modalidade de Atletismo, na Província Ultramarina de Angola, em vez da Associação Provincial dos Desportos.

BENFICA
NO PORTO
EM LUXUOSOS AUTOCARROS
14 e 15 Dezembro
1.ª Partida, 7 h.—120$00
2.ª Partida, 14.30 h. — 110$00
3.ª Partida, domingo, ás 6 h. — 100$00
LUSANOVA - TURISMO
Largo Martim Moniz
Av.ª João XXI, 9-A
Telefs. 726116 - 726115 - 862194

Os pequenos tostões, com que o seu filho brinca hoje, podem ser volumosas somas no futuro.
Muitos dos presentes dos seus filhos são em dinheiro.
Capitalize essas pequenas importâncias através do mealheiro do Montepio Comercial e Industrial.
Temos depósitos à ordem ou a prazo.
Não é difícil nem complicado, consulte-nos e nós gostosamente lhe ensinamos a maneira de tornar realidade a nossa frase.
JOMA
MONTEPIO COMERCIAL E INDUSTRIAL
Rua Augusta, 206 - Telef. 32 32 24 - LISBOA



A graça feminina e a beleza plástica dos exercícios ginásticos casam-se em imagens como esta, que representa, por si só, um estímulo á Educação Física

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

No encontro, ontem efectuado, a contar para a taça «Filipe Gameiro Pereira», o Sporting venceu o Sacavenense, por 3-0. A classificação do torneio ficou assim ordenada: 1.º Benfica, 15 pontos; 2.º, Sporting, 13; 3.os, Alhandra, Sintrense e Sacavenense, todos com 9 pontos; e, em 6.º lugar, o Algés, com 5 pontos.

★

A Federação Portuguesa de Futebol interditou, por um jogo, o terreno da Associação Desportiva de Fafe.

★

O Belenenses continua a entabolar negociações para se deslocar ao Ultramar. É propósito dos «azuis» actuarem em Lourenço Marques e Luanda, alargando a digressão á Rodésia e África do Sul.

★

O segundo «Torneio da Páscoa», organizado pelo Boavista, deve agrupar as equipas de juniores do Benfica, Belenenses, Atlético de Madrid Sevilha, Celta de Vigo, Real Madrid e Boavista.

★

Ajax e Benfica já acordaram em relação ás datas dos jogos que têm de efectuar para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus»: 12 e 19 de Fevereiro, respectivamente em Amsterdão e Lisboa. Um eventual desempate realizar-se-á em Paris, a 5 de Março.

★

Provàvelmente, a 6 de Janeiro, o Benfica deslocar-se-á a Nápoles, para cobrar cerca de 25 000 dólares (cerca de 725 contos) e exibir Eusébio...

★

O Vitória de Guimarães prepara uma «tournée» pelo Brasil: seis jogos, no decorrer do mês de Julho, com exibições previstas para Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

★

Também o Sporting Clube de Portugal tem tudo encaminhado para se deslocar á Venezuela; muito provàvelmente a 5 de Janeiro próximo.

A Polónia bate o «Colo-Colo»

SANTIAGO DO CHILE, 12. —F. P.) — A selecção da Polónia venceu, ontem á noite, por 2-1, a equipa chilena do «Colo-Colo» em encontro da primeira jornada do Torneio Quadrangular. Ao intervalo, o resultado era de 0-0.

Para o mesmo torneio, a equipa da Universidade Católica do Chile venceu por 4-2 a turma brasileira Portuguesa de São Paulo, com 2-1 no final do primeiro tempo.

G. D. Coelima na volta a Portugal

No decurso da homenagem prestada pela direcção do Grupo Desportivo Coelima aos seus ciclistas, foi revelada a intenção de a jovem agremiação (pertencente á Sociedade Textil Aldano Coelho Lima, S. A. R. L.) participar na próxima Volta a Portugal em Bicicleta.

Por esse motivo, os jovens ciclistas nortenhos estão já a seguir cuidada preparação.

A Federação de Futebol e os que dão «o dito por não dito»

A Federação Portuguesa de Futebol acaba de tornar público o seu comunicado oficial n.º 72, que se refere a «Declarações à Imprensa — Responsabilidade Disciplinar». É o seguinte o texto desse comunicado:

«Tem-se generalizado ùltimamente o sistema de os autores de declarações feitas à Imprensa, ofensivas da honra e da dignidade das equipas de arbitragem ou dos seus componentes, ou, ainda, de dirigentes e auxiliares técnicos, virem negar a autoria dessas declarações, quando chamados a responder em processo disciplinar.

O Conselho de Disciplina da F. P. F., julgando inaceitável tal procedimento, deliberou, em sua reunião de 4 do corrente, tornar público que, para os fins disciplinares da sua competência, considerará, de futuro, como presunção a veracidade da autoria das declarações de dirigentes, treinadores, auxiliares desportivos e jogadores publicadas na Imprensa periódica, se essas declarações não forem, pelos mesmos órgãos da Imprensa, desmentidas pelos seus indigitados autores.»

JUDO

ROMA, 12 — (F. P.) — A União Europeia de Judo anunciou que a organização do Campeonato da Europa, desta modalidade desportiva, foi confiada á Bélgica, aisputando-se as provas em Maio do próximo ano, na cidade de Ostende.

O campeonato de juniores e «esperanças» está marcado para 21 e 22 de Março, em Berlim-Oeste.

GRÉCIA-PORTUGAL

(Continuação da 24.ª página)

-lança gregos Papaionnou e Sideris, entravam com tal facilidade nos terrenos vizinhos da baliza adversária, que toda a equipa de Portugal, talvez insensìvelmente, começou a recuar. Recuaram os próprios Torres e Eusébio. E assim nasceu o golpe infeliz de Torres, ao cabecear a bola para a sua própria baliza, marcando o 3.º golo dos gregos

*

Repete-se: o publico ficou desiludido com a actuação do grupo português, cuja lentidão e fragilidade ajudaram à empolgante recuperação dos adversários. Mas, mesmo assim, foi ainda visìvel a excelente técnica individual de alguns jogadores visitantes, nomeadamente Simões e Eusébio. Entre os de maior utilidade estiveram, também, Hilário e Torres.

A selecção da Grécia fez do entusiasmo, da rapidez e da ambição os suas grandes e vitoriosas armas. O médio Domazos foi o melhor futebolista no terreno e teve excelente colaboração em Sideris, Papaioannou Gaitatris e Dedes.

Boa arbitragem do alemão Schulenberg.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da II Divisão: Vendedores de Jornais-C. da Piedade, ás 20 e 30; Casa Pia-Encarnação, ás 21 e 45; e Boa Hora-C. D. U. L., ás 23 horas, no pavilhão da Ajuda.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da I Divisão (2.ª categoria): Ateneu-Técnico, no campo do Ateneu, ás 21 e 30.

CICLISMO — Jantar de homenagem aos ciclistas do Sporting, na sede, ás 20 e 30.

ESGRIMA — Fecho das inscrições para a Taça Mestre Carlos Gonçalves, em espada (equipas), na Federação ás 20 horas.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa da I Divisão: Ávila-Intendente, Paço de Arcos-Belenenses, Sporting-Benfica e Amoreiras (Estoril)-Centro Católico. II Divisão: Amoreiras-Atlético da Amadora Arte e Sport-Lisgás, Armadorense-Ateneu e Rod Cordeiro-Combatentes. III Divisão: Os Económicos-Mirantense, At. Cacém-S. L. Águias, Desp. Operário-Rec. Apolo e At. Moscavide-Est. Amadora. Promoção: Arroios-C. Badminton, Cimento Tejo-Andorinhas, Casa Pia-Lusitano e Desp da Graça-Mem Martins, 1.ª categoria, nas mesas dos primeiros, e 2.ª categoria, nas mesas dos segundos, ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa da I Divisão: Moscavide-Faculdade de Ciências, ás 22 horas na Faculdade de Ciências

— Campeonato de Lisboa de Juniores: Nacional de Ginástica-C. D. U. L., no liceu de Oeiras, ás 21 e 30.

NO PORTO

TÉNIS DE MESA — Campeonato Regional por equipas — Juniores: C. D. U. P.-Propaganda de Natação, Portuense Desporto-Mocidade Invicta F. C. do Porto-Alvinegro. Jogos nas salas dos primeiros, ás 21 e 30.

BILHAR — Campeonato Regional de 1.as categorias (ás 3 tabelas): jogos na sala do Leixões Bilharista, a partir das 20 e 45.

DIVERSOS — Clube Amadores de Pesca: festa de confraternização para encerramento das comemorações de aniversário.

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

U. Tomar - Varzim	1
Atlético - Leixões	1
Guimarães-Setubal	X
Académica-Belenenses	1
Porto - Benfica	1
T. Novas-Salgueiros	X
Tramagal-Beira-Mar	X
Gouveia-Famalicão	1
Valecambrense-A. Viseu	X
Oriental-Lusitano	1
Sesimbra-Barreirense	2
Luso-Alhandra	1
Sintrense-Portimonense	X

BASQUETEBOL

A contar para o torneio «Regional» da II Divisão, realizaram-se ontem os jogos seguintes: no Pavilhão da Ajuda. Rio Seco-Sp. Torres, 42-40; em Torres Vedras, Educação Física-Pedrouços, 50-47. Este último resultado constitui a primeira derrota do Pedrouços no Campeonato em curso.

O SANTOS (PELÉ & C.): VITÓRIA NA «TAÇA DE PRATA»

RIO DE JANEIRO, 12 — (A. N. I.) — O Santos conquistou o primeiro lugar na «Taça de Prata», derrotando, no último jogo do torneio, o Vasco da Gama, por 2-1. Por sua vez, em Porto Alegre, o Internacional venceu o Palmeiras, por 3-0.

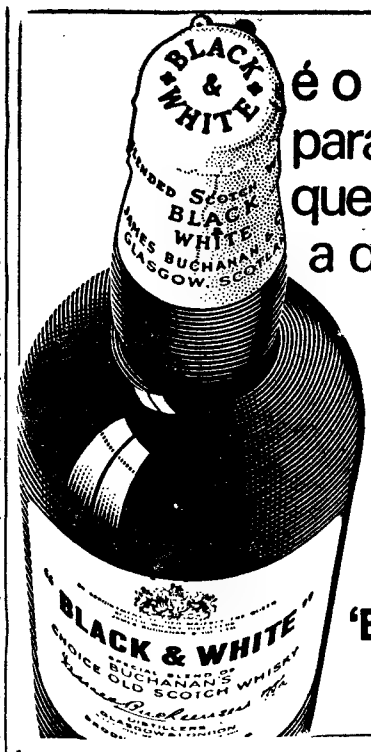
Assim, o Santos conquistou, este ano, quatro títulos: campeão do Estado de São Paulo, «Taça de Prata» e dois torneios no exterior (um no Chile e outro na Argentina).

O Santos vencia, por 2-0, ao intervalo, com golos de Toninho (14 minutos) e Pelé (39). No segundo tempo, o Vasco da Gama reagiu e obteve um golo, aos 61 minutos, por intermédio de Bianchini.

O Santos terminou com seis pontos ganhos na fase final: só vitórias. Em vice-campeão ficou o Internacional. O Vasco da Gama e o Palmeiras colocaram-se no final da tabela

O melhor marcador do torneio, na fase final, foi Claudimiro, do Internacional, com três golos. Houve três expulsos de campo e dois «penaltys», ambos aproveitados.

A receita final foi de 667 mil e 605 cruzeiros novos, elevando a receita total do torneio para 8 298 645 cruzeiros novos (mais de sete mil contos).

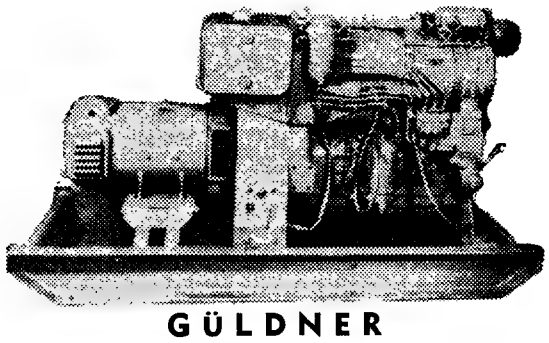


é o Whisky para as pessoas que conhecem a diferença

'Black & White' Scotch Whisky

Agente exclusivo em Portugal:
J. CÂNDIDO DA SILVA
— LISBOA —
Avenida de Berna, 42-A — Telefones 760194/776340
— PORTO —
Rua de S. Luís, 12 a 22 — Telefones PPC 28251/2/3/4 e 37045
— COIMBRA —
Rua Dr. António José de Almeida, 273 a 277 — Telef. 27477

• Máquinas-Ferramentas
• Motores Diesel e fora de borda
• Grupos Electrogéneos, etc.



GÜLDNER

METALÚRGICA ALENTEJANA
CARLOS ROEDER, LDA.
STAND — RUA DO ARSENAL, 126
ESCRITÓRIO — RUA DO ARSENAL, 148, 1.º, E 3.º • LISBOA
TELEFONES 36 18 32/3/4 TELEGRAMAS: «HERDER»

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 LISBOA

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — O JUSTICEIRO DE RUGOVA — Avis — O FILHO DE EL CID — Politeama

POLITEAMA
Tel. 326305 HOJE, às 21.30
ESTREIA ESPECTACULAR
A heróica epopeia do filho do imortal guerreiro medieval
O FILHO DE EL CID
com **Mark Damon** e **Antonella Lualdi**
Teenicolor — Tecniscope
HOJE, ás 18.30 — **Sessão Clássica** (Maiores 12 anos)

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
O MAIS FABULOSO ESPECTÁCULO (70 mm)
OLIVER!
Adáptado da obra de **Charles Dickens «Oliver Twist»**
com Ron Moody, Shani Wallis Oliver Reed e Mark Lester
Real. de **Sir Carol Reed**
Technicolor — Panavision

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 553134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA (Technicolor)
O mundo fechado mas intenso dos tímidos...
UM CORAÇÃO SOLITÁRIO
com **Alan Arkin** e **Sondra Locke**

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Alain Delon - Nathalie Delon as estrelas de quem se fala enfrentam pela primeira vez
O OFICIO DE MATAR

QUINZENA MUSICAL
Amanhã (M. 12 anos) 18.30 h.
CINDERELA EM PARIS
de **Stanley Donen**, com **Fred Astaire, Audrey Hepburn, Michel Auclair**
Dia 16 — «Chapéus-de-Chuva de Cherbourg (Adultos)

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA de êxito! com a famosa comédia em Technicolor
LADRÃO ROUBADO
Excepcional desempenho de **Shirley MacLaine, Michael Caine e Herbert Lom**
Metropolitano - Estação Picoas

IMPERIAL
Às 21 horas Tel. 45933
(Adultos)
ONDE COMEÇA O SUCESSO
TEMPOS DIFÍCEIS

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 (p. r.) e 9.30 da noite
Uma aventura no mundo dos ladrões de jóias
QUEDA MORTAL
c/ **Michael Caine** e **Giovanna Ralli**

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779097
Às 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
Pia Degermark
em
ELVIRA MADIGAN
Eastmancolor — 1.º prémio de interpretação feminina do Festival de Cannes

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
GRANDIOSA REALIZAÇÃO
DAS ARDENAS AO INFERNO
SUPERTECHNISCOPE
TECHNICOLOR
com Curd Jurgens, Daniela Bianchi, Frederick Stafford, John Ireland Helmut Schneider

CONDES
Telefs. 32 25 23 · 32 67 10
Às 15.15, 18.15 e 21.30
5.ª SEMANA
Claudia Cardinale e Franco Nero no filme de Damiano Damiani
O DIA DA VERGONHA
«IL GIORNO DELLA GIVETTA» com **Lee G. Cobb** e **Serge Reggiani** (Adultos)
EASTMANCOLOR

ÉDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
PANAVISION — COLORIDO
2.ª SEMANA
RAPHAEL, a grande vedeta da canção, elevado á categoria internacional
DIGAN LO QUE DIGAN
(DESILUSÃO)
Um filme de MARIO CAMUS

LIDO
Tel. 93 75 93 — A M A D O R A
Às 21.30 (M. 12 anos)
Uma audaciosa aventura no mundo da espionagem
A MORTE ESPREITA

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
ESPLENDOR NA RELVA
A ÚLTIMA BATALHA

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
HOJE, ás 21.45 — ESTREIA
Um filme de acção!
O JUSTICEIRO DE RUGOVA
com **Lex Barker** e **Marie Versini**
ULTRASCOPE — COLORIDO
Às 15.30 — **CHARADA INTERNACIONAL** — (12 anos)

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
De dia ela era Catarina a Imperatriz De noite ela era apenas Catarina
Jeanne Moreau
e Peter O'Toole
em
CATARINA IMPERATRIZ DA RÚSSIA
TECHNICOLOR

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
De dia ela era Catarina a Imperatriz... De noite ela era apenas Catarina
Jeanne Moreau
e Peter O'Toole
em
CATARINA IMPERATRIZ DA RÚSSIA
TECHNICOLOR

ODEON
(Adultos) Tel. 326283
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
12.ª SEMANA E ÚLTIMA! do filme português
ESTRADA DA VIDA
Que atitude deve tomar uma mulher perante uma infidelidade do marido? Perdoar-lhe ou abandoná-lo?
Paulo Renato e Laura Soveral

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
TODAS AS NOITES ÀS 9
com **Dirk Bogarde**

LIZ
(Adultos) Tel. 48568
As 21 horas
TODAS AS NOITES ÀS NOVE
O QUE ELAS QUEREM É CASAR

IDEAL
Às 21 horas Tel. 324194
(M. 17 anos)
O REGRESSO DE RINGO
LARÁPIOS DA ALTA RODA

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54154
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
A NOIVA ESTAVA DE LUTO
Um filme de **François Truffaut** com **Jeanne Moreau**

LUMIAR
(M 17 anos) Tel. 791574
Parque privativo
Ar condicionado
7 DÓLARES DE SANGUE
com **Anthoni Steffen, Fernando Sancho, Elisa Montes, Roberto Mialli, Caroll Brawn**
Todos os dias «Soirées» ás 21.30 horas e «Matinées» aos Sábados e Domingos, ás 15 30 horas

EUROPA
(M. 12 anos) Tel 661016
Às 15.15 e 21.30
TECHNICOLOR
4.ª SEMANA
Um nome que ficou gravado a fogo nas areias escaldantes do deserto
TOBRUK
Real. **Arthur Hiller**
c/ **Rock Hudson, George Peppard e Nigel Green**

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
SETE HOMENS DE OURO
c/ **Rossana Podesta, Philippe Leroy** e **José Soarez**

OUTROS ESPECTÁCULOS

T E A I R O S

TRINDADE—Às 21 e 45: «A torre e o galinheiro» (12 anos).
MARIA VITÓRIO — Às 20 e 45 e ás 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21 e 45: «O amor-68» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Noite de Verão» (12 anos).
COLISEU — Comp. Internacional de Circo (12 anos).
CAPITÓLIO—Às 21 e 45: «Tango» (12 anos).

C I N E M A S

ARCO IRIS — Às 21 e 30: «Meu amor, meu amor» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Xeque á Scotland Yard» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «À beira do pânico» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Jerry Cotton não dá gorjetas» (12 anos)
ROYAL—Às 21: «Telefone fatal» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «A deusa de ouro» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Gengis Khan o conquistador» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Colorado Charlie» (12 anos).

«NOTÍCIAS NO AR» — APONTAMENTO NA MADRUGADA

«Notícias no ar» é uma síntese do que se passa no mundo do espectáculo e que Xavier de Magalhães mantém através do programa «A noite é nossa», em Rádio Clube Português.

A rubrica caracteriza-se por um grande sentido de oportunidade, não lhe faltando o comentário gracioso. É transmitida das 3 ás 4 da madrugada, numa produção de Rui Castelar.

PROMOTORA — As . . «O célebre roubo de Glasgow» (17 anos)
A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Forte Utach» (12 anos)
SPORT LISBOA BENFICA — Às 21 e 15: «A grande aventura» (12 anos).
ENCARNAÇÃO—Às . : «O espião sai ás 9» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 2 : «O aventureiro de Cincinati» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 2 : «Tony Rome investiga» (7 anos)
BOMBEIROS VOL. LOURES — Às 21 e 30: «Quanto mais quente melhor» (17 anos).

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: Mas por mar antes com elas» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «Os monjes» e «Para além das montanhas» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Hercules contra Vampiro» e «Fascinação de amor» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 7 e ás 2 e 30: «Sete homens de ouro» (12 anos).
CASCAIS — S JOSÉ — Às 21 e 30: «Soldado sem rosto» (12 anos).

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Estrela negra» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 «O espião do chapéu verde» e «A procura do amor» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «A maior história de todos os tempos» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «Missão inquietante» e «Agente secreto n.º 6» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «A loba solitária» (17 anos)

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Armadilha Istambul» (12 anos) e ACADEMIA — 21 e 15: «Musica no Coração» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Dr. tenha maneiras» e «Os reis do sol» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Blue» (17 anos).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno I
ALCANTARA — Vieira Rosa, R. Prior do Crato, 74 (660187)
ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (45751) ✻ Góis, Lda., Sucrs., Rua dos Anjos, 2-C-D (840101).
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (728277).
ALVALADE — Sanex, Av do Igreja, 31-C (776905) ✻ Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (722334) ✻ Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (721409).
AREEIRO — Algarve, Av de Roma, 7-B (777478).
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da Republica, 58-D (771661) ✻ Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) ✻ Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha, 4 (41845) ✻ Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensão, R. 27, 41 (311216)
BAIXA — Lima Amaro, Suc., Pr. da Alegria, 27-28 (321149) ✻ Valadas, Suc., R. da Madalena, 235 (320260) ✻ Cortez, R. de S. Nicolau, 93 (325378).
BELÉM — Gomes, Suc. (Gonçalves) R. da Junqueira, 326 (638193)
BOM SUCESSO — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (611454)
CAIS DO SODRÉ — Africana, R. Bernardino Costa, 45 (369120).
CAMÕES — Pinharanda, R. da Rosa, 94-96 (321534)
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-222 (772397).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R de Campo de Ourique, 31-133 (686640) ✻ Urbano de Freitas, R Silva Carvalho, 1-9 (662838) ✻ Elmo, R D Maria Pia, 358-A (686176)
CAMPOLIDE — Judice de Oliveira, R de Campolide, 54-A (684424)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Poulo Jorge — Galinheiras (790969)
CONDE REDONDO — Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73 (42239)
ENTRECAMPOS — São Miguel, R Francisco Moras, (771469)
ESTEFÂNIA — São Jorge, Av Rovisco Pais, 32-A-B (534027).
ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta da R Possidónio da Silva, 62-A (669485) ✻ Rodrigues & Aires, Rua da Lapa, 52-54 (562246)
LUMIAR — Central do Lumiar R. do Lumiar 77 (790480)
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (311237) ✻ Fernandes Borges, R. C-3, ote 300, Olivais Sul (311091)
PALHAVÃ — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 60-62 (761035).
PAMPULHA — Pinheiro, R. Presidente Arriaga, 16 (661867)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 6-A (728395-720703)
MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro & Castro, R. Braamcamp, 58 (43409).
RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz, 10-A, á encosta do Restelo (612248)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calçado de D. Gastão, 30-32 (381279) ✻ Pereira, Suc., R do Paraíso, 98-100 ((863224) ✻ Branquinho, R. dos Sapadores, 87 (842725).
SANTO AMARO — Dilena, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620) ✻ Costa, R. dos Lusíadas, 32 (636704)
SÃO BENTO — Confiança, Praça das Flores, 59 (327901).
MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide, 22 (Tel. 2518518)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Miramar, R. Ernesto da Silva, 8 (212048).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, -A (242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 8 (2430058).
PAREDE — Macau, R. J. Elias Garcia, 62-B (2471785).
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel 260191).
CASCAIS — Cordeiro, Av Comb G Guerra, 40 (280170 e 281419) ✻ Nova, Est de Alvide — Fontainhas (281044)

● Linha de Sintra
AMADORA — Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (935578) ✻ Carmelo, R Elias Garcia, lote 28 (933303) ✻ Helénica, R. Elias Garcia, 2 (9336 3)
DAMAIA — Confiança, Est. Militar, lote D (97 023)
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) ✻ Zeller, R. da Republica, 83 (950045).
CACÉM — Central, R Elias Garcia, 55 (2940034)
MEM MARTINS — Quimia, Est. Mem Martins, 285 (2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (980456)
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado 26 (980832)
COLARES — Colares, Abreja (299088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 0 (234371)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — Macedo Henriques— — R Bernardo Francisco da Costa, 1 (Tel 27 12 97)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est Nacional, 22?-B (224141).
BARREIRO — Moderna — R D. Henriqueta Gomes de Araujo, 2 (Tel 2273443)
COVA DA PIEDADE—Rainha Santa — Est das Barrocas, 50-A (Tel. 276 82)
MOITA — União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Diogo, R Almirante Candido dos Reis, 42 (230032).
SESIMBRA — Leão, Av Salazar (Tel. 229471).
SETÚBAL — Normal do Sul, P do Bocage (22216)
SEIXAL — Soromenho, R Paiva Coelho, 38 (22?8560)

SERVIÇOS URGENTES

Teletones
AGUA, GÁS E ELECTRICIDADE — Companhias das Águas, 361358 ✻ Companhias Reunidas, 537011 ✻ Gazcidla, 538821 ✻ Gazcidla (dom. e feriados), 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✻ Voluntários, 538524.
POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✻ Segurança Pública, 366141 ✻ Judiciária, 535380 ✻ Marítima, 326456 ✻ Internacional, 36272] ✻ Viação e Trânsito, 42205 ✻ G N. R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✻ Enfermagem permanente, 766161 ✻ Enfermagem de urgência, 43738 ✻ Hospital de Santa Maria, 775171 ✻ Hospital de S. José, 860131 ✻ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✻ Transtusões, soros e oxigénio, 538524 ✻ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✻ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✻ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✻ Estação fluvial (T Paço), 325345 ✻ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✻ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✻ Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

Tamborim
Restaurante — Snack-Bar
Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA
e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana)
Telefone 4 62 47

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente á Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE GALINHA C/ ANANÁS E FICARÁ CLIENTE

PASTELARIA
FÓIA
RESTAURANTE
C Mártires da Pátria, 59-A
Telef 54549
ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIO

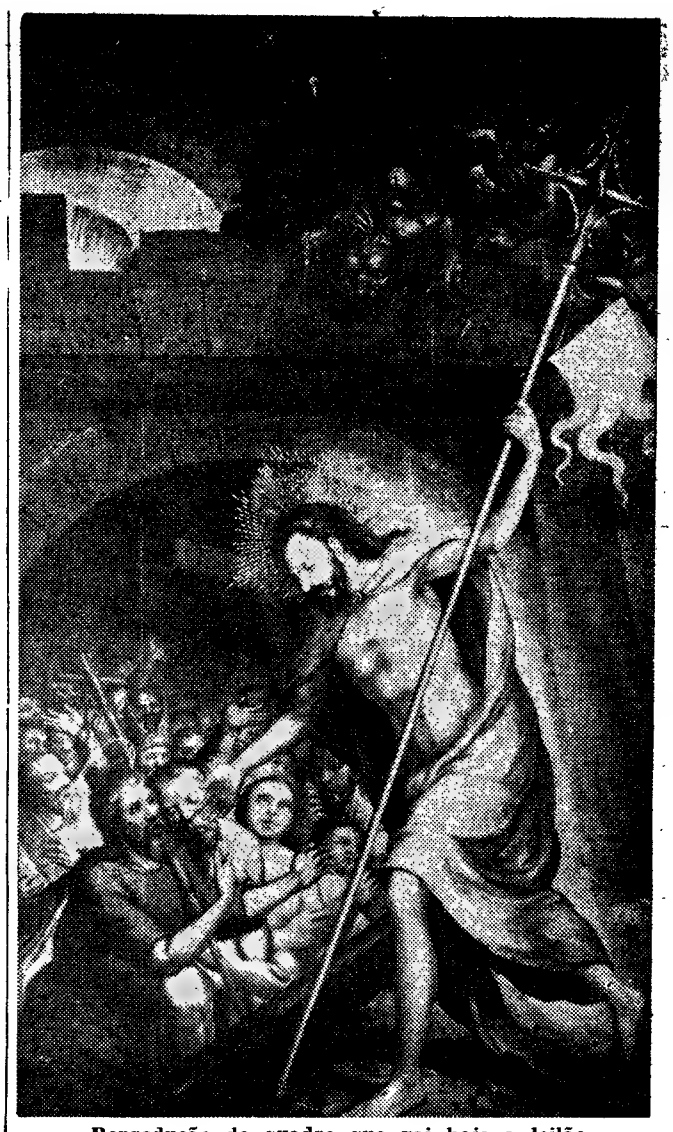
QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
Parque privativo para automóveis
(AR CONDICIONADO)

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA; Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

UM PRIMITIVO PORTUGUÊS DE FERNÃO GOMES VAI A LEILÃO



Reprodução do quadro que vai hoje a leilão

É um belo quadro — este «Cristo ao descer ao Limbo» — atribuído a Fernão Gomes e que vai ser vendido a quem mais der, no sábado próximo, no Palácio Ficalho, em frente ao «Diário de Lisboa». Muitas outras preciosidades passaram por essas salas de leiloeiros, a par de tanto objecto sem valor, dos que mudam de mãos e possuidor todos os dias. Mas desta feita, o recheio é sobretudo valioso, a indicar procedência de dinheiro e gosto, algum palácio ou casa grande, desses que conhecem o seu fim e que pareciam não mais se desfazer.

O conjunto não é grande de mais, mas pode dizer-se que nele não entra o vulgar, tão seleccionadas são as cerâmicas orientais, os móveis, os quadros, os cristais, as tapeçarias. Há vitrinas com marfins, miniaturas, copos, estatuetas, em que requintaram a paciência e o gosto dos artistas; há móveis que fazem a glória da sala onde se apresentem e quadros de galeria e pinacoteca.

Olhemos, por exemplo, aquele serviço da Companhia das Índias, com 92 peças, e uma terrina pequena, em forma de cabeça de javali, muito rara; olhemos aquele par de dragões ou aqueles cristais vermelhos, dourados, da Boémia; há um tapete de Arraiolos, de simplicidade grande, do século XVIII, um crucifixo grande, de marfim, da época de D. José, que muitas preces deve ter escutado e queixumes de namorada ansiosa ou mãe aflita ouviu, por certo. Uma cómoda pequena, portuguesa, século XVIII, muito elegantinha, e uma papeleira holandesa bojuda, a par de requintados móveis Luis XV.

O primitivo português

Nas pinturas, alguns quadros do século XVIII, uma Madona italiana e miniaturas francesas; mas a grande peça das pinturas, e até do leilão, é aquele belo primitivo português, de sólida pintura, cheio de força, a carnação bem tratada e as cores sólidas.

Representa O Cristo ressuscitado, o corpo lívido ainda, envolto em largo manto, a descer ao Limbo. Em baixo estendem-se para ele mãos súplices, enquanto ao alto se arrepelam e contraem todos os diabos do Inferno.

O quadro é atribuído a Fernão Gomes, que foi pintor régio por morte de Cristóvão Lopes, e estudou em Roma. Figurou este quadro na exposição dos Primitivos, Figueiredo.

São raras as pinturas de organizada pelo dr. José de Fernão Gomes, porque o Terramoto subverteu a igreja de S. Julião, em que muito trabalhara.

Quanto vale este primitivo? Damas e sacerdotes do tempo de D. Sebastião e dos Filipes se devem ter ajoelhado aos pés dele. Agora irá enriquecer o conjunto de coleccionador de gosto e dinheiro, é claro.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava limpo, o vento era fraco
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia da Rocha, 15°; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, 3°.6
TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra, 2°; Lisboa, 10°; Penhas Douradas, 2°; Portalegre, 6°.
TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 13°,2; na água do mar: 15°,8

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo. Vento fraco. Possibilidade de agravamento do estado do tempo, a partir da manhã do dia 13.

Amanhã
Nascer ás 8 e 46
Ocaso ás 18 e 16

Dia 13 Dia 19 Dia 26 Dia 3

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 12 — 8 e 51 (3,5 m); 21 e 36 (3,3 m). Dia 13 — 9 e 52 (3,5 m); 22 e 38 (3,4 m). Dia 14 — 11 e 05 (3,5 m); 23 e 48 (3,4 m). BAIXA-MAR: Dia 12 — 2 e 16 (1,6 m); 15 e 03 (1,5 m). Dia 13 — 3 e 28 (1,6 m); 16 e 18 (1,5 m). Dia 14 — 4 e 40 (1,6 m); 17 e 21 (1,4 m).

A defesa do franco e os trabalhadores portugueses

Segundo nos informou a secção para Portugal do Office National D'Immigration, de França, «*as medidas tomadas actualmente em França sobre o plano financeiro, em nada afectam os trabalhadores estrangeiros que continuam autorizados a transferir a totalidade do seu salário para o país de origem, segundo as disposições anteriores, a saber: apresentação, no momento da transferência, de um boletim de pagamento de menos de três meses ao organismo habilitado a fazer a transferência dos fundos.*»

ETHEL KENNEDY — cesariana

WASHINGTON, 12 — (A. N. I.) — A sr.ª Ethel Kennedy, de 40 anos, viúva do senador Robert F. Kennedy, que foi assassinado em Los Angeles, aguarda o nascimento, hoje, do seu undécimo filho, encontrando-se, desde ontem á noite, no Hospital Georgetwn. Segundo o dr. John Walsh será necessário recorrer a uma cesariana.

Ethel foi acompanhada até ao hospital pelo senador Edward Kennedy, seu cunhado.

A DESTRUIÇÃO DE VENEZA PARECE IRREMEDIÁVEL

ROMA, 12 — (F. P.) — A destruição total de Veneza parece irremediável. Esta a conclusão dos trabalhos da comissão para a conservação da natureza e dos seus recursos, que se reuniu em Bolonha.

Os membros da comissão «verificaram com profunda consternação que não só persistem as diversas causas que concorrem para a destruição total de Veneza, como o seu numero e a sua intensidade aumentaram de forma a ameaçar sériamente a cidade».

O assoreamento das lagunas, a abertura de um canal para a passagem dos petroleiros de grande calado, figuram — segundo a nota da comissão — no numero das acções que lesam a integridade da laguna e da cidade de Veneza.

Morreu há três anos o prof. Mário de Azevedo Gomes

Foi um modelo de cidadão o prof. Mário de Azevedo Gomes que há três anos faleceu, em consequência de um desastre de viação como tantos outros por esse País fora. Mas, em dada altura, sentiu que o cidadão tinha de intervir e foi o companheiro de António Sérgio, de Raul Proença, de tantos mais na direcção da «Seara Nova», foi até o ministro da Agricultura da Republica.

Não se esquecerá nem o professor de Agronomia nem o cidadão modelar cuja vida pode servir de exemplo, entre os melhores portugueses do nosso tempo.

O exemplo deste professor distinto, dos maiores da Universidade Técnica e silvicultor que deixou obra de educador e escritor, ficará para sempre no espírito dos que o conheceram ou lhe sentiram a influência como alunos ou como simples cidadãos.

Mário de Azevedo Gomes não era um político vulgar. Em tempos e ambientes sãos, teria sido apenas o silvicultor e mestre de silvicultores respeitado e construindo a sua obra no sector para onde se voltara o seu espírito.

CHEGOU A SELECÇÃO DE FUTEBOL

Regressou esta tarde a Lisboa a equipa nacional de futebol, que ontem, em Atenas, perdeu com a selecção grega, num jogo a contar para a fase preliminar do Campeonato do Mundo.

A aguardar a comitiva portuguesa estiveram no aeroporto dirigentes da Federação e da Associação de Futebol, alguns dirigentes de clubes, atletas, amigos e familiares dos jogadores.

Reunião de lavradores alentejanos sobre a reconversão agrária

BEJA, 12 — A fim de uma apreciação em conjunto da aplicação das regras de reconversão agrária no distrito de Beja, a direcção da Federação dos Grémios da Lavoura do Baixo Alentejo reuniu-se com os dirigentes dos Grémios de Moura e Barrancos, Serpa, Aljustrel, Almodôvar, Odemira, Ourique, Castro Verde, Mértola e Alvito, assistindo também alguns lavradores dos mesmos concelhos.

No decorrer da reunião o vice-presidente em exercício da Federação, dr. Fernando Nunes Ribeiro, prestou homenagem á memória do presidente, dr. José Baraona Fragoso, anteontem falecido.

Reunião geral dos alunos voluntários da Faculdade de Direito

Promovida pela Associação da Faculdade de Direito de Lisboa, realiza-se, depois de amanhã, ás 15 horas, uma reunião geral de alunos voluntários daquela Faculdade nas S. E. J. S. (Salas de Estudos Jurídicos e Sociais), á Avenida João Crisóstomo, 79-5.º, esq.

Da agenda de trabalhos constam os seguintes pontos: discussão da actividade do Conselho Geral de Voluntários durante o ano passado; eleição do novo Conselho Geral de Voluntários.

A GUERRA DE BIAFRA

O PRIMEIRO LIVRO DO MUNDO
SOBRE A GUERRA DE GENOCÍDIO DE BIAFRA
ILUSTRADO COM 124 FOTOGRAFIAS «VIVAS»

Pedidos à EDITORIAL INÍCIO
Av. Almirante Reis, 23, 4.º-Esq. — LISBOA
PREÇO 50$00 ■ À VENDA NAS LIVRARIAS

CAMPIÃO
TEM A VENDA OS
50.000 CONTOS
DA LOTARIA DO NATAL
JOGUE NO
CAMPIÃO

LIVROS ESPANHÓIS
7.000 Livros técnicos e científicos
Cem editores representados
LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

Alexandre O'Neill
Francisco Bronze
João Gaspar Simões
José-Augusto França
José Vaz Pereira
Júlio Moreira
Mário Sacramento

N.º 541 / 12 DE DEZEMBRO DE 1968

BRECHT, HOJE

Exaltada, contestada, discutida, a obra de Brecht justifica o estudo atento de que um debate público é sem dúvida uma contribuição de valor.

Organizado por Carlos Porto, o *Inquérito Brecht*, iniciado no último número do «Suplemento DL» com o depoimento de Luzia Maria Martins, prossegue agora com a intervenção de Luís de Sttau Monteiro. A discussão sobre a actualidade do grande dramaturgo apresenta-se assim com os novos argumentos de um dos nossos mais destacados autores e encenadores

FALA-SE AGORA DO «LIVING THEATRE», DE GRETOWSKI, DE ARTAUD DE BROOK, DE ARRABAL, DE WEISS, DE «HAPPENINGS». BRECHT PARECE UM POUCO ESQUECIDO. A QUE ATRIBUI ESSE FACTO?

LUÍS DE STTAU MONTEIRO:

«É trágico para um país como para um homem atrasar-se em qualquer campo de actividade, e mesmo que a obra de Brecht viesse agora, imediatamente, já viria atrasada»

Talvez não seja razoável dizer que se fala «agora» de algumas das pessoas mencionadas nesta pergunta, até porque se fala há muito tempo de algumas delas Brook, por exemplo, começou a dar que falar de si em 1947 quando a crítica se levantou, quase em massa, contra uma sua encenação da peça «Romeo and Juliet» — já lá vão, portanto, mais de vinte anos...

De qualquer forma é difícil entender a esta pergunta sem sair dos limites impostos por um inquérito desta natureza, sem pecar por uma excessiva teorização com que o teatro nada teria a ganhar. É que o panorama teatral português caracteriza-se, presentemente pela existência de dois públicos cada vez mais diferenciados: um, teórico, mais dado à discussão de problemas do que a ir ao teatro, e, outro, que vai ao teatro, mas que se mostra cada vez menos interessado por problemas que poucas vezes têm expressão teatral porque raras vezes se traduzem em espectáculos. Há mais teoricos em Portugal do que nos países onde há teatro...

Pessoalmente julgo importante não contribuir para este afastamento — daí o meu receio de participar em colóquios e de responder a inquéritos que possam levar o publico a pensar que o teatro é algo de complicado e de complexo destinado a eruditos. Volto a repetir que nada disto se passa nos países onde há teatro.

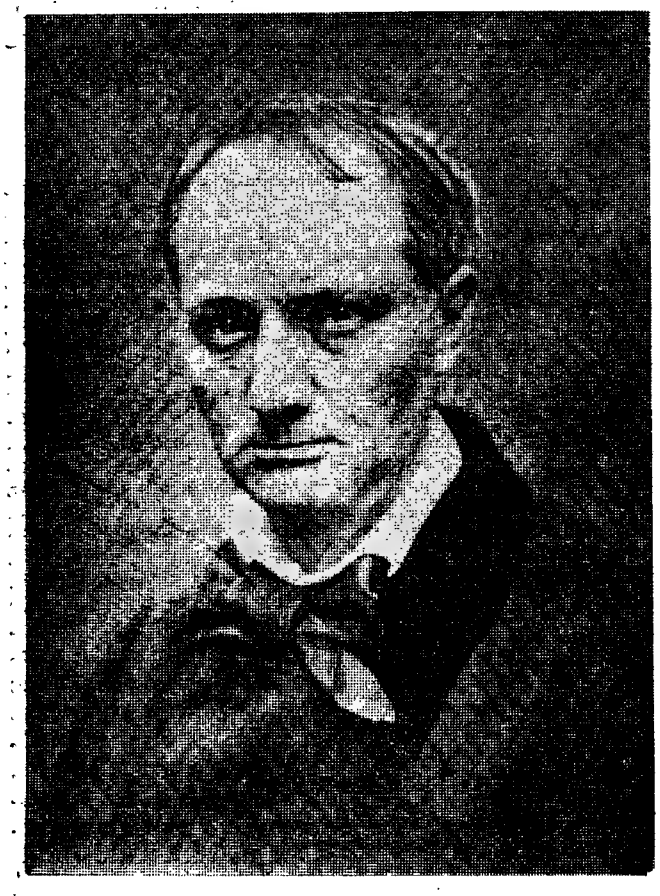
No que se refere à pergunta propriamente dita, só posso dizer que Brecht não está esquecido nem deixa de estar esquecido — fez parte do seu tempo, como o fazem todos os dramaturgos. A sua obra ultrapassou mesmo o seu tempo na medida em que permanece viva e em que contribuiu para o que viria depois, mas não deve o evoluir do teatro [illegible] o afectou tão profundamente como se julgou há dez anos. A obra de Brecht só poderia ter detido o evoluir do teatro se este tivesse perdido inteiramente a sua vitalidade ou, por outras palavras, se este tivesse morrido.

Não desejo, nem posso, entrar em polémicas, mas não consigo ocultar que ao lê-la, esta pergunta me pareceu extraordinàriamente portuguesa na medida em que parece traduzir uma visão estática da vida. Felizmente, na maioria dos países, os homens não continuam, depois de mortos a perseguir os vivos e a vinculá-los ao passado. Não seria mais saudável que os portugueses de hoje «falassem», mais do Bernardo Santareno do que de Garrett ou de Gil Vicente? O contrário não será — desculpe a pergunta — sinal de qualquer coisa que não pode deixar de assustar quem crê na continuidade dos portugueses como gente efectivamente viva, isto é, do seu tempo? E se falassemos mais do Bernardo Santareno do que de Garrett e de Vicente, estariamos a esquecer estes dois dramaturgos ou estariamos, pelo contrário, a lembrá-los como os homens devem ser lembrados pelos vivos?

PARECE-LHE QUE A PROJECÇÃO DA OBRA DE BRECHT--DRAMATURGO FOI PREJUDICADA PELAS OPÇÕES DE BRECHT--TEÓRICO? E, A PROPÓSITO, CONCORDA COM ESTA DICOTOMIA?

Creio que há, na realidade, a distinguir entre o

(Continua na pág. seguinte)



Baudelaire, a criação e a crítica

por João Gaspar Simões

O JOVEM crítico Eduardo Prado Coelho, com uma cordura e uma inteligibilidade nem sempre apanágio dos seus artigos, levantou algumas dúvidas quanto à legitimidade do que eu aqui mesmo afirmei a respeito de crítica e de criação literárias. Ora a presente comemoração em França do centenário da obra crítica de Charles Baudelaire, muito particularmente das *Curiosités Esthétiques* e de *L'Art Romantique*, proporciona-nos uma oportunidade para ratificar o que escrevemos a propósito do assunto impugnado pelo jovem crítico.

Não nos demoraremos a comprovar o que dissemos acerca do *superavit* crítico quando feito o balanço às actividades literárias nacionais do momento que passa. Se quiséssemos fazê-lo, bastaria referirmos que no mesmo número do suplemento do *Diário de Lisboa* onde foi publicado o nosso artigo em contestação aparecia a prosa crítica de um jovem que creio não ter atingido ainda a maioridade e que, segundo supomos, acaba mesmo de dar entrada num curso superior, no qual artigo se estudava a obra de um neo-realista conhecido com uma filáucia crítica que nos deixou estarrecidos. Tamanho prodígio era impossível nas letras nacionais há dez ou vinte anos. Agora mal se entra na Faculdade de Letras logo se abrem as portas dos suplementos literários aos jovens estudantes que neles se entregam a análises críticas só praticáveis noutros tempos depois de muito se escrever para a gaveta.

Mas vamos ao que importa. Pode o conhecimento das técnicas literárias fornecido pelo ensino universitário favorecer aqueles que se debruçam criticamente sobre a literatura? Bem pode ser que sim e bem pode ser que não. Uma coisa, porém, é certa, que esse conhecimento proporciona àquele que o contrai uma facilidade analítica do fenómeno literário susceptível de iludir os que da literatura só possuem conhecimentos superficiais. E isto leva a criar uma confusão muitíssimo mais grave do que se imagina. Dotado ou não de intuição ou de gosto literário, o encartado com os ensinamentos fornecidos pelo compêndio *finge* uma competência que não tem. Ou a competência em matéria de crítica literária tem de fundamentar-se antes de mais nada na compreensão íntima do fenómeno que se estuda. Caso contrário, acontece o que não poucas vezes se verifica em medicina, que o médico saído da Universidade com altas classificações falha redondamente na vida prática. Sem a intuição do diagnóstico não há bons médicos, por maior que seja a ciência adquirida.

O caso é que o nosso arguidor sugere que a intuição crítica não basta — a intuição do dignóstico crítico. Há que possuir a ciência técnica da profissão. A este ponto é que nós desejamos responder com o auxílio de Baudelaire. A exposição que neste momento se realiza em Paris das obras pictóricas valoriza-

(Continua na pág. seguinte)

Brecht no Berliner Ensemble: «O Círculo de «Giz Caucasiano»

BRECHT, HOJE

Resposta de Luís de Sttau Monteiro

(Continuação da pág. anterior)

BRECHT - TEÓRICO e o BRECHT - DRAMATURGO. Indo mais longe e tentando relacionar esta pergunta á anterior, direi que em meu entender o BRECHT-DRAMATURGO permanecerá vivo muito depois do BRECHT-TEÓRICO só ser conhecido dos estudiosos. DRYDEN - DRAMATURGO continuou vivo no teatro muito depois de morto DRYDEN-TEÓRICO, podendo dizer-se o mesmo de muitos outros dramaturgos. É que o teatro faz-se no palco e não nos cafés e quem o faz são os dramaturgos e não os teóricos. Olhando para o teatro do nosso tempo, para a força crescente das formas estruturais assentes na participação e para a procura, cada vez mais intensa e deliberada, de formas que criem uma participação ainda mais activa, sou levado a perguntar se o BRECHT-TEÓRICO não estará, já, a gozar de respiração assistida...

CONSIDERA A TEORIA BRECHTIANA JÁ HOJE ULTRAPASSADA?

Para que estivesse ultrapassada seria necessário que alguma vez tivesse sido tida por *definitiva*, que alguma vez tivesse sido aceite como essencial á relação espectador - espectáculo — o que nunca aconteceu.

O teatro baseado na participação do espectador nunca perdeu a sua força, nem mesmo quando as teorias de Brecht pareciam ter mais aceitação. Pode dizer-se, é certo, que o BRECHT-TEÓRICO contribuiu, em certa medida, para o evoluir do teatro contemporaneo, pelo menos no que se refere a certas estruturas dramaturgicas, mas não se pode, de forma alguma afirmar que a sua contribuição foi definitiva ou sequer, que modificou profundamente o evoluir da relação espectador-espectáculo.

Volto a pedir desculpa pela pergunta, mas isto de se tomar uma simples corrente teatral, ou uma teoria justificativa de um estilo e de uma maneira de ser pessoal, por um «valor absoluto» não traduzirá um desejo de estar «à la page» (que diríamos destinado a compensar um complexo de afastamento) imputável a motivos inteiramente alheios ao teatro?

É que me passam pelas mãos quase todas as revistas e publicações teatrais e noto — sem espanto — que estas preocupações doutrinárias com «teorias», com o que se «faz» e com o que «não se faz», com o que «foi ultrapassado» e com o «que ainda não o foi», só se verifica nos países onde quase não há teatro. Será uma compensação?

EM QUE MEDIDA, NA SUA OPINIÃO, AS PEÇAS DE BRECHT SÃO ADAPTÁVEIS A UM DIFERENTE CONTEXTO POLÍTICO, SOCIAL E CULTURAL?

É perfeitamente possível encenar certas peças de Brecht sem que o publico entenda o seu significado. Tem acontecido, por exemplo, com a «Mãe Coragem», esta sair glorificada da cena final — o que é, evidentemente, contrário á intenção do autor. Já assisti, pessoalmente, a encenações em que isto se verificou e o próprio Brecht não deixava de queixar-se do que lhe faziam ás peças: «Ce que je reproche: on les redramatise. On leur donne un aspect emotionnel. On trahit le contenu». (Resposta a uma pergunta feita no decorrer do debate que teve lugar no «foyer» do «Sarah-Bernhardt», no dia 29 de Junho de 1954).

Só neste campo, porém, é que admito a hipótese a que a pergunta se refere. Considerada como um todo — e julgo ser este o sentido da pergunta — não considero a obra de Brecht adaptável a um contexto politico, social ou cultural diferente até porque grande parte dela já é constituída por «adaptações de obras de contexto político, social e cultural diferente»...

Quem quiser, para dar apenas alguns exemplos, dar um sentido diferente ás peças «Die Heiloge Jhoanna der Schlachthofe», «Der Jasager/Der Neinsager», «Die Mutter». «Die Gewehre der Frau Carrar», «Herr Puntila und sein Knecht Matti», «Leben Eduards des Zweitten von England». «Die Dreigroschenoper», poderá fazer o que Brecht fez e recorrer ás obras de que estas já são uma adaptação para o contexto político, social e cultural representado por Brecht. Um exemplo concreto: quem se der ao trabalho de pôr em cena o «Circulo de Giz» anónimo chinês, do século XIII ou XVI, obterá o «Círculo de Giz Caucassiano» com outro «contexto político, social e cultural» e nem sequer terá o trabalho de criar o celebrado Azdac — encontrá-lo-á, sem alterações, no original chinês. (O «Círculo de Giz» chinês foi traduzido pela primeira vez para uma lingua ocidental, nos E. U., em 1933. Julgo que não foi reeditado porque amigos ingleses, alemães e franceses têm feito, ultimamente, largo uso do meu exemplar — actualmente bastante viajado — para efeitos de estudo. Brecht só se fixou nos E. U. em 1940, mas foi várias vezes a esse país entre 1933 e essa data).

Volto a insistir neste ponto: sendo a obra de Brecht, em grande parte, uma adaptação de obras de outros contextos para o «seu» contexto, ela é de tal forma adequada ao fim em vista que a não julgo adaptável a novas adaptações, mas quem estiver interessado em ver o pas do, ou certas obras, com olhos novos, diferentes dos de Brecht, pode recorrer às obras a que Brecht recorreu e revê-las como ele as reviu...

Quantas versões diferentes e representativas de diferentes posições não há, por exemplo, da «Antigona»? Até há uma do próprio Brecht!

CONSIDERA POSSÍVEL A CRIAÇÃO NO NOSSO PAÍS DE ESPECTÁCULOS RIGOROSAMENTE BRECHTIANOS?

Parto do princípio que a pergunta se refere à montagem das peças de Brecht e não, evidentemente, à de espectáculos nacionais «à la mode de Brecht». Mesmo assim não me é fácil responder-lhe sem saber o que devo entender pela palavra «possível» Tecnicamente possível? Comercialmente possível? Politicamente viável?

Comecemos pelo princípio: do ponto de vista técnico o problema é delicado. Integrar um encenador ou um actor numa técnica que o obriga a esquecer tudo o que aprendeu e que, na maioria dos casos, ferirá o seu instinto (entendamos, aqui, por instinto, o que se vai aprendendo subconscientemente no palco) não é tarefa que possa levar-se a cabo de um dia para o outro

Se atendermos a que esta técnica ainda por cima o vinculará a objectivos contrários aos que sempre teve, o problema torna-se ainda mais grave. É que o encenador e o actor terão de obrigar o público a discutir, e não a aceitar o que, na realidade contraria os objectivos a que todos estamos habituados.

E isto não em teoria — à mesa do café é tudo fácil — mas concretamente, em matéria de gestos, de posições, de ritmos e de entoações. (Não me refiro às marcações e às chamadas composições de cenas, porque já verifiquei pessoalmente, ao ver encenar Brecht, que o Modelbuch de cada peça resolve quase todos os problemas referentes a estes aspectos duma encenação).

Trata-se duma mudança de atitude sem a qual tudo o que se fizer não passará duma «aldrabice». Trata-se duma obra de anos ou, pelo menos, de meses, e se ninguém dispõe de meses para montar uma peça de êxito garantido, quem é que os vai ter para montar uma peça de «bilheteira duvidosa»? Sim, porque não tenhamos ilusões: uma vez esgotado o público «certo» do teatro sério, as peças de Brecht terão o destino das outras. Mesmo lá fora — sejamos realistas — o público não acorre em grandes números...

Para mim, porém, o problema fundamental é o de resistir à «aldrabice», à tentação de montar Brecht para «épater», à convicção de que basta querer...

De uma peça clássica sei eu que o teatro americano, com todos os seus recursos, se não considerou apto a pôr em cena, preferindo importar uma companhia europeia a «aldrabar» o público, mas que nós — ficou-nos a valentia no sangue desde que descobrimos o caminho marítimo para a Índia — pusemos em cena sem a menor dificuldade... ...

Conta-se que tendo um amigo octogenário perguntado a Brito Camacho se podia ter um filho, por se ter apaixonado por uma jovem, este lhe respondeu: «Pode. Pode e... é bem feito!». Se não nos precavermos, há sempre o perigo de que possamos montar espectáculos de Brecht e... de que seja bem feito!

De qualquer forma, não nos falta material humano. Temos actores, encenadores e cenógrafos com todas as qualidades — o que nos falta é o resto.

Vejamos o segundo aspecto do problema, o aspecto comercial. Já me referi a ele, mas quero acrescentar uma nota: desde que se prescinda do objectivo de fazer um grande lucro ou desde que haja um subsídio compensador, julgo viável montar algumas peças de Brecht, mesmo que tenhamos de recorrer aos «apelos» que se estão a tornar habituais quando é necessário explicar ao público que há mais coisas no céu e na terra do que o futebol. (Lembro-me do «À Espera do Godot», dos esforços do António Pe-

(Continua na 7.ª página)

Baudelaire, a criação e a crítica

(Continuação da pág. anterior)

das no seu tempo pelo mestre das *Curiosités Esthétiques* visa a pôr em evidência as intuições críticas do grande poeta numa epoca em que nem sequer se falava ainda de técnicas em crítica de arte. E não se diga que a crítica de artes plásticas não pode comparar-se à crítica literária. No fundo trata-se da mesma coisa: da aplicação do gosto e da intuição na escolha das obras de arte, sejam de que natureza forem. Enquanto um Brunetière e a sua teoria da evolução dos géneros, um Taine e a sua doutrina da determinação das características estéticas graças à influência do meio enquanto estes mestres da crítica coeva mantêm o seu prestígio ùnicamente pelas virtudes intelectuais da sua obra, um Baudelaire, poeta acima de tudo, surge um século depois das suas actividades de franco atirador da crítica de arte como o primeiro iluminar da crítica moderna. Onde aprendeu o autor das *Fleurs du Mal* técnica literária ou artística? Teria ele, com uma ciência literária ou artística que não possuía, atingido zonas mais fundas do conhecimento estético? Em nossa opinião, tal coisa não podia dar-se, nem em geral acontece. E por uma razão que fará rir o nosso contraditor. É que em geral aqueles que vêem mais fundo e sentem mais intensamente a obra de arte são relutantes à disciplina científica. A poesia, nestes tempos tecnológicos ainda é uma das raras actividades do espírito que se subtraem à influência dos métodos científicos e à sujeição a doutrinas técnicas. Puro romantismo? Talvez. Mas sem uma certa margem de romantismo não há, em nossa opinião, arte, literatura, crítica que valham.

E aqui afloramos um dos problemas básicos da matéria em litígio. O excesso de crítica verificado entre nós nos últimos tempos resulta, diziamos, de uma esterilização do espírito criador. E o nosso jovem crítico de nos perguntar se não sabemos que a literatura do nosso tempo se caracteriza pelo desdobramento do criador em crítico ou pela coexistência do crítico no criador. Sabemos, se sabemos! E há muito mais tempo do que se lhe afigura a ele, jovem crítico. Acontece, porém, que já Baudelaire, na esteira de Poe, o primeiro europeu a acusar esse desdobramento na arte moderna — para ele «*art romantique*» — rectificou essa perigosa ideia quando há um século escreveu um célebre artigo sobre Wagner. Segundo o mestre de *L'Art Romantique*, a ideia de que um homem que discorre racionalmente sobre a arte que pratica não pode «produzir naturalmente belas obras» precisa de uma rectificação. Em seu parecer é tudo quanto há de mais legítimo que um «poeta se torne crítico», embora seja tudo quanto há de mais absurdo que um crítico se torne poeta. Tem a palavra o autor das *Curiosités Esthétiques*, que a páginas 229 da sua *L'Art Romantique*, no citado artigo sobre *Richard Wagner et Tannhauser*, escreveu textualmente: «*Ce serait un événement tout nouveau dans l'histoire des arts qu'un critique se faisant poëte, un renversement de toutes les lois psychiques, une monstruosité; au contraire, tous les grands poëtes deviennent naturellement, fatalement, critiques.*» E a concluir: «*Il serait prodigieux qu'un critique devint poëte, et il est impossible qu'un poëte ne contienne pas un critique.*»

Eis o que pensava Baudelaire do problema fundamental para a compreensão do nosso ponto de vista acerca do excedente de crítica sobre a criação nos tempos que correm. É que nos nossos dias o tal desdobramento não se verifica no poeta: acusa-se no crítico. São os críticos que querem tornar-se poetas — criadores — não os poetas que «*deviennent naturellement, fatalement, critiques*». E essa «*monstruosité*» é que nós denunciávamos no artigo em questão. Multiplicando-se entre nós os críticos como cogumelos nesta hora «crítica» da literatura portuguesa, particularmente da poesia, todos eles, desta ou daquela maneira, pretendem *devenir* poetas. A poesia, para eles, mais não é que o estádio final de trabalho crítico Daí a natureza artificial, intelectual, formal, da poesia que mais se escreve hoje entre nós. Daí o crítico sobrepor-se hoje em dia entre nós a toda a espécie de criação. Favorecido pelas técnicas aprendidas e pelos métodos adquiridos, eis que o escritor português se encontra mais depressa crítico do que poeta — criador. Favorece o conhecimento das técnicas literárias a inteligência do crítico? Talvez. Mas em não poucos casos a ciência adquirida estiola o gosto e a intuição, e, quando não estiola o gosto e a intuição funciona à maneira de escafandro. Qualquer que o vista pode dedicar-se à pesca crítica. Só aquele, porém, que mergulha no oceano das letras com os seus próprios dons encontra pérolas verdadeiras. Infelizmente, porém, hoje em dia quase toda a gente se contenta com «pérolas de cultura»...

JOÃO GASPAR SIMÕES

O ensino de Belas-Artes

Inquérito organizado por Francisco Bronze

I — Que pensa do ensino de Belas-Artes em Portugal?
II — Como deveria este ensino ser estruturado?

Alexandre Fernando Teixeira de Vasconcelos

ALUNO DO 6.º ANO DE ARQUITECTURA DA ESCOLA SUPERIOR DE BELAS ARTES DO PORTO

I) — O ensino das Artes em Portugal, tal como é administrado nas Escolas Superiores de Belas Artes, enferma de vícios bem patentes: conceptualização ultrapassada, informada por modelos estranhos, antiquados e irrelevantes ao caso português; desprezo absoluto pela resposta ás questões de fundo da nossa problemática de país em via de desenvolvimento; rigidez administrativa e programática impedindo uma evolução na orientação e na metodologia; sujeição a situações alheias ao ensino; em muitos casos, falta de preparação dos quadros docentes e consequente atitude preconceituosa: má preparação prévia dos educandos; alarmante penúria financeira.

Parecem-me ser estes, em resumo, os obstáculos mais fortes que se oferecem ao ensino das Artes, mas não podemos partir da premissa de que a eliminação de tais obstáculos seja uma garantia de que o ensino se processaria em moldes mais recomendáveis. Com efeito, a Arte, encarada como meio do conhecimento e da acção, não pode desligar-se de todos os factores que imprimem, num dado momento, as características diferenciadas de uma comunidade; o estado actual do ensino corresponde exactamente a um *status* socio-económico bem determinado, e a sua evolução depende da evolução desse *status*.

II) — Parece-me ainda extemporânea a formulação de propostas para a reestruturação do ensino das Artes, excepto nos seus aspectos essenciais. Quanto a estes, um se destaca com vigor e a ele me refiro com a solidariedade unânime de professores e alunos da E. S. B. A. P. Trata-se da necessidade de autonomia, não encarada como processo de melhoria interna da Escola, mas como condição primeira e imprescindível para que ela possa contribuir activamente para o progresso do povo português, quer denunciando os seus problemas quer oferecendo alternativas e hipóteses de trabalho.

Qualquer particularização ou teoria apriorística sobre o futuro do ensino estão deslocadas enquanto aquela condição se não verificar.

Joaquim Vieira e Rosa Maria Ramos

ALUNOS DO 5.º ANO DE PINTURA DA E. S. B. A. P.

I) O ensino das Artes Plásticas no Porto parece-nos poder ser equacionado e resolvido numa perspectiva mais ampla do que em Lisboa, dadas as condições criadas pelas interpretações da reforma existente, que permitiram uma crescente participação da responsabilidade do aluno na sua orientação e uma maior aproximação de certos sectores do corpo docente, o que veio abrir novas perspectivas para a compreensão do problema.

Todavia, o que de mais grave existe no ensino das Artes Plásticas no País é o facto de ele «não servir para nada». As necessidades da sociedade portuguesa ao nível das artes visuais são poucas e as solicitações aos jovens formados são quase inexistentes, ou então tendenciosas.

Porém, a Escola «entrega» ao País, nos cursos de Pintura e Escultura, *uma média de 20 alunos por ano*, que imediatamente serão empurrados para o ensino técnico e liceal *sem que haja, afinal, qualquer justificação para isso, já que dos cinco anos passados pela escola nada nesse sentido foi ministrado, embora paradoxalmente essa seja, na quase generalidade dos casos, a única saída possível.*

II) Em função do que existe parece-nos essencial repensar na sua totalidade o dito Ensino de Belas-Artes em Portugal, englobando numa programação específica o próprio ensino, as artes aplicadas à indústria e a outros sectores, e a criação pura e experimental, constituindo pólos definidos e caracterizados para resposta a uma nova sociedade portuguesa.

Trata-se pois de criar objectivos, de justificar a existência dum ensino de «Artes Visuais» através duma nova política cultural no campo das Artes Plásticas e nos sectores directamente ligados a ele.

Urge, pois uma reforma total em que deverão ter direito de participação os alunos — principais interessados nas alterações a ocorrer — o Corpo Docente e ainda personalidades em princípio estranhas à escola, mas que tenham demonstrado estarem em condições de participar.

Alexandre Teixeira de Vasconcelos

Rosa Maria Ramos

Rui Mário Gonçalves

Dr. Rui Mário Gonçalves

CRÍTICO DE ARTE

I) Penso que é mau. Para o provar basta fazer reparar que a maior parte dos bons artistas portugueses nada deve às escolas de Belas-Artes. Acho esta verificação bastante expressiva.

II) Se as pessoas pouco podem fazer sem que haja uma estrutura, uma boa estrutura por si mesma nada fará sem as pessoas. Nesta alternativa, somos obrigados a escolher o pouco ao nada? É a triste situação, onde a saúde nos faz desejar uma tábua rasa... Na escola de Dusseldorf, onde em tempos ensinou Paul Klee, actua agora o neodadaísta Joseph Beuys como professor, aliás bastante respeitado na cidade. Aí estão duas personalidades fortes e fertilizantes, e o que nos pode dar exemplo de estrutura escolar não estagnada. Comece-se por se chamar os melhores... segundo critérios actuais, é claro!

Que longe devemos estar, porém, da possibilidade disto, uma vez que os critérios de duma Escola do Estado não podem andar muito afastados das encomendas deste! Ora, haverá coisa mais desactualizada do que estas encomendas? E aqui conviria lembrar a função crítica que compete às Escolas desempenhar na sociedade. Como centro cultural, deveriam intervir nas determinações superiores ou manifestar pùblicamente o seu parecer, alargando assim a sua actividade educativa junto do grande público. Isto refere-se anàlogamente a outros estabelecimentos de ensino superior, pelo que podemos insistir na necessidade da autonomia da Universidade.

Avignon no cinema

Julian Beck, um teatro vivo

SEGUNDO INFORMAÇÃO de *Cinéma 68* (n.º 130, Novembro de 1968) vai exibir-se brevemente nos *écrans* parisienses o filme *Etre libre*, que documenta o que foi (e como foi) o último festival de Avignon.

Oito técnicos independentes (Paul Bertault, Jean Claude Bourlat, Robert Dianoux, Jimmy Glasberg, Claude Jauvert, Catherine Lefevre, Corine Dessanne, Bernard Waymel), associando-se em cooperativa, pediram o concurso técnico e financeiro da sociedade Auditel e lançaram-se na aventura duma longa metragem em 16 milímetros — logo ampliada para 35. No próprio local dos acontecimentos e utilizando as técnicas de registo mais avançadas (ao fim e ao cabo duas câmaras síncronas e dois magnetofones), lograram libertar-se dos convencionais sistemas de produção, garantindo uma sucessão de planos verdadeiramente espantosos — o que só foi possível graças ás facilidades concedidas pelas companhias de Julian Beck (o famoso director do *Living Theatre*) e de Maurice Béjart, que lhes deram inteira liberdade de intervenção.

Não houve na construção do filme qualquer artifício de montagem: os autores obedeceram á cronologia dos acontecimentos e conservaram a impressão das tomadas de vista, realizando assim um documento bruto, espontâneo, deliberadamente anti-artístico.

A técnica mais avançada serviu pois o improviso, esteve ao serviço da paixão do momento. Os resultados, mesmo no plano estético, são notáveis — segundo o *Cinéma 68*.

Por esta iniciativa, aliás não inteiramente inédita, o cinema francês abandona o preciosismo formal e a abstracção poética que nos ultimos anos o tem caracterizado, optando (e já não era sem tempo...) por uma directa participação no real. O filme *Etre Libre* é apenas um exemplo destas novíssimas estruturas que trocam a «arte» pela rua, animando (ao fim e ao cabo) o próprio movimento da criação artística.

NOVIDADE LITERÁRIA
HORAS CURTAS
poemas de ANITA DE PÁDUA
Distribuição DiLSAR — Rua S. Filipe Nery, 37-A
Nos livrarios

Soeiro Pereira Gomes

a obra de uma vida inteira

Na colecção *Biblioteca Europa - América* (dirigida pelo romancista Fernando Namora) foi reunida, num único volume, a obra completa dessa personalidade tutelar do movimento neo-realista português que se chamou Joaquim Soeiro Pereira Gomes.

A edição das «Obras Completas» inclui o romance publicado em vida do autor *(Esteiros)*, o romance *Engrenagem*, escrito em 1944 e publicado póstumamente em 1949, e os inéditos e esparsos dados á estampa em 1950 num volume que teve o título de *Refúgio Perdido* e que arquivou cinco contos e seis crónicas de vária índole.

Falecido aos 39 anos, depois de uma vida particularmnte dramática e acidentada, Soeiro Pereira Gomes não deixou obra para encher estante. Foi breve, foi incisivo, foi cristalino nos seus propósitos literários — como o foi nos agitados eventos da sua vida pessoal. Sob o ponto de vista da estética literária, tal como esta é considerada pelos mandarins culturais, os seus escritos deixam muito a desejar. Mas a força que os anima, a pujante humanidade de que estão possuídos, a visão que fornecem da realidade portuguesa num determinado momento histórico (Pereira Gomes iniciou a carreira literária em 1935 e terminou a redacção de *Engrenagem* em 1944, tendo morrido cinco anos depois, em 7 de Dezembro de 1949) garantiram-lhe — a ele como a nenhum outro — o papel de figura cimeira do neo-realismo entre nós.

Só por isto, e mais que não fosse, é de aplaudir a iniciativa da editora Europa-América, que assim dá a conhecer ás gerações mais novas, numa organizada visão de conjunto, a obra literária de um escritor para quem a literatura foi menos um fim bsoluto que um meio de estar presente e intervir.

DEUS ESSE DESCONHECIDO
Colecção «TEMAS»
Edições DELFOS

LITERATURA

O QUIDO DA QUIDA

por Alexandre O'Neill

— QUEM é o quido da quida, quem é?
— Não sei...
— Olá, num sabe!

Lorena deu o retrato da santa a cheirar ao Asa de Corvo:
— E ito sabe uquié?
— Cinquen...tapaus!

O sol janelou nesse coturno momento e acendeu no cabelo do Asa de Corvo um brilho de biqueira de citadino em domingo de missa.
— Quem é o quido da quida, quem é?
— Sou eu...

Na alma do Asa de Corvo, escorvada de novo pela visão da santa, um arrepanho, algo assim como um peristaltismo de ternura, perpassou.
— Quem é a quida do quido, quem é?
— É a Lou-Lou...

Asa de Corvo vinha comer à mão.

Lorena riu um riso mau, artificial, de fotonovela. Entradota sentimentalona, com uma vida de casos, de cacos, às costas, Lorena já só tinha as ilusões que queria ter (pensava ela)

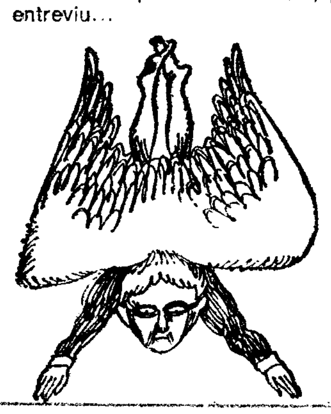
Os cinquenta eram a janela através da qual o Asa de Corvo vislumbrava uma tarde de domingo menos má. Quando a velha se explicasse com o xis, depois da rábula (sempre a mesma!), corria a telefonar à Celeste, metia vinte brecos de normal no cavalo, ia buscar o palminho de cara e gás todo aberto para Carcavelos!

Mas o cronista, que está do lado dos fracos como qualquer super-rato que se preza, não vai deixar, não! O cronista pega numa tesoura e entrega-a a Lorena com um viril incitamento:
— Lou-Lou, faz qualquer coisa que se veja!

E Lou-Lou faz. Ri outra vez o riso mau, artificial, de fotonovela. Com a tesoura que o invisível super-rato lhe pôs na mão corta a nota de cinquenta em pedacinhos tão pequenos como as más horas que o Asa de Corvo vai passar no que sobeja de domingo.

O Asa teve o costumado gesto de valentia.

Lou-Lou, essa, enfronhou-se no travesseiro e chorou, chorou até a «maquillage» se desfazer num borrão que só o cronista, por piedade, entreviu...



Conversa com versos de Maria Alberta Menéres

Maria Alberta Menéres: encontro com o mundo da infância

UMA NOVA E FASCINANTE experiência poética — eis o que para já pode dizer-se do livro *Conversa com Versos* (ed. Afrodite, colecção Cabra-Cega) que Maria Alberta Menéres acaba de propor ao público de todas as idades sob o rótulo de «poesia para crianças». O tema, interessante e pouco debatido entre nós, originou a breve *conversa sem versos* que passamos a registar.

1. *V. publicou recentemente um livro de poesia para as crianças dos 10 aos 12 anos. A publicação desse livro corresponde a uma preocupação constante ou é apenas um acto episódico?*

R. — A publicação deste livro «Conversa com versos» não é de maneira nenhuma um acto episódico e nem sequer ocasional, no contexto de tudo o que tenho escrito. Para cada poeta, a escrita da sua própria poesia vai-se realizando segundo um determinado e específico processo — o qual, é claro, varia de poeta para poeta. Para mim, o caminho que vai desde a captação do poético à sua concretização em poema, poder-se-á talvez dividir em duas partes: a primeira é o aparecimento directo da sugestão do estímulo exterior, do encantamento, depois a transformação num outro encantamento, agora já de palavras feito, onde a ideia aparece nítida (delimitada ou sem limites), e há como que uma descoberta da poesia que existe no real, e há como que uma transposição directa e simples, infantil mesmo, do exterior a mim para o interior do poema. A segunda parte do caminho é a transposição de tudo isto para uma outra concretização mais subtil, como que uma depuração do sentimento e do entendimento do que afinal provoca o poema — vai provocar o poema. A escrita torna-se mais íntima e no entanto mais distante, mais ampla e o poema agora adulto atinge a dimensão que me fascina, alcança a ternura de uma solidão que me toca.

Ora a minha poesia para as crianças, e neste caso

Afinal a entrevista era verdade

por Júlio Moreira

NA HORA DO LANÇAMENTO público do volume Afinal o castelo era verdade *(ed. Afrodite, colecção Cabra-Cega), o seu autor e nosso colaborador Júlio Moreira decide, do outro lado do Atlântico, auto-entrevistar-se.*

Golpe (assumido e assinado) de promoção pessoal? — Pois seria, caso o autor de A Execução *não tivesse, como tem, algo a dizer sobre a chamada «literatura infantil». Vale a pena segui-lo na contestação das ideias feitas sobre tão delicada matéria...*

J — Meu caro Júlio Moreira, não imagina como me espantou o facto de você fazer literatura infantil...

M — Hum!

J — Bom, é certo que na sua colaboração para o *Diário de Lisboa* e o *ETC.*, tem pegado em tantos assuntos, desde a culinária e o «amor pelos animais», que não devia espantar-me de o ver agora dedicar-se ao «amor pelas crianças», mas o meu espanto provém talvez da agressividade e da atitude polémica que sempre tem manifestado...

M — Desculpe interrompê-lo, por esse caminho não poderei segui-lo. Estamos em desacordo à partida.

J — Desacordo? Mas eu não disse nada.

M — É. Do nada que disse contesto duas coisas. Primeiro não me venha falar em *literatura infantil*. Por literatura infantil só posso entender os textos que as crianças escrevem espontâneamente ou até como deveres escolares, onde às vezes se encontram verdadeiros valores literários primitivos. Falemos de livros para crianças ou histórias para crianças ou do que quiser convencionar. Não é purismo, é desmistificação Os autores de livros para crianças jogam frequentemente o jogo da *literatura infantil*. Metem-se pretensamente na pele das crianças (a pele das crianças: um dos bens eróticos menos exploráveis neste mundo), simulam uma linguagem, uma imagética, uma psicologia, um tal qual como se fosse infantil. Mas... aqui é que está: introduzem sub-repticiamente a sua ética, a sua didáctica, a sua estratégia Assim, com o peixe ao engodo, a criança devora a mistificação e cai na trapa. Cairá? Creio que não. A decência impede-me de citar o ditado popular da isca e do anzol. Você conhece-o.

J — Admite mesmo assim que nesses livros há *uma isca*, como você diz.

M — Lembro-me, não admito. Lembro-me das histórias para crianças que li ou me leram, pelo seu lado aliciante, sem ter absorvido o lado sub-reptício. Não me interessou a moralidade, só fixei o fantástico.

J — Mas porque escreve estes livros para crianças?

M — Já lá vamos. Há um segundo nada que você disse a que me quero referir primeiro: a associação da *literatura infantil* com o *amor pelas crianças*. Eu contesto que escrever um livro para crianças seja um acto de amor — o que me permite responder também à sua pergunta porque escrevo livros para crianças. Eu afirmo que todos os livros que se pretendem de *literatura infantil* são um acto de agressão impotente contra a infância. Tentativas de subversão do *reino infantil*. (Eu preferia ver as crianças subverter as nossas repúblicas de adultos e em particular a das letras). Entrar com as patas de veludo dos mitos para inocular o veneno dos conceitos, para introduzir no anárquico mundo das crianças — não é *reino* nenhum — o rigor das instituições. Fazer literatura infantil é pois como laçar cavalos selvagens para os levar aos concursos hípicos.

J — É também essa a intenção do seu livro?

M — Em parte. Não nego que as crianças me perturbam, que tenho necessidade de lhes impor disciplinas, de as anular como crianças, que me incomodam, e transformá-las em adultozinhos. O que eu gostaria de evitar era que viessem transformar-se nos adultozinhos que me incomodam muito mais. E' essa a diferença entre as minhas histórias para crianças e a literatura infantil. Essa diferença seria aliás muito mais patente numa outra história chamada «Muito riso, pouco siso».

J — Porque preferiu publicar então «Afinal o Castelo era Verdade»?

M — Não houve preferência. A Fundação Calouste Gulbenkian comprou mil exemplares desta, escolha feita no original dactilografado e rejeitou a outra. Sabe que o meu editor não é um Cresus...

J — Mas esta história não representa bem a sua

JÁ ESTÁ À VENDA O LIVRO DE
ELIA KAZAN
«O COMPROMISSO»

«O tom deste livro é extremamente vigoroso, porque efectivamente não depende de nada do que entendemos por tradição literária, mas de algo mais antigo: a história contada á tribo por um membro da tribo. *Possui a premência de uma confissão e a autoridade impulsiva de um apelo.*»
JAMES BALDWIN

«É um livro extraordinário. Tocar este livro é sentir que se toca um homem.»
HENRY MILLER

Um lançamento de EDITORIAL IBIS
DISTRIBUÍDO POR: LIVRARIA BERTRAND S. A. R. L.

INFANTIL

especial, os poemas deste livro, pertencem à primeira parte do caminho, a que atrás fiz referência. Nem sequer fogem à linha natural evolutiva do meu processo criador. Por isso representam uma preocupação constante, tal como toda a minha poesia.

2. *De facto, se analisarmos a evolução da sua poesia, nota-se uma complexidade crescente, ao mesmo tempo no campo emocional e nas coordenadas linguísticas. Por isso, uma pergunta surge: este seu súbito interesse pela poesia infantil será uma fuga perante o passo em frente que se impõe, ou por outro lado será antes uma procura de uma simplicidade original reconquistada?*

R. — Não, não considero fuga a «um passo em frente», até porque embora situando-se na linha natural evolutiva do que há pouco falei, nem por isso esta poesia deixa de exigir um esforço num determinado sentido, nem por isso deixa de ser um passo numa determinada direcção, ou seja em direcção à criança. Aliás, «passos à frente» tenho eu sempre o máximo cuidado de dar, pois não gosto nada de cair em valas abertas por outros, nem de sùbitamente acaso reparar que apenas piso pegadas de outros no chão que piso. Cair, só em valas abertas por mim própria, e quanto a pegadas, ainda vou preferindo as solitárias do Yeti.

Falar de simplicidade original reconquistada, está certo. Mas não apenas agora, não apenas em relação a um livro agora aparecido, mesmo tratando-se do meu primeiro livro para crianças. Tocar essa simplicidade original, com os meus olhos de ho-

(Continua na 7.ª página)

A formiga é um f
muito preto no escuro
mas um f deitado
de barriga no muro.

Uma letra que mexe
e respira num pau
que não forma palavra
nem sequer a solução

é uma forma estranha
é uma forma amiga
ou seja uma formiga
ou seja um formigão

«Por literatura infantil
só posso entender os textos
escritos especialmente pelas crianças»

atitude de escritor para crianças?

M — Representa. Lá se encontra a minha intenção didáctica oposta não só à concepção convencional do mundo onde vivemos em comum, como até à própria visão apreendida desse mundo. Baralhar as cores e os sons, introduzir a sinestesia, pôr em causa o espaço, destruir as perspectivas convencionais, baralhar e dar os valores... Mas não é só isto. Outras razões me fizeram escrever livros que só podem servir para crianças — se servirem. Foi o gozo de ir ao sótão, abrir os caixotes abandonados desde os tempos da minha própria infância e tirar de lá dragões, meninas, castelos, prodígios, com a sinceridade que me foi possível, isto é, sem lhes atribuir outro valor ou realidade que o encanto actual, o magro encanto saudosista, onde reconheço porém as raízes da minha própria liberdade.

J — Meu caro Júlio Moreira, você parece divertir-se com as contradições. Então agora aparece-nos como liberdade o que antes era tomado como violação

M — A violação está no programa dos autores de *literatura infantil* mais ou menos consciente (a consciência é ainda um luxo); a liberdade no golpe de judo que as crianças passam aos adultos despejando-os por trás das costas. Enfim a história da isca e do anzol.

J — Mas, se assim é, qualquer *literatura infantil* será inofensiva.

M — Engana-se meu caro, há muitos peixes que caem mesmo no anzol. Em todas as gerações de peixes

Ilustração de Carmo
(*ed.* Afinal o Castelo Era Verdade)

Nota: Esta entrevista é imaginária. Como poderia ser de outro modo se estou do outro lado do Equador? Daí o entrevistador (J) e o entrevistado (M) fazerem uma única pessoa.

JÚLIO MOREIRA

A tentação do rigor

por José Vaz Pereira

O SAMURAI
(Le Samourai)
de Jean-Pierre Melville
com
Alain Delon, Nathalie Delon
e François Périer
Distribuição:
Filmes Castello Lopes

TRATA-SE de pistoleiros contratados? Trata-se, sobretudo, de solidão. Uma solidão que rói o indivíduo, mas que não se limita a isso. Apodera-se das ruas, das casas, dos cafés, domina um ambiente, fecha um horizonte.

E consegue assim o mais trágicamente frio, o mais desesperadamente deserto dos *décors*. A entrevista de Jeff Costello com o «contacto», num cenário de máquinas corroídas, grades de ferro, carruagens imobilizadas e plataformas sem saída, num lugar em que o próprio metro perde a memória da cidade e circula numa superfície sem contornos definidos, uma terra-de-ninguém entre os arredores cansados duma metrópole enérgica e as ilusões dum campo que capitula diante da poluição, já é também o encontro do «samurai» com a inexorabilidade do seu destino de homem só

Melville volta a este tema. Conseguindo uma secura ainda mais apurada do que em *O Segundo Fôlego*, trajectória dum duro da velha guarda que se não adapta ao novo estilo do mundo do crime, *O Samurai* dá-nos a impressão de ser um filme espantosamente pessoal, uma obra de autor desde a primeira à última imagem, um monólogo desolado sobre o profissionalismo de matar.

O cinema americano e o cinema negro francês têm ido, repetidas vezes, buscar personagens tipo Costello. Os argumentos, com maior ou menor fidelidade, seguem, desde *The Enforcer* (Sem Consciência) de Bretaigne Windust, a maquinaria implacável dos «contratos». Mas Melville aproximou-se profundamente do homem que, num quarto miserável, espera pelo telefonema dum patrão sem rosto. Do homem que morre mil vezes antes de matar outros homens que ele nunca viu antes. Do homem que traz dentro de si a tragédia de não falhar. Que executa a sua tarefa como qualquer outra tarefa. Clinicamente. Correctamente. «Não tem importância» — é a sua última frase para o homem que vai receber uma bala.

Circunstâncias várias obrigam o «samurai» a perder a sua regularidade e os seus hábitos de solitário metódico. Delon/Costello tem de se defender na paisagem e na cidade dos outros. Mas, mesmo assim, ele reinventa novas regras e organiza a sua estratégia no campo inimigo: mais do que o quarto que começa a ser vigiado constantemente, o metro representa a segurança dentro da mobilidade, as correspondências, a duplicidade dentro da evasão. O assassino contratado tem a noção desconsolada da sua eficácia e o desencantamento amargo de quem sabe que essa mesma eficácia o empurra para a destruição.

Alain Delon: solidão de um Samurai

E, aqui, cumpre levantar um paralelo com os *7 Samurais* de Kurosawa. Estes mercenários guerreiros que ajudam os camponeses contra uma quadrilha de bandidos têm, pelo menos, uma consolação: transmitem a sua arte, a sua técnica à medida que vão desaparecendo. O samurai japonês agoniza como classe e da nobreza antiga só guarda a nostalgia e as dívidas. Daí a pungência do último plano da obra-prima de Kurosawa: os sobreviventes duma casta extinta sabem que ensinaram os camponeses a vencer numa luta que já não lhes pertence.

Mas a Jeff nem isso resta. Levou o anonimato e o individualismo até às últimas consequências: mesquinha peça duma engrenagem morre completamente só no meio da frequência sofisticada dum clube nocturno. Era profissional de mais para trabalhar em equipa, limitado o bastante para não arranjar aliados.

Melville, mais uma vez, encontrou o tom justo para descrever a gente do *milieu*. Pertence a uma geração de cineastas que desprezou Prévert e Carné para se sentir fascinada pelo cinema americano. Ritmo, sobriedade, uma maneira eloquente de interpretar o silêncio e um gosto automático pela acção.

Dir-se-á talvez que Melville não demonstrou nem parece disposto a fazer qualquer desvio dum rumo previamente traçado. Que a imaginação poderia de-

(Continua na 6.ª página)

EDITORIAL INOVA LIMITADA

DEPOSITÁRIA DE
BIBLIOTECA LUSO-BRASILEIRA
CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO
CLÁSSICA EDITORA
DISTRIBUIÇÕES MOVIMENTO
EDIÇÕES EXCELSIOR
EDITORA ARCÁDIA
EDITORA INÍCIO
EDITORA LUX
EDITORIAL ESTAMPA
EDITORIAL INQUÉRITO
EDITORIAL MINOTAURO
EDUARDO R. FERREIRA
IMPRENSA DO DOURO
JORNAL DO FORO
LIVRARIA ROMANO-TORRES
PORTUGÁLIA EDITORA
E DAS REVISTAS
CONCILIUM
O TEMPO E O MODO
SEARA NOVA
VÉRTICE

comunica que mudou os seus serviços de distribuição para a
RUA JOSÉ FALCÃO, 82 ■ PORTO

SERVIÇOS EDITORIAIS E CONTABILIDADE
PRAÇA GUILHERME GOMES FERNANDES, 38-2.º
SERVIÇOS DE DISTRIBUIÇÃO E LIVRARIA
RUA JOSÉ FALCÃO, 82
TELEFONES 36542/36399.

Brecht, hoje

(Continuação da 2.ª página)

dro para convencer o público a ir ver «As Divinas Palavras». e, mais recentemente, do apelo destinado a salvar os heróis da Avenida da República — sim, porque a gente do Vasco Santana é heróica!)

O último aspecto do problema refere-se à viabilidade política. Até agora é evidente que não foi viável, e digo «evidente» porque não é preciso estar-se no segredo dos deuses para se perceber que se estamos na cauda do mundo em matéria de representar o Brecht, a culpa não é, certamente, dos empresários... Não vejo, porém, razão para esta impossibilidade. Mesmo atendendo a que as peças de Brecht não visam pròpriamente a conservação dos chamados valores ocidentais, a verdade é que são representadas em países com mais responsabilidades do que este nosso querido Portugal, que, lá por ser nosso e querido, não deixa de ser microscópico.

Alguns exemplos servirão para mostrar o que eu quero dizer. Não contando com a Alemanha, onde o Brecht está em casa — e é representado, sem problemas, nas duas Alemanhas — as peças deste grande dramaturgo alemão foram conhecidas nos países que hoje fazem parte do Ocidente nas seguintes datas:

«BAAL» — A primeira, e, por ser a menos representativa das peças de Brecht, a que menos representações tem tido: Viena, 1926; Londres (numa encenação que vi pessoalmente), 1962.

«Die Dreigroschenoper» — Paris, 1930; E. U. A., 1933; Londres, 1956; Itália, 1956. Esta peça já foi posta em cena na Suécia, na Finlândia, na Dinamarca e no Japão.

«Aufstieg und fall der stadt Mahagonny» — França, 1932; Austria, 1932; Itália, 1933; Suécia, 1932.

«Der Ozeanflug» — Trata-se, evidentemente, de uma peça radiofónica infantil, mas é curioso verificar que foi transmitida na Alemanha em 1930 e retransmitida pela B. B. C. Nos E. U. A. foi transmitida pela primeira vez em 1931.

«Badener Lehrstuck von Einverstandnis» — Outra peça com características especiais, que se tornou conhecida pelas transmissões das estações radiofónicas de Bruxelas. Posta em cena em 1958, em Nova York, devido a um subsídio da Fundação B. Rothschild.

«Der Jasager/Der Neinsager» — França, 1932; E. U. A., 1933; Itália (Rádio Roma), 1951; Suécia, 1952.

«Die Ausnahme und die Regel» — França, 1947; Itália, 1951; Inglaterra, 1956. Esta peça foi, ainda, posta em cena na Suécia, na Finlândia, na Dinamarca e nos E. U. A.

«ANNA-ANNA» — Estreada em França, em 1933; Inglaterra, 1933; Suécia, 1936; E. U. A., 1958.

«Furcht und Elend des Dritten Reiches» — França, 1938; Suécia, 1938; E. U. A., 1941; Áustria, 1945. Apenas a título de curiosidade: esta peça foi posta em cena na Universidade da Califórnia em 1945.

«Die Gewehre der Frau Carrar» — Estreada em Paris em 1937; Dinamarca, 1938; Inglaterra, 1938; E. U. A., 1939. Esta peça foi posta ainda em cena na Suécia, na Finlândia e em Itália.

«Mutter Courage und ihr Kinder» — França, 1951; Suécia, 1953; Inglaterra, 1955. Esta peça foi posta em cena em quase todos os países do Ocidente.

«Der Kaukasische Kreidkreis» — Estreada nos E. U. A., numa versão inglesa, em 1948. Finlândia, 1954; França, 1956; Inglaterra, 1956.

Não vale a pena prosseguir para se entender o que eu quero dizer.

CONSIDERA ESPECIALMENTE IMPORTANTE PARA O TEATRO EM PORTUGAL A REPRESENTAÇÃO DE UMA OU MAIS PEÇAS DE BRECHT? QUAIS? ACHA QUE TAL SERÁ ACTUALMENTE POSSÍVEL?

Considero importante, muito importante mesmo. Trata-se de grandes peças, e reputo necessário e urgente que vejamos bom teatro. Não é esta, porém, a única razão que me leva a ter esta opinião. É que é trágico para um país, como para um homem, atrasar-se em qualquer campo de actividade, e mesmo que a obra de Brecht viesse agora, imediatamente, já viria atrasada, já viria influenciar-nos fora de tempo. Os nossos dramaturgos já deviam ter visto a obra de Brecht e já deviam ter digerido a obra de Brecht. O nosso teatro já devia, à semelhança dos teatros dos outros países europeus e americanos, ter assimilado *naturalmente* o que havia a aprender com o grande dramaturgo alemão e continuado no seu caminho.

Recelo que venham a pulular Brechtsinhos fora de horas, e receio, sobretudo, as consequências que deste facto possam provir para o evoluir do teatro português. É que não podemos continuar eternamente influenciados pelo passado dos outros — temos de encontrar os nossos próprios caminhos, assimilando o que houver a assimilar ao mesmo tempo que os outros.

Assimilar não é copiar — é continuar, mais rico.

Não sei se será actualmente possível — julgo que a pergunta, aqui, se refere à viabilidade da obtenção das necessárias autorizações — montar peças de Brecht em Portugal, mas nada vejo, como disse acima, que o possa impedir, a não ser que os nossos complexos de inferioridade nos tenham transformado em seres realmente inferiores.

Que peças?

Aquelas que menos se prestem a burlas, aquelas que menos nos permitam obter o apoio do público através de técnicas disfarçadas que o enganem. Isto como autodefesa, isto por espírito realista, para nos impedirmos deliberada e voluntàriamente de fazer publicidade à custa de «termos montado Brecht». Isto porque estamos doentes e temos de enfrentar a doença que nos consome. Isto para não cedermos à tentação de burlar uma crítica e um público que só conhece os textos de Brecht e que, portanto, não está habilitado a julgar o que nós viermos a fazer. Julgo que deveríamos começar pelo «Círculo de Giz Caucassiano», mas receio que vamos começar pela «Mãe Coragem» (refiro-me, até agora, às peças, designando-as pelos títulos alemães, porque não conheço os títulos que lhes foram dados nas traduções portuguesas, mas no caso destas duas, que são tão conhecidas, este desejo de rigor parece-me inútil.) É que se não soubermos defender-nos de nós próprios, repito, «podemos montar Brecht em Portugal. Podemos e... é é bem feito».

Pessimismo?

Realismo — sou um homem de teatro, português, nascido em 1926.

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

A tentação do rigor

(Continuação da 5.ª página)

sempenhar um papel mais importante. Que a *mise-en-scène* é pesada, dura, sem maleabilidade.

Vemos neste filme, pelo contrário, uma fusão irreprimível da trajectória de Delon/Costello com o estilo melvilleano. Outra vez o fascínio de quem constrói uma obra dentro de limites preestabelecidos, a partir duma renúncia a efeitos mais ou menos eficazes. Mas em que cada apontamento, cada plano só aparentemente secundário é uma prova de amor. A sequência do roubo dos automóveis, os dedos que tacteiam um interminável molho de chaves dura segundos na sua lentidão angustiante de eternidades e lembra essa mistura de ascetismo e glória que faz a força interior de Bresson, em *Pickpocket*. Ou esse toque muito pequeno, muito seco em que um homem da PJ, entrando em tromba no quarto da rapariga para uma busca humilhante, lhe arrebata a *liseuse* com que ela se ia tapar. «Ah, *Mademoiselle*, como eles são zelosos... Sabe, o problema da promoção...»

Certamente que críticas a um classicismo sem abertura se podem fazer sempre. Ou até, mais simplesmente, afirmar que este filme já foi rodado pelo menos cem vezes. Mas podemos, em boa verdade, atirar pedras a um homem cujo único crime é sucumbir à tentação do rigor?

A «Seara» em Dezembro

NO SEU N.º 1478 (Dezembro de 1968) a «Seara Nova» (ou novíssima...) dá especial e o devido relevo ao vigésimo aniversário da aprovação, pela Assembleia Geral das Nações Unidas, da Declaração Universal dos Direitos do Homem, transcrevendo uma série de notas extraídas de uma brochura a publicar pela O. N. U. intitulada «As Nações Unidas e a Pessoa Humana». Do sumário do referido número constam ainda os artigos «Adaptação... e adaptação», de Sottomayor Cardia, e «Conheçamo-nos uns aos outros», de M. S. C. — «comentários políticos» (nacionais) da maior viveza e actualidade; um texto de J. M. S. sobre «o ciclo preparatório do ensino secundário»; uma nova e útil secção — «o país de mês a mês»; extractos do estudo de Mário Soares «1640 e o Pensamento Político em Portugal», inserto no **Jornal do Foro** em 1954; a secção de política internacional «De Leste a Oeste», que inclui um artigo do nosso colaborador José Vaz Pereira — «A Vulgaridade Insubstituível», sobre as recentes eleições nos E. U. A. —, o depoimento de Manuel Sertório sobre o caso da Checoslováquia («O Novo Curso») e a nota «Sem Diálogo em Setembro», onde se dá conta das consultas franco-alemãs de Setembro último e do dilema da «grande coligação»; os artigos «Os livros franceses para crianças e jovens», de Ema Quintas Alves, e «A leitura infantil de hoje», de Isabelle Jan, ambos integrados na secção «Artes e Letras»; as notas críticas de Urbano Tavares Rodrigues (Teatro) e de Manuel Machado da Luz (Cinema), estas versando os filmes «No Calor da Noite» e «2001: Odisseia no Espaço»; a habitual (e significante) secção «Factos e Documentos» e o artigo final «De Apolo VII a Soyouz III», de Hilaire Cluny, completam este número da «Seara Nova». Um número (como os anteriores e os que hão-de vir) para ler atentamente.

NOBREZA DE PORTUGAL E DO BRASIL

3 VOLUMES LUXUOSOS

Resumo da História de Portugal — Soberanos de Portugal e do Brasil — Resenha das famílias portuguesas e brasileiras

1 VOLUME LUXUOSO

Notável e valiosa obra de heráldica e genealogia

ARMORIAL LUSITANO

UM PRESENTE VALIOSO DE NATAL

Peça condições para a aquisição destas obras com pagamentos suaves a longo prazo à

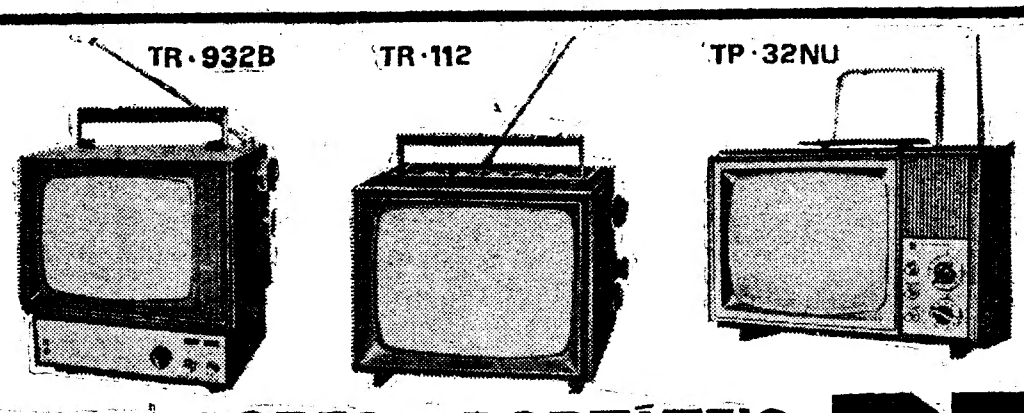
Editorial Enciclopédia, Lda.

Rua António Maria Cardoso, 33

LISBOA-2

a sua prenda de sucesso!

TR·932B TR·112 TP·32NU



TELEVISORES PORTÁTEIS

EQUIPADOS COM VHF/UHF

NATIONAL

UMA PRENDA PARA TODOS!

Distribuidores: sonipol

SEDE: Av. 5 de Outubro, 56 — LISBOA

FILIAL: R. de Miguel Bombarda, 221 — PORTO

Conversa (com versos)

(Continuação da 5.ª página)

je, é talvez o que mais alegria me dá, e a fonte de tudo o que sou e vivo.

3. *Falando de simplicidade original, as crianças e as flores têm qualquer coisa em comum. Conhece o movimento «hippie» e o símbolo da flor. Uma criança não poderia ser o símbolo «hippie»?*

R. — No movimento «hippie», a flor é o símbolo do que é belo, e principalmente o símbolo da paz. Onde há guerra, morrem as flores. Onde há guerra morrem as crianças. Bertrand Russel gritou contra isso — gritou pela paz. Os «hippies», cobrindo-se de flores, semeiam um enorme campo onde as crianças podem brincar e rir alegremente, longe do troar dos canhões e da incompreensível morte das granadas e das balas, sabe-se lá se amigas ou inimigas, sem nome, só sabendo de morte. **Make love, not war** — este o lema. Se eles o realizam bem ou mal isso é outra coisa. Se a literatura «hippie» tem ou não tem valor, isso é outra coisa. Uma criança poderia ser o símbolo «hippie», na medida em que temos de levantar nas nossas mãos o que queremos salvar: uma flor, uma criança, um poema... — uma paz viva e dinâmica.

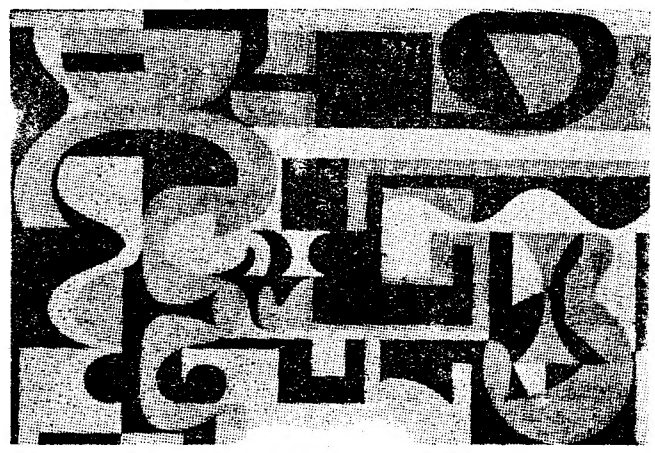
4. *É evidente que a poesia infantil é uma poesia com utilidade imediata, pois a educação estética por ela proporcionada dá resultados fascinantes e proporciona um contacto humano enriquecido, com seres em ebulição, como são as crianças. Será por isso legítimo pensar que para si a poesia infantil supre as necessidades de comunicação humana tão patentes em toda a sua obra, e que a preconceituosa atitude da maioria do público adulto não proporciona aos mais evoluídos poetas portugueses actuais?*

R. — É bom falar e ver que entendem o que queremos dizer. Sim, as crianças não são preconceituosas, como alguns adultos. Ou aderem ou não se interessam, ou gostam ou não gostam. Geralmente, as crianças aceitam, bebem as palavras que lhes dizemos, se lhes dizemos as palavras que são para elas. E, por isso mesmo, gosto de lhes dizer coisas belas ou insólitas, sugerir. Quando escrevo para elas acontece-me o seguinte: ao pretender ensinar, revelar, sou eu quem, em primeiro lugar, aprende e se espanta.

Aqui há um reencontro com o mundo maravilhoso da infância, o que, a par de uma fascinação primitiva, aumenta em mim uma certa tristeza ou consciência de o tempo me ter já afastado daquele tempo — e também uma certa alegria que me faz de repente esquecer essa distância.

5. *Já experimentou ler os seus poemas ou fazê-los ler às crianças às quais eles se destinam? Quais as reacções? Acha que essas reacções justificam uma intensificação da sua actividade criadora, no sentido de se dedicar cada vez mais à educação estética infantil? Quais os seus projectos nesse sentido?*

R. — A medida que ia escrevendo os poemas deste livro, ia-os mostrando às minhas filhas, quando regressavam do colégio, e foram elas portanto as primeiras crianças a lê-los, a criticá-los, a conhecê-los. Depois, li-os a várias outras, e a reacção foi animadora, pois umas quiseram recitá-los, outras riram com gosto, outras fizeram perguntas, outras ficaram perplexas e quiseram ler outra vez, emitiram opiniões; numa palavra, ficaram interessadas e em estado de «atenção». Este caminho é infinito. As crianças gostam de gostar de ler e de entender. Quanto aos meus projectos, vai aparecer agora neste Natal na mesma colecção deste livro, um intitulado «Perrault vai contar...» São seis contos rigorosamente traduzidos por mim, dos textos originais de Perrault, contos dos quais se têm feito inúmeras adaptações, mas que só agora são traduzidos directamente do original — contos que são como que as «matrizes» de quase todos os contos infantis que existem. Perrault fala-nos ainda de Fadas, mas já tenta encontrar nas várias «moralidades» que propõe para cada enredo o correspondente da Fada na vida real. Eu talvez tente o contrário no meu próximo livro para começar a escrever: dar à criança o real, e sugerir-lhe a Fada. Quero dar-lhe aquelas verdades que trazem dentro de si o gérmen de uma qualquer maravilha.



Nadir Afonso

Iniciativas e prémios (bis)

(Continuação da 8.ª página)

sitária». Sem entrar em pormenores que só oportunamente devem aparecer, falei então na integração orgânica do ensino das Artes (mesmo áudiovisuais) numa acção artística geral — sem o que toda a reforma será falaciosa. Aí se chegará um dia, quando a boa vontade e a boa inteligência destas coisas se verificar em acção social devidamente promotora. Nisso devemos sem dúvida pensar e jogar — mas não descurando aquilo que pelo caminho dos encontros conjunturais pode carrear dados ou remédios ou, mesmo, paliativos.

A acção de prémios, expropriações e concursos, momentânea que é ou seja, vem sem dúvida animar o panorama — e ser, justamente, motor de exigências novas. O crescimento quantitativo que ela significa necessàriamente se resolverá numa mutação. As leis teóricas de tal transformação são conhecidas e as carreiras das bolas de neve orientáveis. Por isso eu sou assim, mui sociològicamente, pelas bolas de neve — sem medo de me constipar!

E sabendo também, com os meus já vinte anos de prática destas coisas, e mais de quarenta da prática de ver lusitanos, que muitas das críticas e das reticências à acção conjuntural vêm não de uma vontade de estruturar, mas da vontade de nada ou muito pouco fazer, ou deixar fazer. A inacção convém a bastantes compatriotas meus, sob várias espécies de desculpas ou de razões pessoais, acalentadas por uma que outra «bica».

Deixemos isso e preparemos, sem fazermos favor, o nosso próprio futuro — que é, e muito, o dos artistas queixosos.

Bem sei que prémios são prémios, e falíveis, e exposições, exposições, falíveis também. O prémio SOQUIL, com as suas regras sem concurso, e a sua anualidade é porém garantido tècnicamente; e a exposição do Banco Português do Atlântico deverá ser a única do seu tipo concorrencial em 69, abrindo-se, sobretudo, para aquisições que se prometem importantes. Outros bancos e companhias não os vão, com certeza, repetir, mas definir novas perspectivas, internacionais se possível. Assim se introduzirá uma certa ordem necessária e algo programática, nas actividades de 1969.

Em 1969 também a Fundação Gulbenkian representará um papel considerável, com a inauguração da sua nova sede e o próprio centenário do seu fundador. Não o fará certamente, com uma exposição que duplique a do Banco Português do Atlântico, limitando-se a repetir as que promoveu em 1957 e 1961, agora que a conjuntura, lhe escapando, é muito diferente. Creio bem que os seus planos podem e devem mudar, de modo a tomar uma responsabilidade dinâmica na vida artística nacional, com a imaginação, a consciência, sociológicas ambas que isso implique. Se em vez de expor quadros e dar mais prémios, promover e subsidiar criações originais que de outro modo não verão a luz; se motivar ou incentivar as possibilidades dos artistas; se realizar algo que tenha que ver com a situação actual das artes visuais (ou áudiovisuais, música, teatro, *ballet*, cinema e «happenings» inclusos); se sair da rotina cómoda e provincial — então também a Fundação Gulbenkian contribuirá para uma nova e exigível transformação de estruturas. E eu termino pelo *Amen* por que principiei...

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Galeria Panorama

Rua Alberto Aldim Telef. 971 379
ALFRAGIDE (DAMAIA)

Expõem

SILVA PALMEIRA
E LUD

Inaugurada hoje
pelas 20.30

NOVIDADES LITERÁRIAS

A EVOLUÇÃO ECONÓMICA DE PORTUGAL dos Séculos XII a XV (8.º vol.), de Armando Castro

Uma obra que o tempo consagrará como dos empreendimentos mais notáveis ligados à investigação histórica, económica e social entre nós; parte do volume é dedicada à análise das estruturas artísticas medievas, na sua correlação com factores económico-sociais, para cuja ilustração se editou um disco de 45 r.p.m. de Música Medieval Galaico-Portuguesa (século XIII), com **Três Cantigas de Santa Maria**, de Afonso X, o Sábio, e **Três Cantigas de Amigo**, de Martim Codax.

Colecção PORTUGÁLIA — 456 págs., 29 ilustrações, 80$00.

CÂNTICO SUSPENSO, de José Régio

Um livro inédito de poesia de José Régio, que António Sérgio justamente definiu como «um clássico da nossa Poesia moderna».

OBRAS COMPLETAS DE JOSÉ RÉGIO — 160 pág., 40$00.

APARIÇÃO, de Vergílio Ferreira

Em 6.ª edição, **Aparição** legitima perante o público as palavras de João Gaspar Simões: «Um dos romances mais notáveis escritos em língua portuguesa depois de Eça de Queirós».

OBRAS DE VERGÍLIO FERREIRA — 290 pág., 55$00.

NO RASTO DO CORSÁRIO, de Fernão Mendes Pinto

A adaptação ao português moderno, por Branquinho da Fonseca, de um dos relatos mais famosos da **Peregrinação** de Fernão Mendes Pinto.

BIBLIOTECA DOS RAPAZES — 3.ª edição, 180 págs., 25$00.

Portugália Editora
AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

Revisão do espaço literário

(Continuação da 8.ª página)

periência pessoal de três *habitats* lagunares, o escritor cria uma fictícia Gafeira, faz dela um feudo híbrido, desenha-a a traço expressionista com refracções surrealistas (as dos peixes que se sepultam no fundo, por exemplo), traz-nos à memória (não sei bem por que laços: os do «condado» ficto, talvez) o Faulkner de uma outra decadência social, mergulha-nos num limbo de imprecisão que, a golpes de escopro nítido, nos remete para um lusco-fusco que aquele autor e Guimarães Rosa, por exemplo, só puderam dar através de um certo barroquismo semântico, — luciferam-nos, enfim, com tudo o que há de luz e de satânico nisso. Recusa a narrativa «coesa», a adesão conceituosa ou estética «imediatas». Impõe a «realização» impossível, porque marginada sempre de elementos ignorados. E dá-nos um livro martelado, oficinal, redondo como uma esfera de aço cravada de púas! A crise do delfinato é-o, assim, da escrita também — ou da literatura como «tradição». Ao vermos sucessivas colagens — a pensão, a lagoa, o largo — perpassarem ante nós, somos leitores-câmaras que fixamos imagens não se sabe para que «montagem» ainda. E chegamos ao fim com tudo para refazer: a última página remete-nos à primeira, em leituras que umas às outras se impõem. É este o verdadeiro delfinato, se bem vejo. O que encadeia sucessões de cegos desiludidos da omnisciência seja do que for, mas não do que na própria cegueira é, lúcido e interveniente. Como se tudo fora visto no espelho negro do momento (belíssimo) em que Maria das Mercês, a «dona da Lagoa», se mira na vidraça, à noite, há uma penumbra de tragédia clássica a ausentar de nós os fios do destino, que coros insólitos sublinham: o ladrar dos cães presos, durante a missa; o cheiro a sabão-amarelo, na hospedaria; o girar da nora, ao anoitecer; o fartum a peixe rechinado coroando o fecho do horário de trabalho.

«CÁ estou» — abre a página inicial, a tal a que a última reenvia. E ocorre a carta de Camões: «cá vivem os homens na mão do mundo». Mas também o remexer de monografias históricas — tão hàbilmente sugeridas e desmontadas —, o deambular por velharias e anacronismos — as argolas para muares que circundam o largo, p. ex. —, abrem caminho para outras sugestões ou analogias: que é o Delfim senão um D. Pedro-o-Cru que perdeu a Coroa? e a mulher senão uma D. Inês que só depois de morta foi... adúltera? — O que me remete criticamente, caricaturalmente até, ao passado é distanciamento que incide sobre o presente também: se não é nítida a margem fuurante de que o olho é dela em qualquer caso que o perscruto. Tudo o que abranjo é ou vai sendo um ex —. Do próprio ponto de vista do escritor o é, quando impugna as matrizes gerais ou pessoais da obra pretérita. Questionar o presente é conhecer um tempo morto, pois mal se alcança já passou. Há fábricas que devoram florestas, matanças que escalvam a fauna, plásticos e sucedâneos que fazem do cá-estou um cá-estava.

O Delfim é, assim, a «estória» para-Histórica do delfinato impossível e, não obstante, homólogo daquele de que é procedente e precedente. Não abrange morgadios de bens apenas, mas de costumes, de gestos, de hábitos, de cultura. Ao senhor feudal que dava um lenço vermelho a cada súbdita em que ressarcia o *ius* (é latim ou francês?), povoando a região de papoilas embiocadas, segue-se o adultério-maneta, abstracto e fantasmático que coroa com um elmo-viking de rei-bobo o *pedigree* exsenhorial, se geram entre os reorganizadores (cooperativos?) do direito de caça. Que irão delfinar, não sabemos. Mas que se ex-delfinam é seguro.

Em torno disso, cinza. O remoer baço (mas deslumbrante) de páginas que ampulhetam um quotidiano garro. Desvairos de apocalipse. Lama adesiva sedimentando um discurso que enumera, justapõe, embrica, reduz, pulveriza. E tudo em prosa enxuta, implacável, de narrativa antipatriarcal. O alvoroço de cinco sentidos baralhados que tecem uma tapeçaria de palavras. Um romance-problema que suspende a crítica num ex-também: o do que só «realizará» em tempo literário tão desprendido deste quanto o da ficção o está da escrita. Livro em que *vamos*, portanto. Optimistas? Pessimistas? — Optimistas-pessimistas, com toda a certeza...

MÁRIO SACRAMENTO

* *O Delfim*, romance de José Cardoso Pires (Moraes).

Mário Sacramento

Revisão do espaço literário

DISCUTE-SE o como e o porquê da literatura de hoje. Aos que lhe abonam um optimismo formal (ou significante) opõem-se os que dela colhem um pessimismo de fundo (ou de significado), paradoxo que é o terminus de quantas conjecturas se fazem — e envolve uma rotação de público. É o intelectual, de facto, o leitor que visa, o que implica, por um lado, que é relativamente numerosa a sua presença urbana e, por outro, que se reputou falaz a tendência (anterior) para ir ao encontro de outros.

Não obstante, as obras mais vivas são as que problematizam isto mesmo e rompem o casulo dessas limitações. Pressupor um circuito fechado de leitores é condenar-se a um impasse. Ou adaptar-se ao que é extraliterário. Exprimi-lo, enfim, sem que se antecipe ou revele o que poderá suceder-lhe. E, todavia, não há leitor sem futuro, ou literatura com projecção neste que não passe pela mediação de hoje com o amanhã. Simplesmente acontece que, conscientes disso, muitos dos nossos autores implicam uma práxis do devir (quem se atreveria já a negá-la?), mas vivem à margem dela. E resulta daí um novo paradoxo (ou será o mesmo?): a presciência da mudança é tão evidente, que a especificidade literária a testemunha sem comparticipar. Há nisto um *Render dos Heróis*, digamos. Ou algo que recorda a frase do Dr. Silveira, nessa obra de Cardoso Pires: «Lá está o senhor convencido de que faz História. Gente como nós assiste a ela, e já não é mau». O falso Cego da peça simboliza o que nos enleia e conduz. O letreiro que ostenta é um catavento de incertezas, seja quando diz: *Já fui cego, agora vejo*, seja quando anuncia: *Sou cego, mas já vi.*

CRUZANDO este tema com *O Anjo Ancorado* e a *Cartilha do Marialva*, chegamos à soleira do romance circular que é *O Delfim* *, obra espessa em que vemos e não vemos também — a compasso com o autor Que não antecipa ou revela, mas contém. E nos obriga a esbracejar na bruma para encontrarmos o corrimão do futuro.

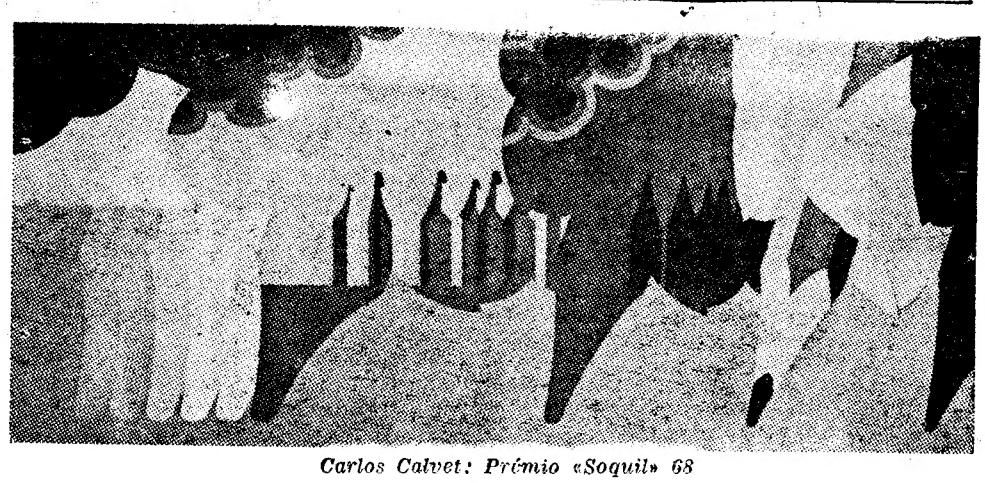
Retenho, antes de tudo, os que vão aos remos deste, sem o saberem: o Cauteleiro escarninho e profético, com suas bandas de lotaria litúrgica; os operários - camponeses - e - pescadores - -de-enguias, derramando campainhadas de bicicleta sobre o odor acre das frituras; as mulheres dos alugados por terras alheias, sombras dum há-de vir intérmino; o padre-novo, que ao certo não o é ainda, e remói escrúpulos entre o cume e a base; o mestiço-maneta, homem para todo o serviço que envolva sofrer e é um terceiro mundo a catalizar a perdição do primeiro; o regedor-reformista, atento às boas regras da cooperação cinegética; a hospedeira-cronista da enxúndia meticulosa e complacente, para quem o passado é uma eternidade que em cada dia se escarola e reveste; e, para lá disso, algo que não sabemos o que é mas comanda os títeres e move com eles o barco. Porque isto anda, com o delfinato que morre. Como, porquê, para onde? Impossível sabê-lo, inútil prevê-lo à escala dum lugarejo. Mas lugarejo que é mundo onde os mitos se desfazem e refazem Onde a História é um passado confuso e a «estória» um presente opaco Com a arma prestes para uma caçada que adiará, o escritor revolve a insónia que agora (futuro) descreve. Não está em tempo algum: a sincronia que apreende diacroniza-se, arrastando-o consigo. A lagartixa que é estilhaço de lápide, imagem inerte e defunta, é afinal um bichinho rabioso: jaz ou serpeia? Jaz, e serpeia — é questão de referência. É preciso dormir com o romance, entrar para a dimensão oculta que justapõe página com página, relê-lo portanto até nos impregnarmos dele, para dominarmos esse planar que é voo. José Cardoso Pires não pactua nunca com o estandardizado, suprime o supérfluo e giza significações em radiografia, digamos, cujas séries aparentam a secura dum guião cinematográfico, mas têm a acidez dum estilo sempre inovador e tanto mais pessimista como realização formal, quanto mais optimista como amor do real perseguido

RECORDO a recensão à *Cartilha do Marialva*, aqui publicada, em que apresentei o ensaio como a prefiguração conceptual dum símbolo artístico incriado ainda. Não direi que *O Delfim* se me imponha como a vitória disso. Com ser o mais notável romance dos últimos anos (na medida, até, em que é uma problematização do romance em manchas sucessivas, ora confluentes ora contraditórias) e um soberbo passo no sentido que a *Cartilha* visava, a figura central está ainda muito próxima do escritor para ser o herói negativo que o propósito requer. Mais viva é por isso mesmo, talvez Mas menos autónoma. Confronte-se, aliás, a *Cartilha* com o que há de ensaístico na insónia do caçador e de pre-fixo na aventura evocativa do escritor, no acto de efabular, e logo se verá que os passos se sucedem sem o salto que os transponha.

«O Delfim»: contraste histórico em Tempo e Espaço

O engenheiro Palma Bravo, filho, neto, bisneto, trineto tetraneto de coutreiros-mores, monta um ginete do seu tempo — um *Jaguar* — que lhe devora fazenda, honra e progénie, despojando-o de mulheres, criados e descendentes. É um modo de dizer, está claro. Mas ser *um* modo não tem, por isso mesmo, a singularidade insubstituível do símbolo ultimo. Dizê-lo é procurá-lo ainda, pois o símbolo não é dito, diz-nos. Eis-nos assim a remanchar, com o narrador, o que ao longo da noite recorta, cola, baralha. A debilidade é força — leva-nos no seu encalço. Fundindo a ex-

(Continua na 7.ª página)



Carlos Calvet: Prémio «Soquil» 68

Iniciativas e prémios (bis)

Folhetim artístico de José-Augusto França

...*AMEN* DIZIA EU, ao cabo do meu último folhetim.

Tratava-se, se bem me lembro, de um apelo aos artistas pátrios para se empenharem na possibilidade de uma transformação ou de uma viragem conjuntural da vida artística portuguesa.

Escrevo *conjuntura* e não *estrutura*. E explico-me.

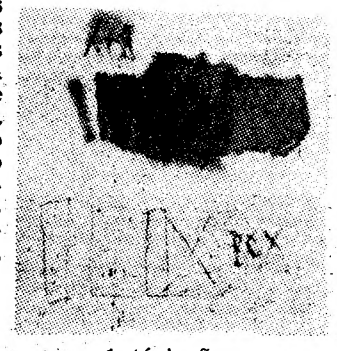
As iniciativas e os prémios projectados ou oferecidos (e desde que escrevi o folhetim anterior outras e outros me chegaram aos ouvidos, ou para eles e elas ful consultado) constituem um elemento precioso e imediato de tal viragem. Será tolice ou má fé não dar conta dele ou não o admitir em nome de mirificos princípios de independência que em época alguma e em parte nenhuma os artistas conheceram. Seria, em suma, adoptar uma posição romântica e gostosamente «maldita», de artista-contra-a-sociedade — coisa de uma mentalidade passada e passadista, fronteira idealista que convém franquear, como se franqueia a adolescência física e ideológica.

Independentes da sociedade, os artistas? Desta ou daquela, de hoje ou de ontem? Ou de amanhã? Esse é um dos narizes-de-cera duma sociologia, da arte ou não, definida no momento do abalo industrial dos fins do século XX. Falava-se então de indivíduo e sendo o artista um indivíduo, por excelência até, bem de ver estava que havia de se opor à sociedade constrangedora. Hoje fala-se de outra coisa e uma integração, mesmo anárquica, pressupõe dialécticas e acordos que constituem a tarefa maior do nosso tempo. Ficar, ao nível das artes visuais também (e volto à minha lavra quinzenal), preso a conceitos e preconceitos de entre-as-duas-guerras, é um erro de vivência que caro se pagará.

Conjuntura, então, eu escrevi. Isto é: jogo momentâneo de forças, seu acordo e sua solução temporal e especial, aqui e agora. *Aqui e agora*, repito, que nessas duas dimensões há que agir. Outras não temos, de resto, como é bom de ver — por enquanto

Mas alguma discordância que a minha defesa de tais iniciativas e prémios possa ter suscitado (e mesmo de Paris, donde escrevo agora, posso adivinhá-las) tem sua razão de ser. Sua razão de ser num plano *estrutural*.

Não se tratará agora dum aqui, nem dum agora sòmente — mas duma globalização de locais e duma futuração de tempos. Por outras e mais comezinhas palavras: duma integração dos problemas nacionais e outros da vida artística geral, do Ocidente, pelo menos, e duma sua definição em termos de futuro, segundo um programa bem estudado e estabelecido.



António Sena

Por muito o ter dito, neste deserto de surdos de defeito auditivo ou de prudência mental, escusaria de o repetir agora. Mas não será de mais. E ficara bem claro que é nesse plano que o combate terá de ser travado. «à la longue». Combate difícil por falta de hábito de nestas coisas se pensar — mas inocentemente fácil também, porque se trata de começar tudo pelo princípio, de varrer fantasmas em que ninguém na verdade acredita. Portugal é neste domínio (se não em outros) um país privilegiado. Está à mão de semear, por assim dizer. No dia em que a luz verde se acender, se totalizará uma mudança estrutural com bizarra e quase paradoxal facilidade. Verão VV. E.as — ou os seus e os meus netos...

Não há muito, e noutro tom de seriedade deixei neste jornal algumas sugestões sobre «As Artes Visuais e a Reforma Univer-

(Continua na 7.ª página)

A EVOLUÇÃO ECONÓMICA DE PORTUGAL DOS SÉCULOS XII A XV
pelo Dr. ARMANDO CASTRO

Assinalando a publicação do 8.º volume e a edição ilustrativa de *um disco* de 45 r. p. m., apresentado num álbum, de

Música Medieval Galaico Portuguesa
Século XIII
(Três Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio, e Três Cantigas de Amigo de Martim Codax)

ARMANDO CASTRO
estará presente sábado, dia 14 de Dezembro, a partir das 17.30 h., na

LIVRARIA LEITURA
Rua de Ceuta, 88 — PORTO

onde autografará os seus livros
Às 21,30 horas, colóquio na
ORDEM DOS ENGENHEIROS, à Rua Rodrigues Sampaio,
orientado pelo Dr. Óscar Lopes

PORTUGÁLIA EDITORA
Avenida da Liberdade, 13, 3.º — LISBOA